



Meu

BEBÊ,

Minha

REDENÇÃO

JÉSSICA MACEDO



Meu **BEBÊ,**
Minha
REDENÇÃO
JÉSSICA MACEDO

 **Segredo**

Belo Horizonte | 2021

Copyright ©2021 Jéssica Macedo

Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento ou a reprodução de qualquer parte desta obra - física ou eletrônica -, sem autorização prévia do autor. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Projeto Gráfico de Capa e Miolo

Jéssica Macedo

Preparação de Texto

Aline Damasceno

Copydesk

Patty Trigo

Revisão

Ana Roen

Esta é uma obra de ficção. Nomes de pessoas, acontecimentos, e locais que existam ou que tenham verdadeiramente existido em algum período da história foram usados para ambientar o enredo. Qualquer semelhança com a realidade terá sido mera coincidência.

Sumário

[Sumário](#)

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo um](#)

[Capítulo dois](#)

[Capítulo três](#)

[Capítulo quatro](#)

[Capítulo cinco](#)

[Capítulo seis](#)

[Capítulo sete](#)

[Capítulo oito](#)

[Capítulo nove](#)

[Capítulo dez](#)

[Capítulo onze](#)

[Capítulo doze](#)

[Capítulo treze](#)

[Capítulo quatorze](#)

[Capítulo quinze](#)

[Capítulo dezesseis](#)

[Capítulo dezessete](#)

[Capítulo dezoito](#)

[Capítulo dezenove](#)

[Capítulo vinte](#)

[Capítulo vinte e um](#)

[Capítulo vinte e dois](#)

[Capítulo vinte e três](#)

[Capítulo vinte e quatro](#)

[Capítulo vinte e cinco](#)

[Capítulo vinte e seis](#)

[Capítulo vinte e sete](#)

[Capítulo vinte e oito](#)

[Capítulo vinte e nove](#)

[Capítulo trinta](#)

[Capítulo trinta e um](#)

[Capítulo trinta e dois](#)

[Capítulo trinta e três](#)

[Capítulo trinta e quatro](#)

[Capítulo trinta e cinco](#)

[Capítulo trinta e seis](#)

[Capítulo trinta e sete](#)

[Capítulo trinta e oito](#)

[Capítulo trinta e nove](#)

[Capítulo quarenta](#)

[Capítulo quarenta e um](#)

[Capítulo quarenta e oito](#)

[Capítulo quarenta e três](#)

[Capítulo quarenta e quatro](#)

[Capítulo quarenta e cinco](#)

[Capítulo quarenta e seis](#)

[Capítulo quarenta e sete](#)

[Capítulo quarenta e oito](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Outras obras](#)

Sinopse

Badboy e bilionário, eu sou o rei do Texas! CEO e principal dono da Global Oils, uma enorme petrolífera, sempre tive tudo o que quis e dinheiro suficiente para liquidar qualquer empecilho. Beleza e charme também são umas das minhas qualidades, o que fazia com que as mulheres se atirassem aos meus pés.

Prestes a iniciar a extração de uma nova jazida petrolífera, que me tornaria ainda mais rico e poderoso, Olivia Garcia se tornou uma pedra no meu caminho. A rancheira pobre se recusava a vender a propriedade para a minha empresa, mas ela iria descobrir que dinheiro não era o meu único poder.

Disposto a tudo para conseguir o que eu queria, me passei por um cowboy, a seduzi e a convenci a me dar o que queria.

O destino sempre esteve na minha mão, ou eu achava que era assim até uma reunião de negócios em um restaurante me fazer reencontrá-la com um bebê nos braços, que tinha os meus olhos azuis, mudando instantaneamente a minha noção de amor...



Andrew

Prólogo

Um mês atrás...

— Isso! — gemi baixo ao sentir os lábios macios escorregando pela extensão do meu membro e me fazendo revirar os olhos, enquanto me recostava no encosto da cadeira de couro no meu escritório.

Segurei o cabelo da mulher que mal me recordava o nome e empurrei a sua cabeça para baixo, fazendo com que me engolisse mais até que minha glândula tocasse a sua garganta. Ela chiou, mas continuou sugando segundo as minhas instruções. Puxei-a com mais força quando senti o prazer se aproximando e me preparei para gozar. No instante em que o meu corpo chegava ao ápice, ouvi uma batida na porta, mas continuei segurando a mulher pelo rabo de cavalo até terminar.

— Senhor... — Uma voz familiar ecoou do outro lado da porta.

— Estou ocupado, Charles.

— Os sócios chegaram para a reunião mensal.

— Hoje?

— Sim, senhor. Toda primeira segunda-feira do mês.

— Droga! — Resmunguei ao puxar meu celular e ver que ele estava certo.

Eu havia me esquecido completamente daquele compromisso e era importante demais para que eu o cancelasse.

— Já estou indo.

— Eles não podem esperar.

— Eu sei — falei com tom de fúria.

Empurrei a minha cadeira mais para trás até que ela batesse na parede. A mulher se afastou e levantou, limpando o canto da boca com as pontas dos dedos.

— Preciso que você saia.

— Mas ainda nem começamos! — Ela se aproximou, passando as mãos pelos meus ombros e me sorrindo de um jeito malicioso, com os lábios borrados, pois parte do batom tinha ficado no meu pau.

— Tenho um compromisso mais importante agora. — Peguei a minha carteira, tirei algumas notas de cem e entreguei para ela.

— Sai pelos fundos e não deixa ninguém te ver.

— Mas, senhor...

— Vai!

Ela assentiu, dobrou as notas e as guardou no sutiã, enquanto eu ajeitava a minha calça e fechava o zíper.

Abri a porta para guiar a mulher para o lado de fora e me deparei com o Charles.

— Senhor...

— Leve-a embora e não deixe que a vejam.

— Sim. — Ele assentiu. — Os sócios...

— Estou indo para lá.

— Ótimo. — Meu assistente guiou a mulher para longe enquanto eu ajeitava a gravata e seguia para a sala de reunião.

No fim do longo corredor da administração da Global Oils ficava uma enorme sala com paredes de vidro e uma mesa de madeira ovalar com cerca de vinte cadeiras. Frequentemente, eu me sentava na cabeceira para discutir detalhes importantes para a empresa petrolífera que eu havia acabado de assumir. Ela estava na

minha família por gerações e era um grande império que fornecia o produto para os Estados Unidos e parte do mundo.

— Bom dia! — Puxei a minha cadeira e olhei para os homens e mulheres que estavam reunidos ali.

— Certamente não é um descendente de ingleses — debochou Sarah, a mulher com língua afiada não perdia a oportunidade de me alfinetar. Infelizmente a cobra nem era gostosa para que eu quisesse colocá-la de quatro na minha mesa.

— Ainda bem que os pontos que critica em mim são compensados com outros atributos — disse em tom firme.

— Ego certamente é um deles. — Ela empinou o nariz ainda mais e eu não soube se ainda estava falando sobre mim ou se havia olhado para si mesma.

— É bom estarmos todos aqui. — Hector, um homem grisalho, que estava na empresa desde os tempos do meu pai, tentou ser a razão no momento, afastando as indiretas e provocações da mulher.

— Vamos começar? — Percorri a sala, observando os olhos de cada um deles e todos assentiram com um movimento de cabeça.

— Com a descoberta da nova jazida se iniciou uma corrida ao ouro, mas felizmente conseguimos comprar quase todos os terrenos na região — Hector começou a falar.

— Quase todos? — questionou outro dos homens presentes.

— Ainda falta um pequeno rancho que está bem no centro da exploração. Estamos encontrando muita resistência dos donos para a venda do lugar — continuou Hector.

— Ofereçam o dobro — autorizei.

— Já oferecemos o triplo, senhor Campbell.

— Então provavelmente querem mais. Temos que pensar no quanto aquelas terras podem nos gerar lucro, mesmo se perdemos um pouco mais na oferta.

— Eu não acho que seja isso.

— Como não? — Afunilei os olhos, um pouco irritado. Se havia algo que eu tinha certeza era de que o dinheiro poderia comprar tudo.

— Imagino que não seja dinheiro que vai convencê-los a vender o lugar.

— Em que pensaram para resolver a questão? — Voltei a encará-los.

— Há uma hipoteca que parou de ser paga há alguns meses. Se o banco tomar o rancho poderemos arrematá-lo, mas ao mesmo tempo poderá chamar a atenção de outras empresas que estejam interessadas nesse mesmo terreno, o que não seria nada bom.

— Então ou convencemos os donos ou esperamos que o rancho seja tomado pelo banco.

— Sim.

— Prefiro a primeira alternativa.

— Já tentamos, senhor — Hector me encarou com uma expressão de quem já tinha feito tudo o que era possível.

— Não tentaram o bastante. Todo mundo tem um preço. Só precisamos descobrir qual é o deles.



Olivia

Capítulo um

Enxuguei as lágrimas do rosto com as costas das mãos depois de colocar um porta-retrato de volta sobre o móvel da sala. Na foto, eu ainda era uma adolescente convivendo com os meus pais naquele velho rancho que fora comprado pelos meus avós quando eles imigraram para o Texas há muitos anos.

Meu pai havia falecido e eu só conseguia olhar para tudo com muita saudade e pensar no quanto eu estava terrivelmente sozinha. Talvez eu estivesse sendo punida pela minha decisão de me afastar deles para cursar gastronomia em Nova York.

Deveria ter ficado ali, mas fugi no momento em que meus pais mais precisavam de mim. Minha mãe havia falecido há seis anos devido à complicações de um câncer de mama. De lá para cá, meu pai e eu não éramos mais os mesmos. Ele focou no trabalho do rancho e eu fui para longe com a bolsa que consegui.

Voltara para casa há pouco menos de um mês e sentia que mal tivera tempo de me despedir do meu pai até que ele morresse de um infarto fulminante. Lá estava eu, de volta ao Texas e tão sozinha quanto estive nos últimos anos.

Ao mesmo tempo em aquele rancho era tudo o que eu tinha dos meus pais, cada lembrança de momentos juntos tornava mais sofrido pensar em viver ali sem eles. Afastei-me da sala e fui até a porta da casa. O sol estava fraco, mas ainda tocava as folhas da árvore que ficava bem na entrada, onde o meu pai havia colocado um balanço para mim quando eu era pequena. Ele resistiu o passar dos anos e continuava da mesma forma. Aquele ponto, assim como a casa toda, era cheio de memórias, tristes e felizes ao mesmo tempo.

Agachei-me no chão e vi uma correspondência do banco no nome do meu pai. Peguei e a abri, sem estar pronta para ver o que era. Falava sobre a hipoteca do rancho e algumas parcelas que já estavam vencidas.

Fiquei alarmada, afinal não tinha qualquer conhecimento de que os meus pais haviam hipotecado a nossa casa, mas, pela data do empréstimo, coincidia com o tratamento da minha mãe. Deduzi que precisaram do dinheiro para as custas médicas dela, tratamento o qual infelizmente não foi o bastante para salvá-la.

Eu tinha um rancho, uma dívida e poucas economias, que não seriam nem o bastante para me manter naquele lugar por um tempo.

Subi até o meu quarto para tirar o vestido preto enquanto pensava no quanto aquele lugar era importante para os meus pais. Papai tinha crescido ali e com frequência contava sobre como amava o local.

Não o venderia por nada, lembrava dele dizendo quando eu questionava por que não saíamos dali e nos mudávamos para uma cidade maior, como Dallas ou mesmo Nova York. Meu pai tinha espírito de rancheiro, Nova York não era para ele. Tinha nascido e morrido naquele lugar e, de certa forma, achava que ele estava contente com isso.

Naquele momento, restava a mim apenas preservar a lembrança dos dois e fazer o melhor possível para manter o lugar.



Andrew

Capítulo dois

Estava estudando as decisões a tomar e em como propor a compra do último terreno que faltava para termos a posse total da jazida petrolífera recém-descoberta. Minha primeira alternativa era ir até lá pessoalmente, oferecer dinheiro e mais dinheiro, assim como os meus homens haviam feito várias vezes ao longo do ano.

Logo me veio uma notícia mais positiva para os meus planos, o antigo proprietário havia falecido, deixando o rancho e todas as suas possíveis dívidas nas mãos da única filha, uma mulher de vinte e dois anos, que provavelmente não iria querer cuidar do local.

Concentrado em outros assuntos da empresa, mandei que o Charles fosse negociar por mim. Ofereceríamos duas vezes o valor que aquele punhado de terra valia sem o petróleo e a garota aceitaria sem questionar. Entretanto o plano não saiu como eu esperava, e Charles foi enxotado do lugar, com uma espingarda velha.

Felizmente, eu tinha um talento particular com as mulheres e estava disposto a colocá-lo em jogo para convencê-la a me dar o que eu queria.

Estava vasculhando sobre o rancho na internet quando vi uma vaga de emprego para ajudar no local e tive uma brilhante ideia. Tudo o que eu precisava era estar perto dela. Após um dia perto de mim, ela iria assinar o documento de venda e mudaria para onde achasse melhor.

— Senhor, tem certeza de que essa é uma boa ideia? — Charles questionou quando paramos alguns metros da entrada do rancho para que eu não fosse visto descendo de um carro sofisticado e caro demais para o papel que eu interpretaria.

— E quando tenho ideias ruins? — Abri um sorriso malicioso ao pegar o chapéu e o colocar na cabeça.

Diferente dos ternos alinhados e de alta costura que eu costumava usar, estava numa calça jeans barata, uma camiseta simples e com o meu cabelo ,sempre tão alinhado, sendo amassado por um chapéu de cowboy.

— Preciso de um dia com ela para que faça o que eu quiser.
— Pisquei para o Charles ao complementar.

— Tenha uma boa sorte. — Ele pegou uma mochila no banco de trás e a entregou para mim.

— Obrigado.

Antes de me enveredar naquela aventura, rumo a concretização de um dos negócios mais importantes da história da Global Oils, tinha visto alguns vídeos sobre como era cuidar de uma fazenda e esperava conseguir me virar bem, afinal, deveria ser bem mais simples do que lidar com as cobras e tubarões do meio corporativo.

Ajeitei a mochila nos ombros e segui caminhando pela estrada até que senti o meu pé afundar em algo.

— Eca! — Fiz uma careta ao limpar minha bota na grama.

As pessoas poderiam cuidar melhor do lugar onde seus animais passavam ou levar um saquinho, como os passeadores de cães.

Apesar do pequeno contratempo, não me deixei dissuadir do meu objetivo.

Atravessei a entrada do rancho e segui até a porta da casa. Dei duas batidas e esperei que abrissem. Demorou um pouco, ou só era eu impaciente.

— Oi! — Uma mulher abriu a porta.

Ela era jovem, tinha traços latinos, cabelos e olhos castanhos. O sorriso se alargou quando seus olhos encontraram os meus, mas não foi uma surpresa que ela ficasse contente ao me ver, todas as mulheres ficavam.

— Bom dia! — Toquei na aba do chapéu.

— Você deve ser o Andrew.

— Isso.

Eu poderia informar para ela um nome diferente do meu verdadeiro, mas preferi mudar apenas o sobrenome, já que poderia acabar estranhando caso fosse chamado por outro nome.

Poderiam dizer que não, mas sempre fui muito esperto.

Umedeci os lábios enquanto a encarava e esperei que suspirasse, mas isso não aconteceu.

— Você está atrasado.

— Ah.

— Sei que disse na descrição do anúncio, mas vou avisar de novo. Não posso pagar muito, mas vou oferecer moradia e alimentação.

— Tudo bem.

— Que bom que concorda. Vem comigo. — Fez um gesto para que eu a seguisse e saiu da entrada da casa, fechando a porta atrás de si. — Vou mostrar onde você vai ficar.

Seguimos por uma trilha na grama até um pequeno casebre que ficava nos fundos da casa principal. Ele era menor do que qualquer quarto que eu havia ficado na vida. Apesar de ser feito de alvenaria, parecia quase um trailer, de tão compacto.

Assim que ela abriu a porta, tossi com a nuvem de poeira que saiu do ambiente.

— É, não está muito limpo. — Abriu um sorriso amarelo.

— Você não limpou? — Deixei escapar no meu típico tom rude.

— Estava ocupada com outras coisas. — Ela colocou as mãos na cintura e cerrou os dentes para mim. — Como dar comida para os animais, já que você chegou bem depois do horário combinado. Você pode começar limpando aqui. Trago a janta para você no fim da tarde e amanhã você acorda antes das seis para dar comida aos animais e limpar as baias.

Mal tive tempo de dizer qualquer outra coisa antes dela se afastar e sair pisando duro, desaparecendo na casa principal.

Puxei a alça da mochila e olhei para o ambiente onde precisaria passar a noite. Era precário, empoeirado e não tinha o mínimo de conforto com o qual eu estava acostumado. Nem precisava perguntar quantos fios tinha o lençol manchado na pequena cama de solteiro.

De repente, percebi que a minha ideia genial poderia parecer bem mais complicada de executar do que achei num primeiro momento.

Meu celular começou a tocar no bolso e eu o atendi.

— Charles?

— Está correndo tudo bem, senhor?

— Depende da perspectiva.

— Não entendi.

— Sou o novo empregado do rancho.

— Essa é uma notícia maravilhosa. — Ele deu uma risadinha do outro lado da linha, o que me deixou um pouco mais irritado, entretanto tentei ignorar.

— Preciso que traga algumas coisas para mim.

— Acabei de voltar para o hotel na cidade.

— Dê um jeito.

— O que precisa, senhor? — Ele engoliu em seco.

— Quero uma faxineira, comida e roupa de cama limpa e descente.

— Agora?

— Claro que agora!

— Vou providenciar.

— Ótimo.

Desliguei a chamada e fui para fora do pequeno casebre. Me recusava a permanecer respirando toda aquela poeira, ácaros e mofo.

Depois de sair dali, precisaria de um tempo digno de descanso com todas as mordomias que tinha direito por ser um Campbell e CEO da Global Oils.

Levou algumas horas para que a faxineira que Charles havia mandado aparecesse no horizonte. Fiz um gesto para que ela

passasse por detrás das árvores e se escondesse, afinal não queria que a Olivia a visse.

— Boa tarde, senhor.

— Boa tarde.

— Preciso que limpe tudo e troque a roupa de cama.

Ela assentiu, balançando a cabeça em sinal afirmativo ao entrar no receptáculo de poeira.



Olivia

Capítulo três

Tinha achado o tal do Andrew minimamente estranho, mas como dizia o meu pai, cavalo dado não se olhava os dentes. No momento, precisava de um empregado que aceitasse micharia como pagamento ou não conseguiria manter o rancho sozinha.

Estava fazendo aquilo pelos meus pais e acreditava ser o certo, entretanto não consegui parar de pensar no quanto era desafiador. Além do meu maior medo que era a hipoteca, que eu não sabia como iria conseguir pagar.

Aproximei-me da janela e vi luz vindo da casa do caseiro. Esperava que o tal de Andrew, que tinha experiência no cuidado em outros ranchos, pudesse me ajudar com a produção de laticínios que o meu pai mantinha sozinho, e fazer com que as coisas voltassem ao curso normal. Iria vender a produção na cidade, assim como os meus pais faziam. Quem sabe poderia até incluir algumas receitas pessoais e tentar conseguir uma clientela?

Cozinhar era uma paixão para mim e esperava conseguir conciliar os cuidados com a fazenda com essa atividade. Esperava

ganhar um pouco mais oferecendo pratos deliciosos e de fácil preparo.

Peguei alguns ingredientes que havia colhido no próprio rancho e fui para a cozinha preparar o meu jantar e o de Andrew.

Com sorte, depois de me estabelecer no rancho, poderia trazer outras pessoas para me ajudar e levaria o local de volta ao tempo em que meu pai e minha mãe estavam vivos, bem e empenhados.

Terminei a refeição e fui até a casa do caseiro atrás do Andrew, para ver se ao menos ele tinha conseguido dar uma faxina no local, já que os próximos dias de trabalho seriam pesados e ele provavelmente não teria tempo.

Bati na porta e ele abriu.

Tomei um susto ao vê-lo só de calça. Não era como se eu nunca tivesse visto um homem sem camisa antes, só não estava esperando aquela surpresa. Ele era forte, assim como eu imaginava que um homem que trabalhava com roça deveria ser. Ele tinha um peitoral largo, com ombros distanciados, e os músculos do abdômen eram bem definidos ao ponto de me deixar corada. Entretanto, o que

mais me deixou surpresa foi o tom da sua pele. Ele era muito claro para alguém que deveria se expor muito ao sol.

— Olivia. — Ele deu um passo na minha direção e eu dei outros dois para trás.

— Senhorita Garcia.

— Como quiser, senhorita.

— Por que está sem camisa?

— Estava me preparando para tomar um banho. Estava suado depois de arrumar essa casa. Ela estava imunda.

Olhei para o ambiente e percebi que realmente estava bem limpo, quase como se cheirasse a alvejante.

— Você se saiu bem.

— Sou o melhor no que faço. — Piscou para mim.

Eu estava bem acostumada com pessoas arrogantes em Nova York, entretanto era bem evidente que elas também existiam no Texas, independente da sua etnia ou classe social.

— Em que posso ajudá-la? — Ele cruzou os braços, ressaltando ainda mais os músculos dos tríceps.

— Terminei o jantar.

— Onde está? — Olhou de um lado para o outro ao ver as minhas mãos vazias.

— Pode ir até a cozinha comer comigo.

— Ah, obrigado.

Fiz um gesto para que ele me seguisse, mas parei no meio do caminho ao olhar para ele.

— Não vai colocar uma camisa?

— Está quente, você não acha?

— Não muito.

Ele deu de ombros, mas não se preocupou em colocar a camisa. Era um tanto folgado, porém mais bonito do que eu gostaria de admitir. Eu não achava adequado olhar para ele daquele jeito, uma vez que o sujeito estava ali para trabalhar na fazenda, mas parecia quase impossível desviar os olhos.

Seguimos em silêncio até a porta da cozinha.

Eu tinha preparado uma carne assada, que havia comprado na cidade no sábado, e feito uma salada com itens da horta.

— Pode pegar. — Entreguei para ele um prato.

Ele tomou da minha mão e se serviu de pequenas porções. A cara dele não era das melhores enquanto colocava no prato, mas abriu um sorriso na primeira garfada.

— Melhor do que eu imaginava.

— Devo considerar como um elogio?

— Sim. O sabor é bom. Foi você quem fez?

Balancei a cabeça em afirmativa antes de colocar um pouco para mim e me sentar diante dele na pequena mesa redonda da cozinha.

— Desde criança sempre gostei muito de cozinhar. Fiz faculdade de gastronomia.

— Está se saindo bem. Pensa em montar um restaurante?

— Estava nos meus planos, mas agora tudo mudou.

— Por quê?

— Meu pai morreu.

— Sinto muito. Também perdi o meu não faz muito tempo.

— Obrigada.

— Isso não a impede de abrir um restaurante.

— Não consigo tomar conta do rancho e de um restaurante ao mesmo tempo. Preciso que esse lugar comece a dar lucro, e vou colocar todos os meus esforços nisso.

— Fiquei sabendo que tem uma empresa comprando os ranchos da região. Por que não vende esse e monta o restaurante?

— Eu não posso.

— Por que não?

— Devo aos meus pais cuidar desse lugar.

— Não pode ficar presa aqui para sempre.

— Esse rancho é muito importante. Não vou entregar nas mãos de qualquer um, que vai destruir todas as minhas lembranças em função de alguns armazéns, ou furar tudo em busca de petróleo.

— Nem se for bastante dinheiro?

— Na vida o que mais importa não pode ser comprado ou vendido.

— Eu discordo!

— Então se veio procurando por dinheiro parou no lugar errado. Eu não tenho. — Cerrei os dentes e ele se calou.

Andrew abaixou a cabeça e deu mais algumas garfadas na comida.

— Acho melhor você ir dormir. Amanhã tem que acordar cedo para trabalhar. — Levantei-me e fui até a geladeira, pegando uma lista de tarefas que havia pendurado ali com um imã.

— Pode me dar um copo d'água?

— Sim. — Entreguei a lista para ele e fui pegar a água. — Você precisa fazer as tarefas listadas. Faça na ordem para que uma não prejudique a outra.

— Tudo isso? — Franziu o cenho.

— Sim, tudo.

— Okay.

— Ótimo. — Apontei para a porta e ele se levantou, olhando para mim por mais um tempo até se decidir ir embora e fechar a porta atrás de si.

Aquele cara era estranho, mas sentia que precisava dele, ou não iria conseguir sozinha me manter naquele lugar.



Andrew

Capítulo quatro

Acordei com o meu celular tremendo debaixo do travesseiro. Ele vibrou e tocou por minutos a fio até que eu criasse a coragem de pegá-lo e desligar o alarme do despertador. Era dez para as seis da manhã e meus olhos se recusavam a ficar abertos.

Só de pensar que eu precisava acordar e fazer alguma tarefa braçal, eu já tinha vontade de voltar a dormir, o que também não estava sendo ótimo como costumava ser. Apesar dos lençóis macios que Charles havia enviado, o colchão era ruim e o travesseiro pior ainda. As minhas costas estavam doendo e eu havia dormido completamente de mal jeito.

Peguei o celular e liguei para o Charles.

— Senhor — resmungou do outro lado da linha, com uma voz sonolenta após ter levado uma eternidade para atender.

— Ainda está dormindo?

— Acordei com a sua ligação.

— Dormiu bem?

— É claro que não. Só falta ter pulga nesse colchão horrível.

— Eu lamento.

— Não é o único. — Sentei na cama, espichando o corpo na tentativa de estalar as minhas costas para que elas doessem menos.

— Preciso que remaneje todos os meus compromissos, não volto para a empresa hoje.

— Presumi isso.

— Um pouco de eficiência não faz mal, não é mesmo? — Dei uma pequena pausa, esticando o meu corpo para frente. — Depois que fizer isso, preciso que mande o Hector vir até aqui e abordar a Olivia Garcia novamente. Que ele ofereça três vezes mais do que estávamos dispostos a pagar, mas diga que ela tem apenas uma semana para responder.

— O que o senhor fará enquanto isso?

— Persuadi-la de que vender é a melhor alternativa.

— Que o senhor consiga.

— Não duvide de mim. — Abri um sorriso ao pensar nela desconcertada ao me ver sem camisa. As mulheres sempre cediam a tudo o que eu queria, ainda que algumas delas levassem um pouco mais de tempo.

— Boa sorte, senhor.

Desliguei a chamada.

Levantei da cama, peguei a calça jeans e a coloquei sobre a cueca com que eu havia dormido. Tinha o hábito de me lavar pelas manhãs, porém não estava com coragem para tomar banho gelado novamente, porque não havia conseguido no dia anterior consertar o chuveiro elétrico estragado.

Quando saí da casa, o sol tocou a minha pele e eu lamentei não ter trazido um frasco de protetor. Sempre de terno, em prédios e ambientes fechados, como o interior do meu carro, eu costumava tomar pouco sol e não era um grande fã de me bronzear, mesmo morando na capital do Texas a minha vida toda.

— Andrew! — ouvi a Olivia gritar pouco antes de aparecer no meu campo de visão.— Já tirou o leite?

— Leite? — Franzi o cenho.

— Sim, o leite.

— Ainda não. — Tateei o bolso a procura da lista de papel que ela havia me entregue na noite passada e não a encontrei, provavelmente havia deixado no quarto.

— Já está atrasado!

— Eu vou lá. — Comecei a caminhar para um sentido.

— O estábulo fica naquela direção. — Indicou com o dedo ao perceber que eu estava indo para o caminho errado.

Assenti e segui as orientações. Caminhei até entrar em uma construção de madeira com várias baias, e em duas tinham cavalos e no restante ficavam as vacas.

Parei diante de uma delas e o bicho mugiu.

— É, eu também preferia não estar aqui, mas parece que nem sempre tudo é como a gente quer.

Ela ficou olhando para mim, mas eu achava pouco provável que entendesse qualquer coisa que eu falasse.

Permaneci encarando a vaca e ela a mim. Precisava tirar leite, mas me recordava vagamente de como fazer a ordenha mostrado em um dos vídeos que eu vira sobre a vida em um rancho.

Peguei um balde de metal, um banquinho e entrei na baia. O cheiro de esterco me fez revirar o nariz, mas tentei me conter, porque a pior parte, que seria limpar o local, ainda estava por vir.

— Não deve ser tão difícil — comentei ao me aproximar das tetas da vaca.

Ela mugiu, mas eu não sabia se estava concordando comigo ou não.

Segurei uma teta e puxei para baixo, mas nada saiu.

— Saco! Vamos lá, não tenho o dia todo.

Estava ficando irritado quando peguei o meu celular e procurei algum vídeo que me ensinasse como ordenhar. Segui o passo a passo do vídeo e notei que eu estava fazendo errado antes.

O leite foi escorrendo para o balde até que eu consegui enchê-lo.

Peguei o balde e fui o carregando até a casa, onde Olivia estava lendo algumas correspondências.

— O que foi? — Ela levantou a cabeça da carta para olhar para mim.

Seus olhos pareciam levemente inchados, e considerando a logo do banco que vi no envelope, deduzi que aquela poderia ser uma carta sobre a hipoteca.

— Trouxe o leite num balde!

— Sim. No balde. Não era?

— Claro que não.

Revirei os olhos e bufei.

— Guarda nos tonéis de alumínio. Só vai ter terminado quando ordenhar todas as vacas.

— Todas?

— Sim, todas.

— Tá bom.

Estava um pouco descontente e odiando aquela história de ter que fazer serviço pesado, mas eu tinha um objetivo que precisava ser alcançado.



Olivia

Capítulo cinco

Eu realmente não consegui chegar à conclusão se o Andrew não fazia ideia do que acontecia em um rancho ou se ele estava fazendo tudo aquilo para me testar. Se era isso, eu não sabia por qual motivo e, honestamente, não conseguia pensar a respeito enquanto encarava a carta do banco falando sobre as prestações atrasadas que o meu pai não pagava há quatro meses. Apesar da sua morte, ele não havia levado as dívidas com ele.

Ter que cuidar do rancho sozinha não era nada fácil, mas pior ainda era ter que levantar doze mil dólares para que ele não fosse arrancado de mim. Teria que ir pessoalmente ao banco e pedir para que renegociassem a dívida. Talvez, se tivesse um pouco mais de tempo, iria conseguir levantar o dinheiro necessário, ainda que não soubesse como.

Ouvi o som de um carro se aproximando no horizonte, mas só me dei conta de que vinha até a minha casa quando o veículo apareceu na janela, seguindo o caminho até parar diante da minha porta de entrada.

Era um sedan azul escuro, luxuoso, que custava dezenas de milhares de dólares, entretanto eu duvidava muito que a pessoa que fosse sair dele fosse a mais simpática do mundo e me deixasse feliz com aquele encontro.

— Senhorita Garcia? — Chamou o homem que desceu do banco da frente. Já tinha o visto antes. Ele era grisalho, estava com um terno perfeitamente alinhado e tinha uma postura séria.

Duvidava muito que ele estava ali para me dar um abraço e dizer que tudo ficaria bem.

— O que quer aqui?

— Vim para que possamos conversar.

— Você está invadindo a minha propriedade. Tenho uma espingarda e nenhum medo de usá-la. — Olhei de um lado para o outro a procura da arma, mas não a vi, mas isso não importava. Eu conseguiria tirar aquele homem do meu rancho nem que fosse a chineladas.

— Só preciso de um minuto da sua atenção.

— Eu não tenho nem meio. — Apareci na entrada da casa de braços cruzados. — O senhor está perdendo o seu tempo aqui,

então recomendo que vá embora.

— Em nome da Global Oils...

— Vá embora!

— Tenho uma proposta irrecusável para a compra do seu rancho, sancionada pelo próprio presidente...

Voltei a olhar para dentro e encontrei a arma escondida em um canto da parede, atrás do sofá. Voltei para pegá-la e saí apontando para o sujeito.

— Já mandei sair da minha propriedade.

— Senhorita.

Destravei a arma e dei um tiro. O disparo atingiu em cheio o para-brisas do carro, fragmentando-o em milhares de pedaços.

— Saia da minha propriedade!

O homem olhou para mim com um ar assustado e entrou no carro. Acionou a marcha ré e deu meia volta até ir embora.

— Olivia! — Andrew surgiu, aproximando-se de mim e deu a volta na arma, até segurar o cano e apontá-lo para o chão.

Eu estava tremendo dos pés à cabeça. Não havia me habituado a usar armas, ainda que, quando adolescente, meu pai houvesse me dado algumas aulas precárias. Entretanto a via como uma poderosa ferramenta para manter aqueles urubus fora do meu rancho.

— Solta isso. — Andrew pressionou meus dedos até que eu os afrouxasse do gatilho. — O que estava fazendo?

— Botando o engravatado para correr.

— Por quê?

— Já disse que o rancho não está à venda.

— Pode ser uma boa alternativa. — Ele travou a arma e a encostou num canto.

— Não te contratei para me dar a sua opinião.

— Não tem que ser ríspida comigo. — Ele tocou o meu rosto com as pontas dos dedos e meu corpo inteiro se aqueceu com a onda de fogo e calor que o contato provocou em mim.

Não bastava ele ser bonito, também precisava provocar aqueles efeitos difíceis de conter? Talvez fosse seus olhos azuis, ou

simplesmente as suas mãos, macias demais para alguém que lidava com serviço pesado.

Fiquei o encarando e ele me fitou de volta, minutos a fio, até que percebi que a sua cabeça estava tombando na minha direção, prestes a se encontrar com a minha.

— Você precisa voltar a trabalhar. — Esquivei-me dele.

— Achei que estivesse precisando de mim.

— Pensou errado. A situação estava completamente sob controle.

— Mas...

— Terminou de tirar o leite? — interrompi para que não tivesse mais brechas para a discussão daquele assunto.

— Terminei.

— Vá limpar as baias agora.

— As fezes dos animais?

— Isso mesmo.

Ele fez uma careta.

— Tem certeza de que já trabalhou em algum rancho antes?

— Claro! Eu tenho muita experiência.

— Então vai lá. — Fiquei olhando para ele enquanto o cara me encarava de volta, até que finalmente deu as costas e saiu.

Sozinha, caminhei até um móvel e peguei o porta-retrato onde eu estava com os meus pais. A vida era muito mais fácil quando eles estavam por perto e às vezes eu queria que simplesmente tudo pudesse ser como antes. Talvez se a mamãe não tivesse morrido de câncer, meu pai ainda estaria ali e eu nunca tivesse ido estudar fora. No fundo, não importava o quanto eu queria que o passado fosse diferente, o meu presente ainda era aquele. Tinha fugido antes, não poderia fugir mais.



Andrew

Capítulo seis

Meu estômago embrulhava ao enfiar a pá naquele esterco e jogar em cima de um carrinho de mão que havia parado do lado de fora da baia. Já tinha feito algumas coisas que julgava nojentas na vida, mas, com absoluta certeza, nenhuma se equiparava a essa.

Precisava convencer logo a Olivia a vender aquele rancho para que aquela humilhação autoinfligida acabasse o quanto antes. O problema era que eu tinha cada vez mais a sensação de que ela não daria o braço a torcer tão fácil.

O mais lógico era desistir daquele plano idiota, voltar para o conforto da minha mansão, onde eu tinha banho quente e um colchão adequado. Preferia acompanhar visitas a poços de petróleo do que catar fezes de vaca. Mas talvez Sarah tivesse certa sobre algo em mim, eu tinha ego, principalmente quando esse estava ligado a forma como as pessoas me viam na empresa. Tinha assumido o compromisso de comprar aquele rancho, e faria isso para esfregar na cara dos sócios o quanto eu era competente.

Meu pai havia me criado para ser o melhor, sempre exigindo muito de mim, e às vezes tinha a sensação de que o meu esforço

não era o bastante. Precisava me superar, ainda que ele não estivesse mais ali e eu não precisasse da sua aprovação.

Meu celular começou a tocar e o tirei do bolso, equilibrando-o com o ombro para que continuasse aquela tarefa horrível, e pensava numa melhor forma de me aproximar da Olivia. Talvez tudo o que ela precisava era de uma foda incrível para estar disposta a fazer o que eu quisesse. Sabia bem que tinha esse talento com as mulheres.

— Oi!

— Querido.

— Mãe?

— Você não voltou para casa ontem, Drew. Nem apareceu na empresa hoje.

— Estou ocupado.

— Com mulher de novo?

— Negócios — falei rapidamente, ainda que esses envolvessem uma mulher. Não precisava da minha mãe me dando sermão sobre como eu levava a minha vida, principalmente porque ela costumava ter uma visão romântica das coisas, que só cabia em filmes e livros.

— Negócios? — questionou, desconfiada.

— Sim. Pode ser que eu fique alguns dias fora de casa. É importante para a empresa e preciso levar bons resultados.

— Onde você está?

— No interior.

— Onde?

— Ah, mãe, o telefone está com o sinal ruim. Nos falamos depois. — Apressei-me para desligar a chamada quando vi a Olivia aparecer no horizonte e guardei o celular no bolso antes que ela chegasse perto o suficiente.

— Você é sempre lento assim ou ainda está pegando no tranco? — Alternou os olhos entre mim e o esterco.

— A segunda opção. — Enfiei a pá em um monte e o retirei, jogando no carrinho.

Ela torceu os lábios e ficou me assistindo trabalhar, até que abriu a boca para mudar de assunto.

— Vou levar parte do leite para vender na cidade, depois volto para preparar o nosso almoço. Pode ficar aqui por um tempo sozinho?

— Não sou uma criança que precisa de supervisão — falei num tom brincalhão.

— Eu tenho as minhas dúvidas.

— Vou ficar bem, Olivia.

— Certo. — Ela me olhou por mais alguns segundos e depois deu as costas, deixando-me sozinho novamente com as baias sujas.

Precisava me apressar na tarefa de convencê-la, porque não queria perder muito mais do meu tempo em um pequeno rancho no meio do nada entre esterco e leite.



Olivia

Capítulo sete

Voltei para casa contando o dinheiro da venda do leite. Tinha dado menos do que eu previa e, naquele ritmo, eu mal conseguiria manter o rancho, quanto mais pagar a dívida com o banco. Queria não me desesperar, tentava não ficar triste com o que estava acontecendo, mas parecia cada vez mais difícil.

Meu pai amava aquele lugar e, no fundo, eu amava também, entretanto não estava sabendo o que fazer para mantê-lo.

Estava disposta a dar o meu melhor, mas não tinha certeza se ele seria o suficiente.

Parei a velha caminhonete na entrada do rancho no fim da manhã. Meu estômago já estava revirando e imaginava que o Andrew também estivesse com fome. Iria preparar o nosso almoço para depois voltar a me preocupar com o que faria a seguir.

Fui direto para cozinha, lavei alguns vegetais e comecei pela salada. Como já estava tarde, a faria crua e me preocuparia com um prato mais elaborado à noite. Preparei um refogado com o restante da carne que havia sobrado da janta da noite anterior e dourei

algumas fatias de pão numa frigideira, com manteiga e ervas, ao menos o cheiro estava maravilhoso.

Fui atrás do Andrew. Não o encontrei nos estábulos, que estavam minimamente limpos. Ele não tinha o resultado mais primoroso do mundo, mas considerando o que eu havia me disposto a pagá-lo, não poderia reclamar muito. Desde que me aliviasse do trabalho mais pesado já estava ótimo.

Eu o encontrei na entrada da casa do caseiro. Ele estava segurando uma mangueira e usava apenas uma bermuda fina. O sol estava forte, mas não achava que fosse a melhor desculpa para tomar banho às vistas de todos, ainda que, além de mim, qualquer outra pessoa estivesse a quilômetros de distância.

Apesar da pele estranhamente pálida, o corpo dele chamava atenção. Era definido demais e eu me perguntava se tudo aquilo vinha apenas do trabalho árduo, ou se ele fazia algum outro exercício.

Ele estava distraído com seu banho e só pareceu me notar quando passou água no rosto e empurrou para trás o topete do cabelo preto.

— Olívia.

— Interrompeu o expediente mais cedo? — Cruzei os braços e o encarei com o cenho franzido, tentando não demonstrar o quanto o corpo dele tinha influência sobre mim.

— Não. — Sorriu de um jeito charmoso. — Só achei que não me quisesse cheirando a suor e esterco durante o almoço.

— É uma boa desculpa. Por falar nisso, o almoço já está pronto.

— Vou só vestir uma roupa e já vou.

— Faça isso.

Dei as costas e voltei para casa. Eu não sabia se era prudente ou minimamente ético ficar olhando para o corpo dele.

Não o esperei para me servir e acomodar o prato diante de mim na pequena mesa redonda da minha cozinha. Finquei o garfo na rodela de rabanete e mastiguei devagar.

Depois que as imagens desconcertantes do peão seminu saíram da minha mente, voltei a me preocupar com o que realmente importava, o rancho que os meus pais haviam deixado para mim.

Precisava pensar em como faria para quitar a dívida e manter o lugar, isso não poderia ser tão difícil. Admitia que administração

nunca havia sido o meu forte, mas tinha a obrigação de me superar naquele ponto, ou perderia tudo.

Aquele lugar era importante demais para que eu o perdesse sem lutar.

— Oi.

Balancei a cabeça, percebendo que estava tão dispersa que não notei a aproximação do Andrew.

— Se serve e vai comer.

— Obrigado. — Ele pegou um prato em cima da mesa.—
Como foi na cidade?

— Bem. — Abri um sorriso amarelo.

— Tem certeza?

Fiz que sim, buscando manter a postura. Não queria contar para ele que não fazia ideia de como iria manter o rancho, o emprego dele e todo o resto.

Achava que só um milagre resolveria meus problemas, mas até isso era pouquíssimo provável.

— Hum... — Mastigou após uma garfada.

— O que foi?

— Até a sua comida esquentada é boa.

— Está muito exigente.

— Só porque sou um cowboy não posso gostar de coisas boas?

— Não foi o que eu disse. — Tentei me esquivar.

— Foi o que pareceu.

— Não coloque palavras na minha boca.

— Posso colocar outras coisas. — Tocou o meu rosto com a mão firme e fez com que eu o encarasse.

Fiquei completamente desconcertada diante da frase que escapou pelos seus lábios. Como poderia ousar falar comigo daquele jeito?

— Acho melhor se concentrar em comer. — Afastei a sua mão com um movimento brusco e empurrei a minha cadeira para trás, entrando na defensiva. — E é melhor que não fale comigo desse jeito.

— Não falei nada demais, Olivia. — Abriu um sorriso largo e maroto, como alguém que não tinha o que temer.

— Não? — Arqueei as minhas sobrancelhas, indignada. — Me trate com respeito, sou sua patroa.

— Eu sei. — Voltou a comer, mas não deu qualquer sinal de arrependimento diante da minha bronca. Era como se ele realmente não se importasse ou não visse qualquer maldade em sua indireta. Duvidava muito que fosse a segunda alternativa.

— Tem muito a ser feito hoje ainda.

— Estou ciente.

— Então não demore. — Levantei e fui até a pia lavar a minha louça.

Depois de terminar de comer, Andrew fez o mesmo, parando ao meu lado e roçando o braço no meu.

— Pode deixar que eu lavo. — Puxei o prato das mãos dele.

— Não. Eu faço questão. — Ele puxou de volta, num tranco forte que me levou junto.

Bati meus seios no peito dele, mas, felizmente, o prato ainda estava entre nós e me impediu de grudar o meu corpo

completamente no seu. Senti as minhas pernas ficarem bambas e a respiração se tornar mais difícil. Era mais complexo lutar contra aquela atração do que imaginava, ou simplesmente eu estivesse muito carente depois de tudo que havia acontecido.

Levantei a minha cabeça e meus olhos castanhos se encontraram com o azul dos dele, e o coração ficou ainda mais acelerado.

Andrew tirou o prato da minha mão e o colocou na pia.

— Tudo bem, pode lavar — consenti, na esperança de que aquele clima todo fosse dissipado, mas ao invés de pegar uma bucha ou abrir a água, ele segurou a minha cintura e me puxou para mais perto.

Empurrei seus ombros, na tentativa que ele se afastasse, mas eu parecia estar esperneando para nada. Entretanto, assim que ele abaixou a boca, levando-a até a minha, parei de lutar e deixei que me beijasse.

Era insanamente inadequado fazer aquilo. Andrew estava ali para trabalhar e não ser um casinho. Contudo o sabor dos lábios dele me envolveu com mais intensidade do que a minha racionalidade conseguia afastar.

Fazia um tempo que eu não tinha um namorado ou simplesmente beijava na boca. Depois da doença da minha mãe e, por fim, a morte dos meus pais, os problemas haviam me sugado completamente ao ponto de que um envolvimento amoroso fosse a última coisa que eu estivesse buscando para mim.

Andrew pressionou a língua contra os meus lábios e pediu passagem. Eu simplesmente deixei. Iria me arrepender depois, mas no momento meu corpo vibrava com o toque deliciosamente envolvente. As mãos firmes e pesadas desceram da minha cintura para as minhas coxas, até que ele me ergueu e me sentou na beirada da pia. Sem parar de me beijar, acomodou-se entre as minhas pernas, mordiscando os meus lábios e fazendo com que a sua língua dançasse com a minha.

As mãos começaram a passear pelo meu corpo e, quando me toquei que uma delas estava entrando por dentro da minha blusa e avançando até um dos meus seios, empurrei-o para trás, interrompendo o beijo.

Acertei-o com um tapa na bochecha, cujo estalo ecoou por todo o cômodo.

— Ficou louco!

— Você bem que parecia estar gostando. — Massageou a bochecha com um sorriso nos lábios que me deixou ainda mais irritada.

— Não te dei autorização para me beijar.

— Algumas coisas não precisam ser ditas.

— Você está aqui para trabalhar! — Bufeí, ao saltar da pia e notar que a minha calça havia molhado.

— Sim.

— Então vai trabalhar.

— O prato...

— Deixa aqui que eu lavo.

— Okay. — Deu de ombros ao sair da cozinha com passos leves, como se nada houvesse acontecido.

Passei a mão pelos lábios, ainda sentindo o gosto da boca dele. Era insano pensar nisso, mas eu havia gostado do beijo. Se eu não tivesse um pouco de juízo, teria o beijado mais e talvez permitido que fosse além. No entanto precisava me recordar que já tinha problemas o suficiente, não precisava de mais um.



Andrew

Capítulo oito

Saí da casa principal ainda sentindo a minha bochecha arder com o tapa que havia recebido. Costumava ser bem mais fácil levar uma mulher para a cama, entretanto ali eu não podia contar com o meu dinheiro e o luxo que dele provinha, que por si só era um imã para calcinhas. Tinha apenas a minha beleza e o meu charme para fazer com que a Olivia cedesse, mas depois daquele beijo eu duvidava que ela fosse resistir por muito tempo. Pressupunha que, depois de encontrar o caminho para o interior das suas pernas, seria ainda mais fácil convencê-la a vender aquele rancho.

Eu poderia nunca ter administrado um lugar como aquele e não entender muito a respeito, mas qualquer leigo era capaz de perceber que o rancho estava por um fio. Malcuidado, com pouca produção e dívidas, a boa vontade dela não seria o suficiente para manter o lugar funcionando.

Seria fácil deixar que ela ruísse sozinha e chegasse ao fundo do poço para perceber que ter vendido era a melhor alternativa, mas eu já estava ali e não voltaria até ter o meu xeque-mate.

Fui até a casa precária onde eu estava sendo abrigado e peguei a lista de tarefas. A próxima era arrumar a cerca. Enquanto caminhava para o local, examinei a minha mão e notei uma pequena bolha, que provavelmente se transformaria em um calo.

Com serviço de escritório e a gerência de uma grande petrolífera, minhas mãos costumavam ser macias, mas aquela seria uma lembrança do período que eu havia passado ali.

Meu celular vibrou no bolso e eu o puxei para atender.

— Oi, Charles.

— Senhor, está tudo bem?

— Sim.

— Lamento, mas a tentativa do Hector de negociação com a senhorita Garcia foi infrutífera.

— Eu sei. A vi expulsando-o daqui com uma espingarda.

— Ah, então o senhor já sabia?

— Sim.

— Imagino então que a melhor alternativa seja esperar que o banco tome a propriedade e negociemos com ele essa compra.

— Ainda estou aqui, Charles. Não vamos precisar aguardar a burocracia.

— Pela forma como ela tratou o Hector, imaginei que o senhor não houvesse tido sucesso no seu plano.

— É tudo uma questão de tempo, Charles. Está tudo sob controle. Já viu alguma mulher jovem negar algo a mim?

— Não, senhor.

— Então tenha paciência.

— Precisa de algo?

— Por enquanto, apenas que segure as pontas na empresa por mim. Diga a quem perguntar que estou em uma viagem importante.

— E se questionarem quando retorna?

— Diga que tão breve quanto possível.

— Okay.

— Até mais, Charles.

— Até, senhor Campbell.

Olhei para a cerca. Havia algumas partes onde o arame havia rompido e uma das hastes de madeira havia quebrado. Precisaria providenciar uma nova.

Aquele lance de trabalho braçal certamente era a pior parte do meu plano e me motivava a conquistar o meu objetivo o quanto antes para voltar ao conforto e a remuneração adequada das minhas atividades.



Olivia

Capítulo nove

Estava sentada diante da mesa da sala, analisando algumas contas e pensando no que fazer, quando o meu celular começou a tocar. Pensei em rejeitar a ligação, estava concentrada na busca desesperada por uma alternativa, mas acabei puxando o aparelho e o atendi.

— Senhorita Garcia?

— Sim.

— Sou Jane Keller, gerente do banco onde seu pai era credor.

— Ah! — Apenas esbocei um chiado, sem saber o que deveria responder a ela.

— Acredito que tenha recebido as nossas últimas correspondências.

— É... é... Eu recebi.

— Precisamos de um posicionamento seu quanto a dívida ativa, uma vez que novos juros estão incidindo sobre as parcelas em atraso.

— Eu preciso de um pouco mais de tempo.

— Já são quatro meses, senhorita.

— Eu não estava sabendo dessa dívida.

— Compreendo que possa não ter sido informada pelo seu pai, mas infelizmente não é algo que interfira no meu procedimento.

— Vocês não podem me tomar o rancho! — Engoli as lágrimas contra as quais estava lutando, mas parecia cada vez mais difícil controlá-las.

— Não é o meu objetivo, senhorita, mas precisa entender que são procedimentos do banco caso a dívida não seja sanada.

— Eu preciso de um pouco mais de tempo, por favor.

— Nos dê um posicionamento em dois dias. Preciso passar a sua resposta para os meus superiores.

— Só dois dias? — Solucei. Não queria que ela percebesse o meu choro, mas parecia praticamente impossível.

— Já se passou muito tempo. Vou aguardar que me retorne em dois dias antes de dar qualquer sequência a outros procedimentos.

— Okay. — Acabei assentindo, pois não sabia mais o que poderia dizer ou como suplicar para que ela fosse boa o bastante para ignorar a dívida.

— Tenha uma boa tarde.

— Para você também.

Deixei o meu celular escorregar da minha mão e ele caiu sobre a mesa no momento em que ela desligou a chamada. As lágrimas que estavam pesando nos meus olhos desceram sem que eu tivesse força para segurá-las. Não importava o quanto eu quisesse manter aquele rancho e o desejo do meu pai, era praticamente impossível conseguir aquele dinheiro em dois dias. Mal tinha o suficiente para pagar algumas contas e comer!

— Olivia? — Ouvei a voz do Andrew e me virei por reflexo, esquecendo-me das lágrimas que eu havia derramado.

— Você está chorando? — Ele, que estava sob o batente da porta, caminhou até mim.

Esfreguei os olhos com as costas das mãos, esforçando-me para esconder o lamento, que não queria compartilhar com ninguém.

— Não estou, não. — Balancei a cabeça em negativa e forcei um sorriso.

— Você é uma péssima mentirosa, sabia? — Afagou o meu rosto com o polegar enquanto me dirigia uma expressão manhosa.

— Deixa para lá. — Puxei os papéis tentando escondê-los.

— Sabe que pode conversar comigo.

— Eu nem o conheço direito.

— Mas eu sou a única pessoa que você tem por aqui. — Ele levantou as mãos e moveu a cabeça, olhando para um lado e para o outro.

Era verdade, o que deixava tudo ainda mais aterrorizante. Eu não tinha com quem contar. Meus amigos da faculdade em Nova York provavelmente nem se lembravam mais quem eu era. Os vizinhos tinham ido embora e, até onde eu sabia, o meu rancho ainda era um dos poucos da região.

— É... — acabei admitindo ao perceber que ele ainda me encarava.

— Qual o problema? — Continuou afagando o meu rosto e eu simplesmente não pude recusar o carinho.

Ter aquele peso todo nas costas e ainda estar me sentindo solitária não era nada fácil.

— O rancho está hipotecado e preciso pagar a dívida o quanto antes ou irão tomá-lo de mim.

— Poxa! — Ele arregalou os olhos surpreso. — Isso parece péssimo.

— Desculpa por não ter falado nada antes, mas imaginei que não fosse aceitar o emprego se soubesse que ele está ameaçado.

— Posso encontrar um emprego em outro lugar.

— Isso é verdade. — Sorri diante do otimismo dele.

Andrew puxou uma cadeira e sentou perto de mim, mas com a mão ainda no meu rosto, e deixei-me envolver por aquele calor.

— Por que não vende? Fiquei sabendo que os rancheiros em volta venderam as propriedades para uma empresa.

— Eu não vou vender! — Cerrei os dentes, entrando na defensiva, irritada por ele ter tocado naquele assunto, por mais que não tivesse culpa.

— Ei, calma! — Jogou as mãos para cima em sinal de rendição. — Não precisa ficar brava comigo.

— Tem razão, me desculpa.

— Por que não quer vender? — Ele voltou para mais perto e colocou a mão carinhosamente sobre a minha coxa, com uma intimidade que não tínhamos. Mas, no momento, tê-lo ali comigo era algo que eu precisava.

— Esse rancho sempre foi muito importante para a minha família. Eu cresci aqui, está cheio de lembranças.

— Não é o lugar que guarda lembranças, mas você. — Ele subiu com a mão até o meu rosto e deu dois toques de leve na minha testa.

— Você não vai entender. — Virei o rosto, fitando o piso de madeira ao invés dos olhos azuis e incrivelmente sedutores dele.

— Pode tentar.

— Esse lugar era tudo para os meus pais.

— Mas eles não estão mais aqui.

Cerrei os dentes e Andrew voltou a me acariciar.

— Tem alguma forma de pagar o que deve ao banco?

— Ainda estou pensando nisso.

— Seja realista, Olivia. Vai conseguir o dinheiro no tempo que eles te deram?

Abaixei a cabeça, deixando que o meu cabelo castanho escorresse até cobrir os meus olhos, e balancei a cabeça em negativa. A não ser que algo inacreditavelmente incomum acontecesse, um milagre ou uma doação, era completamente impossível levantar os doze mil dólares em dois dias. Se contasse todas as minhas moedas e dinheiro guardado, mal teria mil.

— Tenho que pensar em algo.

— Vende o rancho.

Levantei a cabeça e voltei a encará-lo com os dentes cerrados.

— Será que dá para parar de falar isso?

— Olha — percorreu o meu rosto com a ponta do polegar até o meu maxilar e o puxou para mais perto, deixando-o a milímetros do seu —, sei que não quer vender, mas se deixar o banco tomar, vai ser muito pior. Vai ficar sem o rancho e sem dinheiro nenhum. Com o dinheiro da venda, você pode quitar a dívida e comprar outra coisa.

— Mas o rancho é importante... — choraminguei.

— Às vezes o mais importante é conseguir admitir que não damos conta.

— Meus pais...

— Eles não estão mais aqui para exigir nada.

— Eu não queria fracassar. — As lágrimas voltaram a escorrer pelo meu rosto.

— Você não está fracassando, apenas admitindo que não consegue.

— Se eu vender, eles vão destruir tudo.

— Não se preocupe com isso.

Parei de lutar contra as lágrimas e Andrew me trouxe para mais perto, encostando a minha cabeça no seu peito. As batidas do seu coração fizeram com que eu ficasse mais calma e me sentisse menos pior ao tomar aquela decisão.

— Que bom que você está aqui.

— Sim... — Ele disse com uma voz grossa que ressoou no meu corpo, tocando cada uma das minhas células. — Que bom.

Movi os olhos em busca dos dele e fiquei o encarando por alguns instantes. Dessa vez fui eu quem se aproximou, encostando os meus lábios nos dele. Andrew escorregou as mãos das minhas coxas e puxou-me, levantando-me até me acomodar no seu colo. O beijo se tornou mais intenso quando rodeei o seu pescoço e subi com os dedos pelo seu cabelo preto e incrivelmente macio. Era quase surpreendente que um homem como ele pudesse ter a pele tão sedosa, o cabelo bem cuidado e um perfume incrivelmente atraente.

Ele desceu com a boca pelo meu pescoço, provocando uma série de calafrios que me arrepiaram inteira. Joguei a minha cabeça para trás, permitindo que ele continuasse. Fechei os olhos e me entreguei ao momento em busca de um pouco de alento, conforto, carinho e, por que não, prazer.

As mãos subiram das minhas nádegas até as minhas costas e ele foi levando junto a minha blusa. Ergui os braços e deixei que a peça subisse até que Andrew a tirasse completamente e a colocasse sobre a mesa.

Mordiscou a elevação do meu seio e eu gemi, esfregando-me no seu colo, sentindo a firme ereção que já se destacava na calça jeans. As mãos continuaram passeando pelas minhas costas até

encontrar o fecho do meu sutiã. Percebi que, ao deixá-lo alcançar a minha roupa íntima, estava consentindo completamente com o caminho que aqueles toques iriam nos levar. Não seria a decisão mais prudente transar com um cara que estava trabalhando há dois dias na fazenda, mas a forma como ele estava agindo comigo indicava que eu não era a única a querer que acontecesse.

O sutiã caiu no chão no momento em que seus lábios envolveram um dos meus mamilos. Deitei o corpo sobre o tampo da mesa enquanto ele sugava, enlouquecendo-me com as sensações que irradiavam. O interior das minhas coxas pulsava cada vez mais, de um jeito que já estava me enlouquecendo.

Andrew lambeu o vale entre os meus seios e percorreu com a língua até o outro mamilo, deixando um caminho úmido que me provocava ainda mais calafrios. Esfreguei-me no seu colo, roçando o meu sexo na sua ereção. O meu desejo só crescia mais e mais.

Ele subiu com a cabeça, encarando-me novamente antes de voltar a me beijar. Sua língua brincou com a minha derramando sensações intensas no meu sangue, até que escorregou até a minha orelha, arrancando de mim outro gemido abafado.

— Onde fica o seu quarto?

Levantei a mão e indiquei o caminho.

Andrew me levantou no colo e continuou me beijando ao me levar escada acima, até entrarmos no cômodo.

Eu ainda tinha uma cama de solteiro, mas ele não reclamou ao me deitar nela e ficar em cima de mim. Andrew tirou a camisa e eu gostei de rever os seus músculos e a forma com que se movimentavam.

Enlacei seu pescoço novamente o puxei para mim, fazendo com que voltássemos a nos beijar. Meus mamilos sensíveis esfregando no seu peitoral enquanto nossas línguas se entrelaçavam aumentavam ainda mais a minha excitação.

Suas mãos escorregaram pela lateral do meu corpo, desenhando-o até encontrar o meu short. Andrew o abriu e não teve qualquer recato em puxá-lo juntamente com a minha calcinha, jogando no chão ao lado da cama. Com a boca no meu pescoço, incendiando-me mais, ele abriu a própria calça e a retirou.

Soltei um gritinho ao sentir a ponta do seu membro encostar no meu sexo. Entretanto a surpresa logo foi subjugada pela necessidade quase selvagem de nos unir. Puxei os seus ombros e

Andrew entrou em mim em uma estocada firme, num tranco preciso que me fez gemer alto e apertar as unhas contra os seus ombros.

Segurei o seu rosto e ele começou a se mover enquanto me correspondia o olhar. Estava tão excitada que o prazer me tomou de imediato. Fechei as pernas ao redor da cintura dele e o fiz entrar mais fundo.

Andrew tombou a cabeça e voltou a enfiar a língua na minha boca. Seu corpo esfregando no meu, à medida que ele entrava e saía de mim, tornava o calor e o deleite ainda mais intensos. Minhas mãos passeavam pelas suas costas e meus olhos reviravam em meio ao beijo que continha os meus gemidos.

De repente o Andrew saiu de dentro de mim e se afastou, deixando-me confusa pelo momento ter sido interrompido sem que eu ou mesmo ele chegássemos ao ápice.

— Levanta — ordenou, puxando a minha cintura.

Andrew me girou, colocando-me de costas para ele, e eu apoiei as duas mãos na cabeceira da cama enquanto ele levantava a minha cintura, segurando firme no meu quadril e voltava a nos unir. Estremeci com o seu fôlego cálido na base da minha nuca enquanto seu corpo se chocava contra as minhas nádegas.

Ele afastou o meu cabelo com uma mão enquanto ainda me segurava com a outra, sem parar de se mover, e eu sentia cada investida do seu pênis dentro de mim. Beijou a minha nuca e a proximidade me fez ouvir os seus gemidos também. Lambeu a minha pele, me fazendo encolher com calafrios até alcançar a minha orelha, mordiscando-a.

Gemi e movi o meu corpo contra o dele, sem esperar pela estocada seguinte. Rebolava no seu corpo, aumentando o meu prazer e por consequência o dele. Com a mão que mexeu no meu cabelo, ele agarrou a minha nádega e aumentou a velocidade.

Cravei as unhas na madeira da cabeceira da cama, quando meus gemidos ecoaram por todo o quarto. Ele não me deu trégua, nem parou, mas uma das suas mãos desceu até o meu sexo e o seu dedo começou a estimular o meu clitóris com movimentos circulares, fazendo com que eu chegasse ao ápice no exato momento em que o seu líquido escorria para dentro de mim.

Andrew tombou sobre meu corpo e senti sua respiração difícil, exatamente como a minha, enquanto se recuperava do estopim.

Transar com ele tinha sido bem melhor do que eu esperava e não poderia dizer que estava arrependida.



Andrew

Capítulo dez

Acordei com uma dor no braço depois de ter dormido com a Olivia, apertados naquela cama de solteiro, mas não tinha sido de todo ruim. O sexo tinha valido a pena e me proporcionado prazer em meio aos dias difíceis que havia passado naquele rancho.

Transamos a noite inteira, parando apenas para comer, mas era o tipo de cansaço que eu gostava de lidar. Entretanto só me toquei naquela manhã que nem havia me dado ao trabalho de colocar uma camisinha. Iria ao médico depois que aquele circo terminasse para garantir que estava tudo bem comigo, não apenas por qualquer doença sexual, mas também por insolação e desgaste físico pelo trabalho.

Virei na cama e notei que a Olivia não estava mais ali. Estranhei o fato e abri os olhos, sendo golpeado pela luz forte que entrou pela janela, o que me forçou a fechá-los novamente. Levou um tempo até que eu me acostumassem e saísse da cama.

Peguei a minha cueca e a calça no chão e as coloquei para descer a escada, mas parei no meio do caminho quando ouvi a voz dela.

— Gostaria de falar com o senhor Hector Smith. Isso!...
Quem eu sou? Olivia Garcia.

Fiquei parado ouvindo a conversa, mas não apareci no campo de visão dela, pois queria saber o que ela iria falar e tive medo de que a minha presença acabasse a intimidando.

— Oi, senhor Smith. Eu... — Ela parecia tensa e eu fiquei me perguntando se havia mudado de ideia sobre a conversa que havíamos tido na noite anterior. — Eu reconsiderarei a sua proposta, vou vender o rancho.

Ela ficou em silêncio, provavelmente ouvindo algo do outro lado da linha e eu também esperei.

— Sim. Vou aguardá-lo.

Assim que ela desligou a chamada, esperei por alguns instantes, para que não ficasse tão óbvio que eu havia escutado a conversa.

— Oi!

— Bom dia! — Olhou para mim e me deu um largo sorriso antes de se aproximar.

Olivia ficou nas pontas dos pés e me deu um rápido selinho. Fui pego de surpresa, mas não o recusei. Não tinha o hábito de manter aquele tipo de afeto com as mulheres com quem transava, mas precisava me recordar do papel que estava interpretando ali.

— Por que não me acordou?

— Achei que estivesse cansado por causa de ontem. — As bochechas dela coraram.

— Bom... um pouco. Então quer dizer que isso me isenta de tirar leite?

— De jeito nenhum. Precisamos para o nosso café.

— Ah! — Fiz bico e ela riu.

— Você é o pior peão que poderia aparecer para trabalhar aqui.

— Tem certeza?

Ela ficou me olhando até rir e me dar um selinho.

— Vai buscar o nosso leite. — Afastou-se.

— Okay.

Peguei a minha camisa e fui para o estábulo. Não tinha saco para aquela vida de rancheiro, mas felizmente iria acabar logo.



Olivia

Capítulo onze

— Aqui está, senhorita Garcia. Assine na linha indicada.

Olhei para o documento que o senhor Smith me entregou. Com uma simples assinatura, daria adeus ao lugar da minha infância e também da do meu pai. Aquelas terras eram mais do que um rancho, ali havia lembranças e histórias que seriam apagadas por uma empresa que visava nada além do lucro.

Eles estavam tão interessados na compra que o homem não levou muito tempo para aparecer depois da minha ligação, dizendo que eu iria concordar com a oferta.

Fiquei olhando para o papel e o suor frio da minha mão tornava a caneta escorregadia. Por mais que eu não quisesse vender, no fundo, Andrew tinha razão. Era melhor ter o dinheiro do que perder tudo para o banco e ficar sem nada. Se não fosse o sentimentalismo, concordaria que a proposta da Global Oils era realmente irrecusável. Iria pagar o banco e sobraria uma boa quantia para começar a minha vida de outro jeito. Ali naquela cidade ou em outra.

— Senhorita? — O homem me chamou, fazendo-me perceber que havia passado muito tempo encarando o nada.

— Sim?

— Assine, por favor.

Voltei a olhar para o papel e aceitei que eu não tinha escolha. Meu pai ficaria decepcionado comigo onde quer que ele estivesse. Entretanto não sabia mais o que fazer.

— Sinto muito, papai — sussurrei, ao baixar a caneta e assinar o meu nome na linha tracejada.

Funguei ao afastar-me do papel e o homem rapidamente puxou a folha, guardando-a na pasta.

— Quanto... quanto tempo eu tenho para sair? — questionei-o, tentando não chorar na frente do homem.

— Um mês. Vamos enviar um caminhão para ajudá-la com a mudança.

— Obrigada.

— Tomou uma boa decisão, senhorita Garcia. — O homem exibiu um sorriso de orelha a orelha. Eu realmente esperava ter tomado.

Vi o Andrew entrar pela porta da cozinha e a imagem dele me deixou um pouco menos angustiada. Nosso envolvimento era recente, mas fez com que eu me sentisse menos sozinha. Ele havia sido crucial para que eu tomasse aquela decisão.

— Andrew. — Sorri para ele.

O senhor Smith, que estava me encarando, girou o corpo e olhou na mesma direção que eu, visualizando o cowboy que entrava no cômodo.

— Senhor Campbell... — Ele pareceu surpreso ao ver o Andrew, mas eu fiquei ainda mais porque o empresário reconheceu o meu empregado.

— Vocês se conhecem? — Movi a cabeça, alternando o olhar entre os dois. Por mais que Andrew houvesse me informado outro sobrenome, aquele questionamento pairou no ar. Talvez ele fosse apenas parecido com alguém familiar ao senhor Smith.

— É, claro! Ele é meu chefe.

— Chefe? — repeti, sem acreditar no que havia ouvido.

— Hector, cala a boca! — Andrew colocou o balde no chão.

— Então seu sobrenome é Campbell?

— Olha, Olivia...

Antes que ele começasse a tecer qualquer explicação, puxei o meu celular e digitei Andrew Campbell no buscador. Não demorou para que aparecessem milhares de fotos do homem que estava bem na minha frente. Diferente do jeans e do chapéu, ele usava terno e Rolex, mas era inegavelmente ele.

A minha mente se encheu de imagens de nós dois na noite anterior e eu me senti mais tola do que nunca.

— Você mentiu para mim... — Eu havia me esforçado para não chorar até aquele momento, mas não consegui mais conter as lágrimas.

— Talvez eu tenha omitido algumas coisas.

— Sai daqui!

— Espera, olha...

— Vai embora!

— Senhorita Garcia... — O outro homem tentou intervir e também se tornou alvo da minha fúria.

— Também quero você fora daqui!

— A senhora assinou o documento, a propriedade agora pertence a Global...

— Eu tenho um mês! — Empurrei a pasta em cima dele. — Vão embora.

Foi inevitável encarar o Andrew, que me olhou de volta, entretanto ele não se atreveu a dizer uma única palavra, apenas deu as costas e sumiu de vista. Naquele momento eu sabia que nunca mais voltaria a vê-lo, porque ele havia conseguido exatamente o que queria de mim.

Aquele tempo todo ele só havia se aproximado para me convencer a vender o rancho, para ir embora e me deixar ainda pior do que quando ele havia aparecido. Não apenas sem família, mas também sem o lugar onde eu havia crescido.

— Canalha... — Urrei de ódio ao cair no chão, rendendo-me as lágrimas e revoltada comigo mesma por ter me deixado levar pela lábia dele.



Andrew

Capítulo doze

Olhei-me diante do espelho do meu banheiro no apartamento em Dallas. Peguei um creme sobre a bancada de mármore e o passei na mão, que ainda estava castigada pela pá e o machado que eu tive que manejar nos últimos dias.

Felizmente, tinha voltado ao conforto da minha cobertura, aos lençóis egípcios, a minha boa roupa e às refeições sofisticadas.

Eu tinha confiança em mim o bastante para saber que conseguia tudo o que desejava, e não havia sido diferente daquela vez.

Encarei-me no espelho, sorri para a minha imagem e deixei o cômodo. Peguei a camisa social sobre a cama, coloquei o paletó e fui para a sala de jantar.

— Bom dia, senhor Campbell. — A empregada me dirigiu um sorriso gentil.

— Bom dia!

— Fez uma boa viagem?

— Foi agradável. — Não me delonguei, Peguei um prato para colocar algumas frutas sobre ele.

— Que ótimo! O senhor voltou ainda mais bronzeado. Tinha praia lá?

— Só um pouco de exposição ao sol do interior.

— Acredito que tenha feito muito bem ao senhor.

— É possível.

Hannah trabalhava para mim desde que eu havia me mudado da casa dos meus pais. Era uma senhora simpática de meia idade, mas, na maioria das vezes, eu a achava intrometida demais e dava respostas vagas.

Terminei o café e levantei da mesa.

— Tenha um ótimo dia de trabalho, senhor.

— Obrigado.

Abri a gaveta do móvel do hall e peguei uma das chaves da minha coleção. Desde menino, sempre gostei muito de carros e fazia questão de manter vários deles, por mais que andasse com mais frequência só em alguns.

Na garagem, andei até um Porsche prateado e o destravei. Entrei no veículo, liguei o rádio e dirigi até a sede da Global Oils. Estacionei na minha vaga privativa e subi para o andar administrativo.

Chequei as horas no meu relógio. Ainda faltavam alguns minutos para o início do expediente, mas parecia que todos já estavam ali.

— Bom dia, senhor. — Uma das secretárias abriu um largo sorriso para mim.

— Bom dia. — Pisquei para ela ao verificar que, mesmo após alguns dias distante, tudo continuava exatamente como antes.

— Charles? — Direcionei-me a ele ao chegar diante da sua mesa, que ficava do lado de fora da minha sala.

— Meus parabéns, senhor. Acabei de receber a notícia que conseguiu efetuar a compra.

— E quando eu não consigo o que eu quero?

Ele abriu um sorriso amarelo, mas não disse nada.

— Os sócios estão esperando pelo senhor na sala de reunião.

— Mas já?

— Querem falar sobre a jazida.

— Okay. Vamos, então. — Fiz um gesto para que ele se levantasse e viesse comigo.

Charles assentiu e caminhamos até a sala de reunião.

Assim que abri a porta, ouvi o som de uma rolha estourando e vi Hector abrindo uma garrafa de champanhe. Todos, até mesmo a Sarah, que não era uma das minhas maiores fãs, estava batendo palmas em ar de comemoração.

— Achei que não fosse adequado beber durante o expediente.

— Temos muito o que comemorar, senhor. — Hector serviu uma taça e entregou a mim.

— Pensei que você não fosse conseguir, mas olha só! Temos total controle sobre a jazida.

— Obrigado, Sarah! — Levantei a taça de champanhe na direção dela e tomei um gole. — Esse foi um grande passo para a empresa e logo teremos um crescimento muito satisfatório.

Fui cumprimentado pelos outros sócios enquanto todos comemoravam. Ter feito aquela aquisição só deixava claro para eles

que eu era muito bom no meu papel de CEO e não havia nada mais importante para mim do que o crescimento da empresa.



Olivia

Capítulo treze

Esfreguei os olhos, que estavam inchados de tanto chorar, enquanto fitava a pilha de caixas dispostas no canto da sala. Ainda estava organizando as minhas coisas e o meu coração não tinha ficado mais leve desde o dia em que havia tomado a decisão de vender o rancho, muito pelo contrário.

O fato de Andrew ter mentido para mim e me manipulado para tomar aquela decisão pesava ainda mais sobre os meus ombros. Eu me sentia traída e enganada.

Sozinha, teria que recomeçar sem qualquer ajuda, a não ser do maldito dinheiro que havia recebido pela venda do rancho. Havia quitado a dívida com o banco no dia anterior e ainda tentava decidir o que fazer da vida. Deixaria os móveis da casa e meus pertences em um depósito até tomar uma decisão mais assertiva.

Peguei um abajur e o enrolei em plástico bolha antes de colocá-lo em uma caixa de papelão. Meu estômago embrulhou quando tombei a cabeça para baixo e precisei ir correndo até o banheiro para que não vomitasse no chão.

O mal-estar que sentia naquela manhã provavelmente vinha da minha decepção comigo mesma e com a situação toda. Havia falhado, estava decepcionada, frustrada e com a consciência pesando muito.

Infelizmente, não havia mais como voltar atrás. Tinha que lidar com as minhas escolhas, gostasse eu ou não. Era adulta e completamente responsável por meus atos, e ter me deixado levar por um mentiroso que acreditei estar ao meu lado também era culpa minha.

Andrew Campbell...

Era completamente inacreditável pensar que um dos homens mais ricos do Texas havia catado esterco no meu estábulo. Essa era apenas uma prova de que sujeitos como ele estavam dispostos a fazer de tudo para conseguir o que queriam.

Ouvi uma buzina e deparei-me com um caminhão parando na minha porta.

— Senhorita Garcia — chamou o motorista.

Engoli as lágrimas e me aproximei dele.

— Oi?

— Vim pegar as suas coisas.

— Tudo bem. — Dei um passo para o lado e deixei que os carregadores entrassem para pegar as minhas caixas e os móveis.

Meu estômago embrulhou novamente e eu coloquei a mão na boca para conter o vômito.

— Está tudo bem, senhorita? — perguntou um dos homens ao colocar a mão com gentileza sobre o meu ombro.

Ele estava sendo bondoso comigo, mas depois do que o Andrew tinha feito, deveria me manter em alerta e desconfiar de todos.

— Estou bem, sim.

Ele me encarou por mais alguns minutos até se convencer e juntar-se aos outros na tarefa de desocupar a casa onde eu havia crescido com a minha família.

Em breve era seria reduzida a apenas lembranças da minha mente e em fotos, pois Andrew e a sua empresa destruiriam tudo.

Com raiva, chateada e frustrada, eu olhava para tudo, mas tomei uma decisão, não deixaria que o Andrew me destruísse

também. Tinha a escolha de permanecer de pé e seria essa que eu faria.



Andrew

Capítulo quatorze

Um ano e meio depois...

Sorri ao analisar os relatórios de produção da empresa. Com a nova jazida adquirida no ano passado, havíamos triplicado o nosso faturamento. Eu era mais rico do que nunca e a minha empresa abastecia com nossos produtos boa parte dos Estados Unidos e uma parcela do mundo.

Para um homem como eu, de trinta e cinco anos, era um grande feito estar à frente de uma empresa rumo à expansão.

O telefone tocou sobre a mesa e eu o puxei para atender.

— Sim.

— Senhor Campbell...

— O que foi, Charles?

— Só gostaria de lembrá-lo da reunião que tem no horário do almoço. Um dos sócios pediu para que eu marcasse e o senhor concordou.

— Vai ser no local de sempre?

— Não. Ele sugeriu um restaurante, que fica no centro da cidade e está sendo muito bem avaliado pelos críticos.

— Preciso do endereço.

— Já estou enviando para o seu celular.

— Certo. O que eu tenho a tarde?

— Uma reunião com o setor financeiro. Querem o seu aval para o planejamento do próximo semestre.

— Tudo bem. Tenho uma festa à noite, não marque nada além disso para que eu não saia tarde demais daqui.

— Okay.

— Isso é tudo?

— Sim, senhor. Tenha um bom almoço.

— Você também.

Coloquei o telefone novamente no gancho e retornei minha atenção para a planilha. Os sócios eram importantes para a empresa, mas eu tendia a ficar de saco cheio deles, porque agiam como se eu estivesse sempre a sua disposição.

Respondi mais alguns e-mails e, quando dei por mim, faltavam alguns minutos para o meio-dia. Ajeitei o meu paletó, fechei a tampa do notebook e abri a gaveta, pegando a minha carteira e a chave do carro.

Verifiquei o endereço que Charles havia me passado. Já tinha ido em muitos restaurantes por toda Dallas, dos mais diversos, indo de tradicionais ou inspirados na cultura europeia e asiática, mas aquele era desconhecido. Entretanto não me preocupei muito com isso, pois pelo nome do restaurante não imaginei ser algo exótico ou intragável.

Saí da sala, acenei para o Charles que estava sentado em sua mesa e desci para a garagem. Eu tinha muito o que fazer naquela semana, que estava se mostrando bem agitada. Além disso, sabia que a minha mãe voltaria do seu tour pela Europa na sexta-feira e daria um jeito de me infernizar, alegando que eu precisava passar um pouco mais de tempo com ela ao invés de enfiado entre as saias femininas.

Verdade fosse dita, qualquer mulher era uma companhia melhor do que a minha mãe reclamando em meio a sua crise da terceira idade.

Entrei no meu Mustang azul e configurei o GPS para o endereço informado. O local ficava há uns vinte minutos da empresa. Bufei ao pensar na falta de praticidade daquilo. Teria sido muito melhor que o sócio houvesse escolhido um restaurante perto da sede.

Ao parar na entrada, eu fiquei reparando o local. Tinha um ar rústico de rancho, comum a outros restaurantes texanos, mas, ao mesmo tempo, ele se mesclava a um sutil requinte. Não deveria ser o restaurante mais caro daquela região, mas parecia minimamente decente.

Entreguei a chave do meu carro para o manobrista e segui para o interior do estabelecimento até ser parado por uma recepcionista jovem na entrada. Ela me dirigiu um largo sorriso e eu sorri de volta. Sabia bem do efeito que tinha nas mulheres e usava ele sempre ao meu favor.

— Bom dia, senhor...

— Campbell.

— Ah! — Colocou uma mecha do cabelo castanho claro atrás da orelha. — O senhor tem uma reserva?

— Vim a um encontro de negócios. Sou convidado do Eric Dickson.

— Só um momento, por favor.

Assenti enquanto ela corria os olhos pelo tablet em suas mãos.

— Ah, sim! Ele reservou uma mesa para dois e já chegou.

— Ótimo!

— Me acompanhe. — Fez um gesto para que eu a seguisse.

Ao caminhar pelo salão do restaurante, observei as mesas rústicas feitas de troncos de árvore, cortados e envernizados.

— Aqui. — Ela indicou e eu parei de correr os olhos pelo local para fitar o associado.

— Andrew! — Ele se levantou de braços abertos.

— Eric. — Correspondi ao seu sorriso, mas sem a mesma empolgação.

— Que bom que você chegou logo.

— Tendo a não me atrasar para os meus compromissos.

— Acho que a Sarah discordaria disso. Porém, eu sei que bem lá no fundo ela só quer dar para você, assim como todas as outras.

— Prefiro não comer no trabalho.

— Faz bem. — Ele gargalhou. — Por falar em comer... sente-se! Hoje você vai experimentar a melhor costelinha com barbecue dos Estados Unidos.

— Acho um pouco de exagero.

— É porque não comeu ainda. — Ele fez um gesto para que o garçom se aproximasse. — Vamos querer duas costelas.

O homem balançou a cabeça e tirou o aparelho do bolso do avental para anotar o pedido.

— O que você quer para beber, Andrew?

— Pode ser um refrigerante.

— Não ligo se beber uma cerveja na minha frente. — Ele gargalhou.

— Tenho outra reunião depois, então é melhor me comportar.

— Você se comportando? Até parece uma piada.

Dei de ombros como se ele estivesse exagerando. Sabia bem que a minha vida promíscua não era novidade para ninguém, entretanto, como CEO da Global Oils, eu me esforçava para fazer o melhor trabalho possível e os números comprovavam os meus excelentes resultados.

— Enquanto a comida não chega — peguei um guardanapo e o ajeitei no meu colo sobre a minha calça de alta alfaiataria —, por que não me conta o motivo de ter me chamado até aqui?

— Sempre direto ao ponto.

— Só sexo exige preliminares, meu caro — falei, sério, e ele teve uma crise de riso.

— Você é ótimo.

Movi as sobrancelhas incitando-o a falar logo.

— Bom, quero discutir com você a expansão dos negócios. Fiquei sabendo que no oriente médio...

— Quer investir no oriente?

— As jazidas de petróleo de lá são imensas.

— As disputas também. Há muito para ser explorado no Texas para que entremos em guerras internacionais.

— Mas petróleo é um recurso finito.

— Há outros locais aqui que podemos investir. Inclusive, estou estudando o petróleo marítimo que foi encontrado na camada do pré-sal na América Latina. Temos que levantar todos os custos e as perspectivas de lucro antes de tomar qualquer decisão.

— Muito astuto.

— Sempre.

O garçom se aproximou com os nossos pratos e me afastei para dar espaço para que ele o colocasse diante de mim. Depois de servido, peguei o garfo, tirando um pedaço da carne e levando-a a boca. Mastiguei um pouco e ela se dissolveu. Eu não sabia se poderia concordar com o Eric sobre ser o melhor dos Estados Unidos, mas o sabor realmente era magnífico.



Olivia

Capítulo quinze

— Esse é o prato da mesa quatro. — Entreguei para o meu auxiliar ao voltar para perto do fogão e preparar mais três pedidos que estavam fixados diante de mim.

— Está bem movimentado para uma segunda-feira — comentou Colin ao parar ao meu lado com um sorriso largo.

— Desde que aquele crítico postou uma avaliação do restaurante no blog dele, não paramos de receber novos clientes.

— Você merece, Olivia. É a melhor chefe do Texas.

— Não seja exagerado. — Balançava a frigideira ao dourar algumas cebolas.

— Tudo bem, dos Estados Unidos inteiro.

Balancei a cabeça em negativa, mas ele continuou insistindo.

— Tem chefes piores com egos muito maiores do que o seu.

— Talvez seja por isso que eles continuam sendo os piores.

— É bem por aí.

Ouvi um choro que ecoou por toda a cozinha e meu coração ficou um pouco apertado. Era praticamente impossível não largar tudo o que eu estava fazendo e ir correndo todas as vezes que ouvia aquele som.

— Toma conta. — Entreguei a panela para o Colin. — Fica de olho no ponto para elas ficarem bem crocantes.

— Pode deixar, chefe!

— Está na hora de alimentar o Tyler. Fica de olho, Colin.

— Vai ficar sob controle. — Ele prestou continência.

— Cuidado! — Apontei para a panela e para a trempe. Por pouco não havia colocado fogo no seu *dólmã*.

— Desculpa. — Ele ficou sem jeito e eu me afastei, rindo.

Caminhei para o fundo da cozinha, num local perto da despensa e bem longe de onde estava o fogão e a churrasqueira. Agachei-me ao lado do cercadinho onde o meu filho estava de pé, segurando na borda, e ele parou de chorar, mostrando os dentinhos em um sorriso quando olhou para mim.

— Oi, meu amor, você está com fome?

— *Mama*.

— Você quer mamar ou a mamãe?

— *Mama.*

— Acho que um pouco dos dois, não é mesmo? — Peguei-o no colo e Tyler me envolveu com os seus pequenos bracinhos.

Descobrir que estava grávida depois de tudo o que havia acontecido comigo pareceu ser a cereja do bolo da minha derrocada. Entretanto acabou se mostrando toda a força que eu precisava para me reerguer e dar o melhor que eu poderia de mim. Tyler era o meu recomeço e a principal motivação para que eu me superasse todos os dias. Eu não poderia desistir, independente da dificuldade que eu tivesse que enfrentar, porque ele precisava de mim.

Caminhei com o meu filho para uma porta nos fundos do restaurante e acessei a entrada da minha casa. Depois que o rancho havia sido vendido para a Global Oils eu trabalhei em um restaurante até ter a coragem de usar o dinheiro da venda para investir no meu próprio na capital do Texas.

Não foi nada fácil fazer isso como mãe solteira e enfrentando os primeiros meses de um bebezinho, que trocava o dia pela noite e tinha muitas cólicas. Ele ficava comigo na cozinha e muitas vezes eu estava dormindo em pé de tão cansada. Felizmente ele havia sido

acolhido por todos os funcionários que eu contratei, que se revezavam para me ajudar a cuidar do bebê.

Sentei no sofá e abri o meu *dólmã*,, abaixando a alça da blusa branca que usava por baixo e o sutiã. Meu filho abocanhou o meu seio sem pensar duas vezes e eu acariciei o seu rostinho, tão pequeno e delicado, enquanto ele se alimentava sem preocupação nenhuma.

Já havia enfrentado momentos difíceis, mas havia me saído bem. Com o Tyler crescendo e prestes a fazer um ano, estava ficando mais fácil conciliar as coisas. Ele era tudo para mim e minha vida girava em torno dele.

De certa forma, depois do choque inicial, saber que seria mãe me deu esperança e mostrou que a vida continuava mesmo depois de grandes perdas.

Beijei sua testinha e ele largou o meu mamilo para sorrir para mim.

— Fofinho! Adoro ver você sorrindo, mas tem que terminar de mamar logo porque a mamãe precisa voltar para a cozinha. O restaurante está cheio e os clientes também precisam comer.

Tyler ficou olhando para mim até se recordar do meu seio e voltar a sugá-lo.

— A mamãe te ama.

Apertei-o um pouco mais junto a mim e ficamos ali até que ele terminasse de se alimentar.



Andrew

Capítulo dezesseis

— Tem razão. — Admiti, ao abaixar o garfo.

— Disse que a comida era boa.

— Realmente, espetacular. Como descobriu esse restaurante?

— Falaram dele num blog que eu acompanho. Decidi vir experimentar a comida e não me arrependi.

— É... — resmunguei enquanto pensava que não seria mal vir ali mais vezes. — Esse chefe é muito bom.

— É raro ouvi-lo elogiando alguém.

— Algumas pessoas realmente nascem com talento, ou o desenvolvem. Quando isso acontece, temos que parabenizar.

— Você tem razão. — Ele fez um gesto para que o garçom se aproximasse.

— O que está fazendo?

Eric não me respondeu.

— Em que posso ajudá-lo, senhor? — O garçom se curvou na direção do meu sócio.

— Pode chamar para nós o chefe, por favor?

— Aconteceu alguma coisa? — O funcionário ficou receoso.

— Não, a comida está magnífica. Queríamos parabenizar o chefe pessoalmente.

— Vou informar na cozinha para que ele venha.

— Obrigado.

— Não precisava disso. — Curvei-me na direção do Eric quando o garçom se afastou.

— Quero vê-lo parabenizar alguém.

Revirei os olhos e Eric riu. Quanto a isso ele estava certo, eu não era do tipo que tecia elogios ou fazia agradecimentos. Entretanto precisava concordar com o crítico que havia falado bem daquele local. Ao menos sobre aquele prato, já que não havia provado todos.

Meu celular vibrou no bolso e eu me curvei para pegá-lo. Eu não podia demorar muito mais porque em breve teria outra reunião mais frutífera para comparecer.

— Ah, é uma chefe!

Virei o rosto após ouvir a voz do Eric e a minha surpresa não poderia ser maior. Fazia mais de um ano desde que eu havia visto aqueles olhos pela última vez e eu consegui reconhecê-los muito bem.

— Olivia...

— Andrew...

— Vocês se conhecem? — Eric alternou o olhar entre nós.

— O que está fazendo aqui? — questionou Olivia.

— Vim almoçar.

— Eu não acredito que até a chefe do restaurante faz parte da sua lista. — Eric começou a rir. — Meu Deus, por que eu me casei cedo?

— Eu preciso ir trabalhar. — Olivia não escondeu a fúria na forma como me encarava.

— Não vai parabenizá-la pelo prato? — Eric instigou.

— Fica na sua — falei com um tom ríspido.

Discutir qualquer parte do meu passado na mesa de um salão de restaurante era algo que certamente eu queria evitar.

Ouvi um choro de bebê e por reflexo meus olhos se desviaram dos dela e encontraram a criança nos braços de um cara que se aproximava.

— Desculpa interromper, Olivia, mas o Ty não para de chorar. Fiz careta e tentei de tudo, mas...

— Vem aqui, filho. — Ela o pegou no colo e o escondeu com os braços, fazendo o possível para tirá-lo do meu alcance visual, mas o garotinho olhou bem na minha direção e parou de chorar.

Os olhos azuis...

O cabelo escuro...

Os traços do rosto...

Enquanto eu o analisava silenciosamente, Eric exclamou:

— Ele é a sua cara! Eu não acredito que você tem um filho e não contou para ninguém.

Filho... Aquela palavra ressoou diante de mim e me deixou completamente desconcertado.

Como contar para alguém algo que nem mesmo eu sabia?

— O restaurante está cheio, eu preciso ir. — Olivia deu as costas e saiu levando o bebê para longe de mim.

— Espera! — Levantei-me atrapalhado da mesa, deixando o guardanapo cair no chão, e fui atrás dela, segurando o seu ombro e fazendo com que girasse para me encarar.

— Eu tenho que trabalhar, senhor Campbell, e imagino que você tenha também, nem que seja só manipular a próxima roceira.

— Olivia!

— A refeição é por conta da casa. Só vai embora.

O bebê voltou a chorar e eu aproximei a minha mão de seu rosto. Ele agarrou o meu dedo, fechando as suas mãozinhas gorduchas ao redor dele.

— Ele é meu... — balbuciei enquanto o fitava.

— Não! Ele é meu. — Olivia soltou a mãozinha dele do meu dedo e o protegeu com o corpo, ficando de costas para mim.

— Eu não acredito que escondeu ele de mim.

— Parece que não é o único a esconder coisas aqui. — Ela tentou se afastar, mas eu a segui até a porta da cozinha. Estavam todos olhando para nós, mas essa não era a minha maior preocupação no momento.

— É diferente.

Ela riu com amargor.

— Você mentiu e me manipulou.

— Escuta...

— Escuta você! — Ela me interrompeu com um tom raivoso.
— Dá o fora do meu restaurante e volta para o seu castelinho, rei do petróleo.

— Meu filho...

— Eu e o *MEU FILHO* estamos muito bem sem você.

— Precisa de ajuda com algo, Olivia? — O sujeito que havia trazido o bebê parou ao meu lado, encarando-me dos pés à cabeça.

— Coloca ele para fora.

— Quê? — resmunguei, indignado.

— Vamos embora, cara. — O homem segurou o meu ombro e me empurrou para trás.

— Tira as mãos de mim — rosnei.

— Ouviu a chefe. Saia do restaurante.

— Tenho assuntos para conversar com ela.

— Ela não tem nada para conversar com você.

Eu o vi fazer um gesto para o garçom e juntos seguraram os meus braços enquanto eu me debatia, e me arrastaram para fora do restaurante.

— Esperem!

— Eu nunca imaginei que o rei do petróleo seria colocado para fora de algum lugar. — Eric veio até mim sem conter as gargalhadas.

— Cala a boca! — Bufei.

— Você deve ter irritado bastante essa daí.

— Vai embora, Eric.

— Acho que você deveria ir também.

— Fica na sua.

Estava bufando e dei passos furiosos para a entrada do restaurante, mas o garçom ainda estava na entrada quase como um segurança. Eu até poderia insistir, mas era provável que o incidente estivesse em todas as revistas de fofoca no dia seguinte. Eu não queria todas as pessoas comentando enquanto nem eu sabia direito o que estava acontecendo.



Olivia

Capítulo dezessete

Segurei as lágrimas porque eu sabia que ele não as merecia. Depois de ter deixado o rancho, nunca mais voltei a ver Andrew Campbell pessoalmente. Ele era o dono da maior petrolífera do Texas e eu só uma mãe solteira tentando vencer as dificuldades da vida. Descobri que estava grávida pouco depois de ter entregado o rancho e, como não tinha tido outro homem há meses, não me restava dúvidas de que o Tyler havia sido gerado naquela noite.

Não procurei o Andrew para contar.

Não queria a ajuda dele.

Certa ou não, ele já tinha me manipulado o suficiente, e eu julgava que, por mais que parecesse difícil, eu e meu filho estaríamos melhor sem ele. Sem contar a possibilidade de que ele poderia tentar tirar o bebê de mim, assim como havia feito com o rancho.

Tinha perdido tudo o que mais importava para mim, não poderia ficar sem o meu filho também.

Nutria uma fé inabalável que o meu caminho jamais se cruzaria com o daquele homem outra vez. Ele não precisava saber do Tyler e nem o Tyler dele, entretanto eu não poderia prever que o desgraçado entraria logo no meu restaurante com tantos outros que existiam pela cidade.

Entreguei um mordedor para o Tyler, que provavelmente estava reclamando de algum dentinho doendo, e o acomodei no cercadinho. Ele ficou mastigando o tubarão de borracha e não voltou a chorar.

— Olivia...

Virei para trás e vi o Colin me encarando. Ele estava com as mãos dentro dos bolsos da calça branca e me encarava com uma expressão interrogativa.

— Temos mesas para servir. Não podemos deixar os auxiliares sozinhos. — Tentei passar por ele, mas Colin segurou o meu braço e me puxou, fazendo com que eu voltasse a encará-lo.

— Live...

— Colin, por favor.

— Eu sou mais do que só um *sous chef*, me considero pelo menos um amigo.

— Sim... — Soltei o ar com força. — Você é um amigo.

Depois do Andrew, eu tinha uma certa dificuldade em confiar nas pessoas, mas Colin se provava diariamente alguém honesto e sincero.

— Aquele cara é o pai do Tyler?

Mordi os lábios e encarei o piso branco que revestia o chão da cozinha. Fiquei assim por um bom tempo antes de erguer a cabeça e voltar a encará-lo.

— Sim.

— Você disse que ele tinha abandonado vocês.

— De certa forma...

— Mas ele parecia nem saber do menino.

— É complicado, Colin.

— Eu sou um bom ouvinte.

— Temos trabalho para fazer.

— Tudo bem. — Ele acabou assentindo, mas fiquei com a impressão de que não seria o bastante para convencê-lo a não me fazer mais questionamentos.

Voltamos para a cozinha e fomos preparar alguns pratos que estavam atrasados.



Andrew

Capítulo dezoito

— Charles, cancele a minha reunião da tarde. — Minha voz ecoou dentro do carro enquanto eu dirigia pela autoestrada para longe de Dallas.

— Como assim, senhor? A equipe já está na sala, estão todos esperando o senhor.

— Cancela.

— Onde está?

— Saí de Dallas.

— Mas e o compromisso?

— Já disse para cancelar.

— O senhor precisa de algo? Está tudo bem? Sua voz está estranha.

— Não estou nada bem. Pode dizer aos funcionários que passei mal, ou invente qualquer desculpa melhor.

— Quer que eu mande alguém o buscar?

— Não!

— Mas... — Sua voz estremeceu do outro lado da linha.

— Só preciso de espaço, Charles.

— Senhor...

— Nos falamos depois. — Apertei o botão no volante para encerrar a ligação e pisei mais firme no acelerador.

As imagens do bebê apareciam como flashes diante de mim, mesmo que eu não fechasse os olhos. Quanto mais tentava evitá-las, mais fortes elas ficavam.

Eu não planejava ter um filho, ainda que a sociedade me cobrasse isso em diversos momentos. Sempre fui um solteiro convicto e aquele estilo de vida era o que melhor me convinha. A minha maior responsabilidade sempre foi a empresa e eu não me via com a necessidade de arrumar qualquer outra.

Transava com diversas mulheres puramente para satisfazer a minha necessidade de prazer, mas usava camisinha sempre, com a Olivia foi o meu único descuido. Entretanto transamos só uma vez. Mais de um ano se passou, e ela não veio falar nada comigo, como eu poderia prever que havia engravidado naquela noite?

Que ela estava com raiva de mim eu não tinha dúvidas, mas não era a primeira mulher a me odiar. Costumavam reagir assim depois que eu perdia o encanto.

Estacionei o carro e desci. O local onde costumava ser o rancho dela estava completamente transformado e tomado por bombas de vareta, que extraíam o petróleo dos poços. Não havia mais qualquer sinal da casa ou de qualquer coisa que remetesse a lembranças dela.

Eu havia conquistado o meu objetivo e o local rendia milhares de dólares para a empresa.

Não deveria me preocupar com mais nada.

Ele é a sua cara... A exclamação do Eric ecoou na minha mente.

Não era bom com idade de bebês, mas parecia possível considerando o momento em que transamos e o tempo que se passou. Mas poderia simplesmente fingir que não tinha absolutamente nada a ver com isso. Ela parecia determinada a me manter longe da criança, nem ao menos tinha se dado ao trabalho de me contar.

Mas ele tinha a minha cara...

Mesmo que eu quisesse, não poderia simplesmente dizer que não era meu. Ainda que nenhum teste de DNA houvesse sido feito, qual a probabilidade do bebê ter outro pai e nascer exatamente com os meus traços?

Olhar para ele era quase como rever uma das minhas fotos de infância.

Era meu filho e inexplicavelmente conseguia sentir aquilo.

Meu filho...

Minhas pernas ficaram bambas, quase como se o chão houvesse se aberto sob os meus pés. Felizmente estava escorado na lataria do carro.

Eu não havia procurado a Olivia depois do que tinha acontecido, assim como não procurava nenhuma mulher com quem trepava. Ela não passava de um número da minha lista. Era bonita, mas já estive com tantas outras tão atraentes quanto que já havia perdido as contas.

Mas aquela criança mudava tudo, ia completamente na contramão de qualquer coisa com a qual eu estivesse habituado e eu não sabia o que fazer. Apenas tinha a certeza de que precisava revê-lo o quanto antes.

Olhei para a minha mão e me recordei dos dedinhos dele envolvendo o meu. A sensação era difícil de explicar e me deixava completamente fora do meu eixo racional.

Estava completamente perturbado com o que havia acontecido e pela primeira vez percebi que eu não sabia o que fazer.



Olivia

Capítulo dezenove

— Pode ir para casa, Sacha. — Colin se aproximou da auxiliar de cozinha que estava lavando algumas louças.

— Tem certeza?

— Pode deixar que eu termino de lavar. — Ele piscou para ela.

— Okay! — Ela sorriu ao olhar para mim e balancei a cabeça concordando que ela fosse embora.

Sacha, Giovana e Dominic saíram e percebi que o Colin tinha agido propositalmente para nos deixar sozinhos.

— Vou descontar do seu salário. — Cruzei os braços.

— Descontar o quê? — Fez-se de desentendido.

— Os minutos que os auxiliares saíram mais cedo.

— Eu não sabia que você era tão tirana. — Ele pegou um pouco de água e espirrou em mim, fazendo com que eu recuasse.

— Ei! — Comecei a rir. — Geralmente não sou.

— Só quando está de mal humor?

— Basicamente.

— Eu não deveria ter levado o Tyler lá no salão.

— Não tinha como você prever, Colin. Nem eu poderia adivinhar que o Andrew estava lá.

— Eu nunca conseguiria te imaginar tendo um caso com um cara como ele. As mulheres que vejo nas revistas de fofoca não são como você.

— Disse que é complicado...

— Tenho uma pilha enorme de vasilhas para lavar. Você pode começar a falar.

— Não quero te aborrecer com a minha vida pessoal.

— Nada disso. Somos amigos, lembra?

— Eu conheci um outro Andrew... Na verdade, ele interpretou um papel e eu deveria ter desconfiado que havia algo de errado. —
Escorei-me no balcão ao lado dele e comecei a contar a história, do momento em que perdi os meus pais até o falso cowboy me convencer a vender o rancho da minha família.

— Nossa! Eu não imaginava que ele era tão otário.

— Pois é...

— E o que você vai fazer agora?

— Eu não sei...

— Se for fugir, me leva junto.

Ri da sua brincadeira e Colin riu de volta, evidenciando ainda mais as covinhas nas suas bochechas.

— Estou torcendo para que ele se preocupe apenas com os negócios e suas conquistas. O Tyler não vai ser importante. Talvez fique com medo de que eu exija alguma pensão dele, mas cuidei do meu filho muito bem até agora.

— Você é uma supermãe.

— Você me ajuda.

— É um prazer. Tyler alegria a vida de todos aqui.

— Sim... — Girei o meu corpo para ver o meu filho dormindo no cercadinho.

Ele era o meu mundo. Ficava apavorada com qualquer ideia de a bolha que eu havia criado para viver junto com ele fosse estourada em algum momento.

— Chuto ele para fora se aparecer novamente.

— Estou contando com isso.

— Pode confiar... — A fala do Colin foi interrompida pela oportunidade de fazê-lo cumprir a sua promessa.

— Olivia.

— Como entrou aqui? — Surpreendi-me com o Andrew surgindo no centro da minha cozinha, quase como se fosse um fantasma.

— Entrei pela porta dos fundos.

— Eu vou ligar para a polícia!

— Não pode fazer isso. — Estufou o peito com toda a sua arrogância e prepotência.

— Acha que não? Você está na minha propriedade.

— Eu exijo que converse comigo.

— Não tem direito de exigir nada aqui, idiota. — Com as mãos molhas, Colin o empurrou pelos ombros.

— Me solta. — Andrew apertou os dentes.

— Vai embora!

— Eu não posso simplesmente sair assim. — Ele moveu a cabeça para me encarar.

— Não só pode, como deve. — Cerrei os dentes.

— Temos um filho juntos.

— Não temos nada, Andrew.

— Ele é a minha cara.

— Isso não significa coisa alguma. — Tentei manter a postura. Eu não iria entregar o ouro para o bandido, principalmente porque eu tinha medo do que ele poderia fazer.

— Vou precisar de um advogado para exigir um teste de DNA?

— Você não vai fazer isso. — Fiquei apavorada e as lágrimas pesaram nos meus olhos. — Por favor, vai embora.

— Não.

— Ouviu o que ela disse, cara. — Colin se impôs. — Sai daqui.

— Eu não vou a lugar nenhum.

— Vou ter que agir por você.

— Tem alguma ideia de com quem está falando? — Andrew estufou o peito. — Eu sou o...

— Cala a boca, mané. — Colin o empurrou pelos ombros e Andrew deu alguns passos para trás. — Se você não sair agora, vai ser pior.

— Sai da minha frente! — Andrew empurrou o Colin.

— Colin, não! — gritei, quando ele levantou a mão, prestes a acertar Andrew com um soco.

— Mas, Live...

— Fica de olho no Ty para mim. — Segurei o braço do Andrew e saí arrastando-o para o beco que ficava atrás do restaurante, onde colocava a lata de lixo. Tinha apenas uma pequena luz na fachada e não era o suficiente para iluminar o local todo, deixando-o na penumbra.

— Você não deveria estar aqui.

— Ah, é? — Ele balançou a cabeça, como se estivesse indignado. — Ele tem dez meses, não é?

— É... — admiti, por mais que não quisesse.

— Eu sou o pai. — Não era uma pergunta, mas sim uma afirmação.

— Olha, Andrew, sei muito bem que você não quer nada disso. Se eu tiver que assinar algum documento abrindo mão de pensão ou de qualquer direito de paternidade, tudo bem. Eu cuidei dele sozinha e vou continuar cuidando. Pode voltar para a sua vida sem medo.

— Você nunca me perguntou se eu queria ser pai.

— E não quer...

— Não pode tirar conclusões por mim.

— Francamente, Andrew Campbell, sua fama o precede. Dez minutos de busca com o seu nome pela internet para saber o que você quer da vida. O bilionário promíscuo do Texas.

— Está tirando conclusões demais sobre mim.

— Você mentiu! Você me enganou!

— E você tirou de mim um ano da vida do meu filho.

— Acha que vai chegar aqui fazendo um teatrinho, como se isso fosse importante para você, só porque um dos seus amiguinhos viu o Tyler e deduziu qualquer coisa?

— Eu me importo!

— Conta outra. — Ri, mas estava mais nervosa do que tudo.

— Para de agir como se eu não tivesse direito sobre ele.

— E não tem.

— Tenho certeza de que qualquer juiz vai dizer outra coisa.

Eu não consegui mais conter as lágrimas porque o desespero tomou conta de mim.

— É isso que você quer? Só me destruir? Se aproximou para tirar o rancho de mim e agora vai arrancar o meu filho?

— Eu não vou tomá-lo de você, Olivia. — Estendeu a mão e eu bati nela com raiva.

— Não confio em você!

— Esquece o que aconteceu.

— Acha que é simples assim?

— Eu... — Ele respirou fundo. — Quero ver o meu filho.

— É sempre assim, não é? — falava, derramando raiva pelas palavras e lágrimas dos olhos. — Você faz o que quer.

— Eu não sabia que você tinha ficado grávida, nunca neguei o meu filho... Eu não sabia que era pai...

— E o que você teria feito se eu tivesse contado? Me devolvido o rancho e sido gentil comigo?

— O rancho pertence a empresa...

— Claro.

— Olivia...

— Não precisa fingir que se importa. Eu te exonero de qualquer responsabilidade que acredite ter com o Tyler.

— Aquele cara registrou o meu filho?

— O Colin... Não!

— Ele é seu namorado?

— Isso não é da sua conta.

— Bom, talvez não, mas o Tyler é.

— Então vai entrar na justiça e usar o seu dinheiro de merda para tirar o meu filho de mim?

Ele respirou fundo antes de voltar a me encarar.

— Não precisa ser assim. Eu quero vê-lo. É meu direito, e você sabe disso.

Eu não queria. Estava com raiva depois de tudo o que havia acontecido. Entretanto, gostasse eu ou não, Andrew estava certo, era direito dele.



Andrew

Capítulo vinte

Voltei para a cozinha do restaurante atrás da Olivia. Eram emoções demais para um dia só, a minha vida havia girado de cabeça para baixo.

Eu tinha um filho... Um bebê que inegavelmente era meu.

Olivia estava furiosa comigo, mas eu não iria deixar que a fúria dela ficasse entre mim e a vontade de ver o menino. Eu nem sabia que poderia me sentir daquele jeito até que os meus olhos haviam cruzado com os dele pela primeira vez.

Primeiro veio a desconfiança, depois o medo, e por fim a certeza de que eu tinha que fazer parte da vida dele. Durante as horas que eu passei olhando para o terreno onde costumava ser o rancho da Olivia, eu senti raiva por ela ter escondido de mim, frustração por nunca o ter o segurado no colo, por ter perdido momentos importantes da vida dele, mas depois tudo foi suprimido por uma necessidade de não perder mais tempo.

Curvei-me sobre o cercadinho e ele abriu os olhos, tão azuis quanto os meus, encarando-me.

— Oi!

Tyler ficou olhando para mim enquanto eu olhava para ele.

Ao fundo pude ouvir o *sous chef* perguntando a Olivia se estava tudo bem, mas a resposta dela foi inaudível, entretanto não era a minha preocupação no momento.

Peguei o Tyler nos braços e ele não chorou enquanto eu o aninhava junto ao meu peito. Quando senti o calor da mãozinha dele tocando o meu rosto foi como se eu houvesse nascido de novo. Eu nunca havia sentido nada igualmente parecido com aquilo, e o meu coração estava batendo de uma forma diferente.

— Eu sou o seu pai, Tyler.

— *Pa.*

— É papai...

— *Papa...*

— Isso! — Meus olhos lacrimejaram com uma emoção que estava me transcendendo.

Eu já tinha alcançado muitas coisas na vida, mas aquilo me tocou mais do que qualquer quantidade de dinheiro que eu pudesse ter ganhado.

Tyler ficou olhando para mim até que ele começou a chorar e Olivia apareceu ao meu lado.

— Me entrega ele. Ty não gosta de ficar no colo de estranhos.

— Eu não deveria ser um estranho — falei com tom ríspido.

— Não deveria ser muita coisa, Andrew.

— Acho melhor você ir embora, cara. — O sujeito irritante tentou me expulsar de novo.

— Não pode me afastar dele, Olivia.

— Até quando vai brincar fingindo que se importa? Eu posso lidar com o que fez comigo, mas ele é só um bebê.

— Você está tirando conclusões precipitadas sobre mim. Nem me conhece.

— Pois é, realmente não conheço, o que não me garante que só está fazendo outro teatrinho, cowboy.

Contraí o meu rosto, bufando como um touro. Não estava nem um pouco contente em ouvir aquelas indiretas dela. Entretanto, gostasse eu ou não, eu tinha feito o suficiente para provocar aquele tipo de insatisfação nela.

— Me deixa pegá-lo de novo. — Estendi os braços, mas ela girou o corpo, dando as costas para mim.

— Não.

— Olivia...

— Está quase na hora de ele mamar e dormir.

— Eu posso esperar.

— Ele só vai acordar amanhã.

Tinha as minhas dúvidas se ela estava falando a verdade comigo, entretanto conhecia pouco sobre bebês para ter certeza.

— Acho que já chega por hoje. Vai embora.

— Não perguntei a sua opinião — disse num tom ríspido para o sujeito que já estava me tirando do sério.

— Acha que manda aqui? — Ele estufou o peito, crescendo para cima de mim.

Estufei o meu de volta e estava disposto a revidar as suas ameaças, mas Olivia interveio.

— Colin...

— Só quero colocar esse sujeito para fora, Olivia.

— Ele já está indo, não é, Andrew?

— Estou... — Fui obrigado a recuar.

Por mais irritado que estivesse com a situação toda, eu não poderia simplesmente querer recuperar o último ano em apenas um dia.

Tirei o celular do bolso e entreguei para ela.

— Que isso? — Franziu o cenho.

— Preciso do seu número e quero que anote o meu.

Ela abriu os lábios, e imaginei que fosse dizer algo contra o meu pedido, mas acabou assentindo. Digitou o número e me devolveu o aparelho.

— Obrigado. — Mandeí uma mensagem para que ela pudesse salvar o meu. — Me liga se ele estiver precisando de alguma coisa.

— Ele ficou os últimos dez meses muito bem sem você.

— Mas ele não precisa ficar nem mais um dia.

Ela engoliu em seco diante da minha fala. Não retrucou as minhas palavras, mas a sua expressão continuou a mesma.

Aproximei-me do meu filho no colo dela e me curvei, beijando-o na testa. Ele abriu os olhinhos e me encarou.

— Está na hora de você ir. — Insistiu Olivia, afastando o menino de mim novamente.

— Tudo bem. — Engoli um misto de revolta e fúria e acabei assentindo.

Por mais que estivesse sendo tomado por uma onda de sentimentos completamente novos para mim, o desdém no rosto dela era muito conhecido. Eu precisaria lidar com ele e vencê-lo para ficar ao lado do meu filho.



Olivia

Capítulo vinte e um

Tranquei a porta de trás do restaurante assim que o Andrew saiu. Eu teria estremecido naquele momento, em um estranho misto de alívio e desespero, porém me mantive firme por causa do meu filho ainda nos meus braços.

— Eu posso ir lá e dar uma surra nele — disse Colin num tom debochado.

— Você está brincando, né?

— Toda brincadeira tem um fundo de verdade.

— Colin!

— Ei, tudo para defender você!

Neguei, balançando a cabeça, e ele riu.

— Não quero que seja preso por agressão.

— Aquele cara bem que merecia. Quem ele pensa que é para chegar aqui exigindo qualquer coisa?

— Por mais que seja horrível admitir, eu não fiz o Tyler sozinha.

— Mas o criou sozinha.

— Ele tem razão, eu nunca contei nada... Estava com raiva, mas eu não dei para o Andrew a escolha de saber do nosso filho.

— Eu não acredito que você está concordando com as besteiras que aquele cara falou. — Colin levantou o tom, irritado.

Tyler se assustou no meu colo e começou a chorar.

— Oh, meu amor. — Aninhei-o, acariciando a sua cabecinha.

— Ei, garotão! Está tudo bem. — Colin fez carinho nele.

— Ele tem direitos como pai, goste eu ou não. Achei que nunca mais fosse trombar com ele, mas não era assim tão simples, ainda mais morando na mesma cidade.

— Dallas é enorme.

— Não tão grande assim.

— Ele não tem direito a nada, Live. — Colin colocou a mão sobre o meu ombro e eu levantei a cabeça, fitando os olhos castanhos dele.

— É o pai do Tyler...

— Não é não!

— Escuta, Colin. — Abri um sorriso amarelo. — Um monte de coisas aconteceu, mas sei muito bem com quem eu transei.

— Você mesma me disse que foi só uma vez. Vocês não namoravam nem nada, e ele estava fingindo ser uma pessoa que não era.

— Aonde pretende chegar com isso? — Tombei a cabeça, analisando-o melhor.

— Ele não tem provas de que o filho é dele.

— Além do fato do Tyler ser exatamente igual a ele?

— Mera trivialidade. É só você dizer que ele não é o pai.

— Colin...

— Eu posso...

— Não! — interrompi, antes que sugerisse aquela ideia maluca.

Abaixei a cabeça e olhei para o meu filho. Ele ainda era pequeno demais para entender tudo o que estava acontecendo, entretanto eu não poderia arrastá-lo para uma teia de mentiras.

— O Andrew mentiu para mim, mas eu não posso mentir para o Tyler.

— Nem se for melhor para ele?

Fiquei em silêncio, refletindo sobre aquilo. Eu odiava o Andrew por uma série de circunstâncias, no entanto, mais do que os meus próprios sentimentos e o meu coração partido, tinha que pensar no meu bebê e que ele era a minha prioridade. Andrew era um dos caras mais ricos do país, ele poderia comprar qualquer juiz, e só a ideia de que ele pudesse tentar arrancar o meu filho de mim era aterradorizante.

Não só uma disputa judicial poderia trazer um estresse desnecessário para o meu filho, como também a mentira.

— Eu preciso pensar no que é melhor para o meu filho.

— Ter um pai rico com certeza é o melhor.

— Cala a boca, Colin! — Levantei uma das mãos e parei no meio do caminho antes de dar um tapa na cara dele. Nunca fui interesseira aquele ponto e a mínima insinuação me ofendia profundamente.

— Desculpa. — Ele recuou, curvando a cabeça encarando o chão da cozinha.

— Eu não vou mentir para o meu filho porque o pai dele é um ricaço egoísta ao invés de um bom *sous chef*, mas sim porque amanhã, se ele descobrir a verdade, vai ficar muito decepcionado comigo.

— Então por que não contou para o pai dele antes?

— A minha raiva falou mais alto, e no fundo eu tinha medo dele rejeitar o Tyler. Já bastava tudo o que tinha feito comigo, não queria que tratasse o meu bebê mal ou pior, ou que me pedisse para tirar.

— Então tudo o que ele precisava era vir aqui, dizendo que quer o menino, que você vai esquecer tudo o que ele te fez?

— Não estou esquecendo nada, Colin.

— Está parecendo o contrário.

— Eu só estou tentando fazer o melhor. — As lágrimas pesaram nos meus olhos.

Senti a mãozinha quente do Tyler tocar o meu rosto e não consegui mais contê-las.

— *Mama...*

— Eu te amo, meu filho. — Beije a mãozinha dele.

— Eu não queria fazer você chorar, Live. — Colin veio para perto de mim e eu recuei.

— Eu preciso alimentar o Tyler e dar banho nele. Já está ficando tarde e amanhã cedo temos entrega do nosso fornecedor de hortaliças.

— Eu posso ajudá-la.

— Não! Vai para casa. Chega amanhã mais cedo para terminar de lavar as louças.

— Olivia...

— Até amanhã, Colin.

Ele balançou a cabeça, concordando, e deu as costas.

Tinha certeza de que o Colin estava apenas tentando me ajudar, mas naquele momento tão complicado, nem eu mesma sabia direito como agir. Tinha guardado muita raiva do Andrew e ainda guardava. Aquele rancor tinha sido alimentado com o passar do tempo, mas ele havia me dito coisas que não poderia simplesmente ignorar.

Ele era pai do Tyler.

Realmente nunca havia o questionado sobre qualquer interesse de participar da vida do nosso filho, por mais que uma parte de mim, a decepcionada e abandonada, acreditasse que ele não possuía qualquer direito. Mas a questão não era o Andrew, mas o Tyler. Se o pai queria conviver com ele, não podia tirar isso do meu filho.

Claro que havia uma montanha de medo em relação a isso. Se o Andrew mudasse de ideia, o principal prejudicado seria o Tyler.

Ser mãe não era algo com manual de instrução, e tentar fazer o melhor para o meu filho era um desafio muito maior do que parecia a princípio.



Andrew

Capítulo vinte e dois

Fiquei olhando para o celular até que o peguei e mandei uma mensagem para a Olivia.

Andrew:

Como ele está?

Esperei, enquanto alternava o meu olhar entre o visor do aparelho e o monitor do computador com as tarefas do meu dia.

— Senhor? — Charles bateu na porta antes de entrar. — Bom dia!

— Bom dia.

— Está tudo bem?

Pisquei os olhos algumas vezes antes de verificar algumas mensagens dele que eu não havia respondido. Não havia dormido direito e estava completamente aéreo naquela manhã.

Um simples almoço parecia ter virado a minha vida inteira de cabeça para baixo...

— Eu tenho um filho, Charles... — sussurrei pensativo.

Aquela frase havia ecoado na minha cabeça desde que eu havia visto o Tyler pela primeira vez.

Meu filho...

Pensar que aquela notícia poderia ter me apavorado. Bom, no fundo apavorou de diversas formas. Nunca senti que estava pronto para esse momento, nem planejava ter uma família em algum momento da minha vida, mas ao olhar para aquele garotinho, tão parecido comigo, não conseguia simplesmente pensar em não estar presente na vida dele.

— É algum tipo de piada, senhor?

— Não... Ele tem dez meses e se chama Tyler.

— Não sabia.

— Também não. Descobri ontem.

— Quem é a mãe?

— A Olivia Garcia.

— A dona do rancho? — Ele arregalou os olhos cinzentos, surpreso com aquela informação.

Fiz que sim.

— Ela tem um restaurante agora. Foi onde o Eric, por coincidência, marcou a reunião de ontem.

— Mas como tem certeza de que é seu?

— Ele é muito parecido comigo.

— Acho que o senhor tem que exigir um DNA antes de dar qualquer dinheiro para ela.

— Eu não posso agir assim, Charles.

— Como não?

— Digamos que a Olivia não é a minha maior fã. Ela escondeu a gravidez e o bebê de mim. Tenho certeza de que se exigir um teste de DNA, ela vai inventar qualquer história para dizer que ele não é meu.

— Mas o seu dinheiro...

— Ela não teria escondido o Tyler por todo esse tempo se estivesse interessada no meu dinheiro.

— Então o que ela quer? — Franziu o cenho, confuso.

— Ficar longe de mim.

— Então não precisa se responsabilizar por essa criança. —

Ele pareceu de certa forma aliviado, para a minha surpresa.

— Ele é meu filho, Charles.

— Se ela não vai querer fazer um teste de DNA, nem precisa ser.

— Eu quero a criança! — Arregalou os olhos, surpreso com a minha afirmação. — Não preciso de um papel dizendo que ele é meu, tenho certeza. E pela forma como a Olivia reagiu, ela também não tem a menor dúvida.

— Trará o bebê para morar com o senhor?

— Duvido que a Olivia concorde com isso.

— É simples. Os advogados...

— Ela já me odeia o suficiente, Charles. Não preciso colocar mais lenha na fogueira.

— Então o que vai fazer?

— Mostrar para ela que quero estar presente na vida do meu filho e esperar que perceba que eu não sou o maior vilão da vida dela.

— E se não funcionar?

— Vamos torcer pelo plano A antes de pensar em alternativas.

Meu celular vibrou na mesa e eu o puxei, abrindo um sorriso ao ver a mensagem.

Olivia:

Ele está bem.

Andrew:

Me manda uma foto dele agora?

Olivia:

Foto???

Andrew:

Sim, quero vê-lo.

Olivia:

Estou ocupada.

Andrew:

Assim que der.

Olivia:

Okay.

Andrew:

Posso ir aí depois que você fechar o restaurante?

Olivia:

Para quê?

Andrew:

Vê-lo.

Olivia:

Já o viu ontem.

Andrew:

Mas não o vi nos últimos dez meses.

Fiquei sem resposta.

Não sei por quanto tempo encarei o celular até colocá-lo de volta sobre a mesa.

— Senhor?

Levantei a cabeça e encarei o Charles novamente.

— Sim?

— A reunião de ontem foi reagendada para hoje à tarde, não se esqueça.

— Estou me recordando.

Na verdade, não estava focando em nada.

— Ótimo. — Ele deu um sorriso e voltou a me deixar sozinho.

Meu celular vibrou e eu o puxei rapidamente.

O sorriso que iluminou o meu rosto foi involuntário ao ver a foto que a Olivia havia enviado. Tyler estava deitado no cercadinho e mordida um macaquinho de pelúcia.

Eu nasci em um mundo onde sempre tive tudo. A petrolífera me proporcionou uma infância de príncipe e agora me dava a realidade de um rei. Eu poderia adquirir qualquer coisa que o dinheiro

pudesse comprar, entretanto era surpreendente o quanto aquele menininho poderia me fazer feliz.

Andrew:

Ele é tão lindo.

Olivia:

Está dizendo isso porque ele se parece com você.

Andrew:

Talvez tenha saído um pouco melhor do que eu.

Olivia:

Muito melhor, eu espero. Ao menos vou criá-lo para não mentir e enganar as pessoas.

Afastei os olhos do celular quando aquela frase acertou o meu peito como um coice. Não era a melhor coisa do mundo tê-la jogando aquilo o tempo todo na minha cara, mas infelizmente eu tinha feito por merecer. Nunca cogitaria me arrepender do que tinha feito com a Olivia, não antes do Tyler.

Andrew:

Quando posso vê-lo?

Olivia:

Chegue as onze, já vou ter fechado o restaurante e os empregados já terão ido embora.

Andrew:

Inclusive aquele cara?

Olivia:

Deveria tê-lo deixado dar um jeito na sua cara.

Andrew:

Sei que está me odiando agora...

Olivia:

Não faz ideia do quanto.

Andrew:

Pensa no Tyler.

Olivia:

Se não estivesse pensando nele já teria descarregado a espingarda velha do meu pai na sua cara.

Andrew:

Estarei aí à noite. Bom trabalho.

Ela não respondeu a minha mensagem, mas achei que fosse o melhor jeito de dizer um *para você também*.

Geralmente estalava os dedos e tinha qualquer coisa que queria, principalmente o amor e adoração das mulheres, mas ter que calcular como agir com ela era muito mais difícil do que eu esperava. Entretanto não iria desistir, porque não estava disposto a abrir mão do meu filho.

Poderia ter descoberto sobre ele há pouco menos de vinte e quatro horas, mas inacreditavelmente era como se ele houvesse passado a ser uma das coisas mais importantes da minha vida.

Tinha ouvido alguns caras dizerem que ser pai era transformador, mas eu não poderia prever o quanto até segurá-lo nos braços pela primeira vez. A adrenalina e a emoção eram mais intensas do que correr em alta velocidade.

Tyler era meu filho e, Olivia me odiando ou não, iria ficar perto dele.



Olivia

Capítulo vinte e três

— Pode ir para casa, Colin. — Aproximei-me dele, enquanto o *sous chef* pegava uma vassoura para passá-la no chão da cozinha.

— Quero limpar...

— Você sabe que amanhã cedo a Dorothy vai fazer isso.

— Tem razão. — Ele puxou o ar com força e acabou assentindo. — Não tem nada que precise de mim?

Balancei a cabeça em negativa.

— E o Tyler?

— Ele está bem.

— Eu posso passar a noite aqui.

— Vá para casa, Colin. Você também precisa descansar. Nos vemos amanhã cedo.

— Certo. — Ele se aproximou de mim e me deu um beijo gentil na bochecha. — Qualquer coisa você me liga.

— Pode deixar.

— Boa noite, Live.

— Para você também.

Acenei para ele e Colin me fitou por mais alguns instantes, antes de dar as costas e sair pela porta dos fundos da cozinha.

Olhei para o relógio e pensei nas mensagens que havia trocado com o Andrew pela manhã. Estava sendo insano ele simplesmente reaparecer na minha vida. A minha vontade era expulsá-lo, fazer com que ficasse o mais longe possível de mim, mas tínhamos um filho juntos.

Poucos minutos depois que o Colin foi embora, ouvi uma batida na porta e respirei fundo para ir abri-la. Por mais que previsse que pudesse ser o Andrew, dar de cara com ele parado ali, com a cabeça baixa e as mãos dentro dos bolsos, ainda me deixou desconcertada.

— Oi — sussurrou para mim.

— Ei.

— Boa noite.

— Para você também.

— Posso entrar? — Indicou com a mão a cozinha atrás de mim e eu acabei assentindo e, dando alguns passos para trás,

permiti que ele passasse.

Assim que o Andrew entrou, girei a chave, trancando a porta novamente.

— Onde ele está?

— Dormindo no cercadinho.

Andrew passou por mim e foi até o local nos fundos da cozinha, onde eu sempre deixava o meu filho. Curvou-se, mas antes que o pegasse no colo, segurei o seu ombro, impedindo-o.

— Vai acabar acordando-o desse jeito.

— Desculpa — recuou. — Onde você mora? Meu carro está lá fora, posso levar vocês.

— Moramos aqui mesmo.

Peguei o Tyler no cercadinho com todo cuidado e o acomodei nos meus braços. Ele mal notou a diferença de superfície e continuou dormindo tranquilamente. Eu gostava de vê-lo daquele jeito, sem preocupação ou medo. Só queria fazer o meu melhor para que o meu filho pudesse ter a infância mais tranquila possível.

Caminhei para o corredor nos fundos da cozinha e o equilibrei para pegar a chave.

— O que foi? — Andrew chegou mais perto.

— Só vou pegar a chave.

— Deixa que eu pego para você.

— Não precisa.

— Então me entrega o Tyler.

Balancei a cabeça em negativa.

— Eu posso ajudá-la.

— Já disse que não precisa.

— Ei! — Ele levantou as mãos em sinal de rendição. — Não precisa me ver como o seu inimigo.

— Tem certeza?

— Tenho — falou convicto, por mais que eu não acreditasse em uma única palavra que saísse da sua boca. — Me deixa ajudar. Sei que fez tudo sozinha até agora, mas eu estou aqui.

Respirei fundo e fiquei olhando para a porta.

Eu não queria que ele se aproximasse. Detestava a ideia de ter que conviver com ele, mas a minha vontade não era a prioridade no momento.

— A chave está no meu bolso direito.

— Qual?

— O da frente.

— Okay.

Andrew se aproximou de mim, ficando tão perto que eu podia sentir a respiração dele na minha nuca. Tentei não estremecer com aquela sensação e não deixar que as imagens dele me tocando povoassem a minha mente, porém, estava falhando miseravelmente na tentativa.

Ele escorregou a mão pela minha cintura descendo até o meu bolso e enfiando os dedos para puxar a chave. Não deve ter levado mais de meio minuto, mas foi como se ele estivesse se movendo em câmera lenta. Naquele momento, lembrei-me de um ponto importante para não o querer perto de mim, o maldito sabia como me seduzir.

— Abre logo a porta. — Dei um passo para o lado, esquivando-me para que sua respiração saísse da minha nuca.

— Qual a chave? — Mostrou o chaveiro.

— Essa. — Apontei.

Ele deu um passo para frente e a colocou na fechadura, girou e abriu a porta.

Acendi a luz da sala e indiquei o pequeno sofá.

— Você pode sentar ali.

— Precisa de ajuda com algo?

— Não.

— O que vai fazer agora?

— Dar banho nele.

— Mas isso vai acordá-lo.

— Ele vai voltar a dormir depois de mamar.

— Eu quero ajudar.

— Não precisa.

— Olivia... Por favor...

— Okay.

Ele sorriu para mim e parecia ainda mais difícil ficar simplesmente furiosa. Eu não queria ceder as vontades do Andrew porque, no fundo, tinha muito medo de estar apenas sendo manipulada por ele novamente.

— Segura ele. — Acomodei o Tyler nos braços do pai. — Eu vou esquentar a água.

— Tudo bem.

— Coloca a mão aqui direito. — Puxei os dedos dele, acomodando sob a cabecinha do Tyler. — Tem que apoiá-lo bem.

— Assim?

— Isso.

Andrew sorriu e se curvou para dar um beijo na testa do bebê.

— Pode segurá-lo assim por alguns minutos?

— Claro que eu posso, Olivia.

— Se você deixá-lo cair...

— Não vou deixar o nosso filho cair.

— Ele é sensível e frágil.

— Sei disso.

— Mas...

— Olivia, vai ficar tudo bem. — Andrew me deu um sorriso e acomodou o Tyler melhor junto ao seu peito.

Talvez todo o meu desespero fosse completamente infundado, entretanto não conseguia parar de pensar na segurança do meu filho e na minha própria com aquele homem por perto.

— Não acha melhor ir esquentar a água?

— Pode me entregá-lo. Acho melhor deixá-lo no berço como faço todos os dias.

— Ele vai ficar bem aqui comigo.

— Mas se acordar, pode estranhar você e começar a chorar.

— Ele vai se dar bem comigo.

— Tenho as minhas dúvidas.

— Olivia, se você não deixar, o Tyler nunca vai se acostumar em me ter por perto.

Segurei a respiração e fiquei olhando para o meu bebê. Andrew estava certo, mas eu não queria dar o braço a torcer.

— Talvez seja melhor que ele não se acostume.

— Não vamos começar com tudo isso de novo. — Ele cerrou os dentes, irritado pela forma como falei.

— Ele é muito pequenininho para ser um dos seus jogos. Não vai entender quando você for embora.

— Eu não vou embora.

— Está falando isso só para me convencer. — Coloquei as mãos na cintura e estufei o peito em uma postura autoritária.

— Fala como se eu tivesse abandonado você grávida.

— Ah, você é um santo agora.

— Não é isso que eu estou dizendo.

— Duvido que teria feito algo de diferente se soubesse do bebê.

— Eu teria cuidado dele.

— Mentiroso.

— Foi você quem não me deu essa chance.

— Você me manipulou, transou comigo e depois foi embora, como se eu não valesse nada. Sabia de tudo o que eu passei e nunca me ligou para saber como eu estava.

— Isso é sobre o Tyler ou sobre você?

— É a mesma coisa.

— Sabe bem que não é.

Eu bufei. Aquele maldito era tão bom com as palavras que sabia muito bem como me desarmar. A minha vontade era bater nele, chacoalhá-lo e descontar toda a minha raiva, mas não o fiz porque ele estava com o nosso filho nos braços.

— Eu sou um canalha. Admito. Sempre fui um cretino com as mulheres.

— O que mais me surpreende é a sua audácia de dizer isso na minha cara. — Ri de nervoso.

— Sim, eu fui um escroto com você.

— Foi! — Estufei o peito.

— Mas isso não me torna um pai ruim. Eu não tenho que ser o cara mais romântico com você, mas tenho que ser o melhor para ele.

A frase dele me atingiu como um chute bem no meio do peito, que me deixou completamente sem ar. Fui consumida por um momento de raiva e revolta. Como aquele desgraçado ousava falar daquele jeito comigo?

Cerrei os dentes e estava bufando, mas antes que eu começasse a gritar e expulsasse aquele imbecil a pontapés da minha

casa, Tyler abriu os olhinhos azuis e sorriu para ele, segurando a sua gravata.

— Oi, meu filho. — Andrew abriu um enorme sorriso. — Seu dorminhoco. — Curvou-se para beijá-lo na testa.

— *Pá!*

— É sim, o papai.

— *Pá.*

— Toma conta dele, vou preparar o banho.

Saí da sala, deixando os dois sozinhos. Ainda estava com medo, mas a fúria foi ainda maior. Entrei no banheiro e bati a porta, urrando de raiva. Uma transa e o destino tinha escolhido o pior pai do mundo para o meu filho.

O pior de tudo era que aquele cretino estava certo. Tudo o que eu tinha direito de exigir dele era que fosse o melhor para o Tyler. Nunca tivemos um relacionamento, a única parte do meu coração que poderia entrar naquela equação era a de mãe.

Respirei fundo, me reequilibrando, e peguei a banheira num canto, colocando-a para encher sobre o suporte. Testei a água

algumas vezes para ter certeza de que estava na temperatura agradável e voltei para a sala.

Ao entrar no cômodo, procurei por eles com o olhar e encontrei Andrew sentado no sofá com o Tyler apoiado nas pernas. Ele brincava com o bebê, balançando a gravata e fazendo caretas que arrancavam gargalhadas do Tyler.

— Vamos tomar banho. — Curvei-me para pegá-lo no colo.

Assim que acomodei o meu bebê junto a mim, ele começou a chorar, olhando para o pai, como se quisesse ficar com ele e não comigo. Não era nem um pouco justo.

— Ei, filho! — Puxei o rostinho dele e fiz com que olhasse para mim, e ao me encarar Tyler parou de chorar.

— Estávamos nos divertindo — falou Andrew. Se a intenção era me provocar ele conseguiu.

Cerrei os dentes, rosnando e ele se afastou.

— Quer ajuda com o banho?

— Não!

— Vou esperar aqui na sala.

— Ótimo.

— Até mais, filho. — Acenou para o Tyler que riu para ele.

Será que o meu filho conseguia ter alguma ideia do quão idiota e cretino o pai dele era?



Andrew

Capítulo vinte e quatro

Deveria ficar quieto na sala. Tinha pisado no calo da Olivia e a deixado ainda mais irritada comigo, mas a verdade era que ela precisava ter consciência. Eu não estava ali para pedir perdão pelo que eu havia feito com ela, mas sim pelo meu filho. Era o Tyler que importava.

Se estava com raiva porque eu havia trepado com ela, que se juntasse a fila de outras mulheres com quem eu havia feito o mesmo.

A única diferença naquela situação era o meu filho, e por ele eu estava disposto a muita coisa.

Saí da sala e segui o som da água até encontrar o banheiro onde encontrei meu filho, que estava sentado na banheira, brincando com um patinho de borracha.

Quando ele me viu, levantou o patinho e balançou para mim.

— Seu brinquedo?

— *Quá!*

— Sim, é o barulho que os patos fazem.

— *Pá!*

— Não ia ficar na sala? — questionou Olivia em um tom ríspido.

— Queria vê-lo tomando banho.

— É só um banho.

— É um momento da vida dele.

Ela bufou, cerrou os dentes, mas não falou nada. Em seguida, ela passou água com carinho no rosto do bebê, puxou uma toalha de panda, com orelhinhas, colocou na cabeça dele e o pegou no colo, enrolando-o.

— *Quá!* — Tyler falou ao passar por mim.

Olivia seguiu pelo corredor e foi para um quarto. Ele era branco, com papel de parede em tons pastéis que tinha a decoração de macacos, bananas e árvores. Ela o colocou sobre o trocador e Tyler puxou o pezinho, mordendo os próprios dedos.

— Não morde os dedinhos, filho. — Cheguei mais perto, mas antes que eu o tocasse, Olivia trocou os dedos do nosso filho por um mordedor de baleia.

— Por que ele faz isso?

— Se você entendesse mais sobre bebês iria saber.

— Olivia...

— Os dentinhos de leite dele estão nascendo. Dói e coça.

— Entendi.

— Os mordedores aliviam.

— Obrigado por explicar.

Ela deu de ombros e pegou uma fralda, colocando-a no Tyler, e depois a roupinha.

Afastou-se do trocador enquanto ele mastigava o mordedor e tirou o *dólmã*, ficando apenas com uma fina camiseta branca. Pendurou a peça no encosto de uma poltrona e pegou o Tyler de volta nos braços.

— Vamos mamar, filho?

— *Ma! Mama...*

— Isso.

Ele soltou o mordedor e eu o peguei antes que caísse no chão, mas estava todo babado.

Olivia se acomodou na poltrona, baixou a camisa, o sutiã e o Tyler rapidamente abocanhou o seu mamilo, sugando-o.

— Acho que você pode ir embora.

— Estou bem aqui. — Cruzei os braços e me escorei no batente da porta.

Ela cerrou os dentes.

Fiquei observando enquanto Olivia amamentava o nosso filho sem me preocupar com a passagem do tempo.

Estar ali era importante para mim. Sentia que aqueles dez meses pareciam tempo demais para eu ter perdido, por não ter presenciado cada momento do meu filho, sem contar a etapa da gravidez. Eu poderia não estar agindo da melhor forma possível, mas me esforçaria pelo bebê.

Não sei quanto tempo se passou, mas Olivia se levantou com Tyler dormindo e o acomodou no berço.

— Agora ele vai dormir a noite inteira e não quero que você o acorde.

— Tudo bem.

— Vou abrir a porta para você ir embora. — Deu um passo para fora do quarto, mas segurei o seu pulso, fazendo com que ela olhasse para mim.

— Espera.

— Você não vai passar a noite aqui.

— Sei disso, mas queria ver fotos dele menor antes de ir. Imagino que você tenha, mães gostam de registrar esses momentos. A minha tem algumas de mim quando era bebê espalhadas pela casa até hoje.

— Tenho que tomar banho e descansar. Acordo cedo amanhã.

— Você pode me entregar o álbum e eu vejo enquanto você está tomando banho.

Ela ficou me olhando, e imaginei que fosse se negar, mas acabou assentindo.

— Eu vou pegar e você vê lá na sala.

— Okay!

Me puxou pela mão e me arrastou para fora do quarto do Tyler, fechando a porta atrás de mim.

— Ele vai ficar bem sozinho lá dentro?

— Vou ficar de olho pela babá eletrônica.

— Você não tem uma babá de verdade?

— Não.

— Durante todo esse tempo cuidou dele sozinha?

— O pessoal do restaurante me ajuda a ficar de olho nele.

— Aquele cara?

— Sim, o Colin também.

— Eu não gosto dele.

— O sentimento é bem recíproco.

— Vocês dois tem um caso?

— Já disse que isso não é da sua conta! — Colocou as mãos na cintura, voltando a assumir uma postura raivosa.

— Tem toda razão. Só quero saber quem anda convivendo com o meu filho.

— Você só conhece o Tyler há dois dias, não venha exigir qualquer coisa.

— Poderia tê-lo conhecido há mais tempo.

— Mas não conheceu.

— Realmente pretendia escondê-lo de mim a vida toda? O que iria dizer para ele quando estivesse grande o bastante para perguntar sobre mim?

— Iria dar uma lição sobre o quanto é horrível enganar as pessoas e dizer que foi exatamente o que você fez comigo.

— Pelo menos deixei uma coisa boa.

— Acha que isso te exonera?

— Você o escondeu de mim, posso dizer que estamos quites.

— É diferente.

— Imagine se houvesse sido o contrário?

Ela ficou calada e cerrou os punhos.

— Vou pegar o álbum para você.

— Obrigado.

Olivia seguiu pelo corredor e eu fui atrás. Entrou em outro quarto, que imaginei ser o seu, abriu um armário e pegou uma caixa, tirando dela um álbum de fotografia.

— Aqui está. — Bateu com força no meu peito e o impacto me deixou um pouco sem ar, mas ignorei, mantendo a postura.

— Senta na sala. — Indicou.

— Não, vou ficar no quarto com o Tyler.

— Ele está dormindo. — Bufou.

— Prometo não fazer barulho.

— Se você o acordar...

— Eu não vou, Olivia.

— Okay. — Recuou, mas ainda estava visivelmente irritada comigo. — Vou tomar o meu banho, mas não demoro.

— Tudo bem.

Ela voltou para o seu quarto e eu segui para o do Tyler. Com o álbum de fotografia nas mãos, aproximei-me do berço e o observei dormindo. Aquela paz e a tranquilidade de certa forma haviam me contagiado.

Ele era tão pequenininho, tão delicado e carente de cuidados. Havia uma preocupação imensa em mim em relação ao bem-estar dele, uma que provavelmente nunca tive nem comigo mesmo. Estendi

a mão para tocá-lo, mas mudei de ideia no meio do caminho, era melhor não correr o risco de acordá-lo.

Fui para poltrona que havia perto do berço e me acomodei ali. O álbum começava com algumas fotos da Olivia grávida, a barriga crescia à medida que eu passava as páginas. Ela tinha um sorriso largo e uma alegria visível ao tocar o ventre.

Logo surgiram algumas fotos do parto. Meu filho pequeno, inchado e envolto em uma manta de hospital. Parecia chorando, mas estava sorrindo nas imagens seguintes. Havia fotos dos primeiros dias, do primeiro banho, do primeiro sorriso...

Além das fotos dele com a Olivia, existia imagens com outras pessoas também, entre elas, o *sous chef* irritante. Foi no mínimo incômodo vê-lo em momentos da vida do meu filho onde eu não estava.

Ver as fotos me deixou feliz, mas ao mesmo tempo irritado, pois ter descoberto sobre o meu filho apenas meses depois do seu nascimento fez com que eu perdesse muitos eventos importantes, ou mesmo simples, mas que fariam diferença para mim e para o Tyler.

— Já terminou? — Olivia surgiu na entrada do quarto, usando um short e uma camiseta. Estava com os cabelos molhados caindo

sobre os ombros.

— Terminei.

— Já está na hora de você ir.

Chequei as horas no meu relógio de pulso, estava mesmo ficando tarde. Por mais que eu quisesse ficar ali, era meio de semana e Olivia não era a única a ter que trabalhar no dia seguinte.

— Sim. — Fechei o álbum e o devolvi para ela. Levantei-me e fui até o berço, olhando para o Tyler um pouco mais antes de me despedir. — Nos vemos depois, filho. — Curvei-me e dei um beijo na sua testa, Olivia chiou, mas o bebê nem se moveu.

Passei por ela e fui para o corredor.

— Vamos, vou abrir a porta para você sair pelo restaurante.

— Certo.

Olivia foi na frente e eu a segui até estarmos de volta na porta dos fundos da cozinha. Eu havia deixado o meu carro estacionado não muito longe dali.

— Tchau!

— Até depois.

— Okay! — Ela cruzou os braços e revirou os olhos, pouco receptiva a minha presença.

— Olivia. — Segurei o braço dela, fazendo com que me encarasse diretamente, e ela puxou o braço de volta, reagindo ao meu toque.

— Não vou deixar você dormir aqui. — Cruzou os braços e estufou o peito em uma postura mais impositiva.

— Não é sobre isso. Eu vou para casa.

— Ótimo! Tchau. — Ela empurrou a porta, para fechá-la na minha cara, mas segurei a superfície de metal e ela voltou a me encarar.

Engoliu em seco e umedeceu os lábios, involuntariamente chamando a minha atenção para eles, entretanto eu não estava ali para só mais uma trepada.

— Eu vou conversar com o meu advogado.

— Advogado? — Ela arregalou os olhos. — Você já está convivendo com o menino.

— Sim, mas quero reconhecê-lo. É meu direito e dele ter o meu nome nos seus registros.

— Eu...

— Olivia.

— Tá, nós vamos ver isso.

— Ótimo!

— Boa noite! — Ela forçou a porta tentando fechá-la. Acabei dando um passo para trás e deixei que me trancasse do lado de fora.

Eu queria todos os meus direitos em relação ao meu filho e não iria abrir mão disso. Toda a raiva que ela pudesse sentir não ficaria entre mim e Tyler.



Olivia

Capítulo vinte e cinco

Acordei com o som do choro do Tyler ecoando pela casa e puxei a babá eletrônica. Ele estava sentado no berço e choramingava.

Saí da cama e fui até o quarto dele.

— Oi, meu amor! — Sorri para ele ao abrir a porta.

— *Ma!*

— Sim, a mamãe.

— *Mama...*

Cheguei perto do berço e ele estendeu os bracinhos para que eu o pegasse no colo.

— Está com fome?

— *Mama...*

Acomodei-o nos meus braços e puxei a sua bermudinha, verificando a fralda ensopada.

— Acho que alguém fez bastante xixi durante a noite.

Acomodei-o no trocador e Tyler puxou o frasco de talco, mas antes que tentasse mordê-lo, esparramando o pó, tomei da sua mãozinha e ele começou a chorar.

— Ei, filho, isso não é brinquedo.

Ele continuou chorando, até que eu peguei o mordedor de baleia e entreguei para ele. Meu bebê colocou o brinquedo de borracha na boca e começou a mastigar e a babar.

— Esses dentinhos estão doendo, né?

— *Nhém.*

— Tomara que passe logo.

— *Nhá!*

— Eu te amo demais, meu pequenininho.

Tyler continuou mastigando o brinquedo e me encarando, mas ainda era pequenininho demais para compreender o significado das minhas palavras, e entender que ele era tudo que existia de mais importante na minha vida.

Tirei a bermudinha dele, troquei a fralda e o deixei limpinho e sequinho.

— Agora não está mais cheio de xixi.

— *Xi!*

— Isso, mijão.

— *Ão!*

Ri ao pegar o meu filho nos braços e o acomodar junto a mim. Me divertia com os poucos sons que ele emitia tentando imitar as minhas frases.

— *Papa!*

— Está com fome?

— *Pá!*

Sentei com o Tyler na poltrona e baixeí a minha blusa, puxando o meu seio para que ele pudesse mamar, entretanto meu filho voltou os bracinhos para a porta.

— *Papa.*

Puxei o meu filho de volta e aproximei o meu seio da sua boca, fazendo com que ele começasse a sorver.

Por mais que essa impressão pairasse no ar, eu não imaginava que ele pudesse pensar no pai ou sequer sentir a falta

dele, afinal Tyler conhecia o Andrew apenas há alguns dias. Era para o empresário arrogante não passar de um completo desconhecido para o nosso filho.

Quando ele terminou de mamar, coloquei-o de volta no berço e fui me arrumar para o início da jornada. O restaurante só abriria em algumas horas, mas muito precisava ser feito antes da chegada dos clientes.

Esperei a entrega das hortaliças e organizei algumas coisas no restaurante antes que os funcionários começassem a chegar.

— Bom dia, Olivia!

— Bom dia. — Sorri para uma das auxiliares de cozinha quando ela colocou a bolsa na pequena sala de administração e se aproximou de mim.

— Oi, coisa linda da tia Sacha. — Ela se curvou e deu um beijinho na bochecha do Tyler.

— *Papa!*

Ela sorriu diante do balbuciar dele, sem entender exatamente ao que meu filho estava se referindo.

— Papinha?

— É, deve ser. — Abri um sorriso amarelo.

Não queria entrar em detalhes sobre a minha relação com o pai do Tyler para os empregados do restaurante, já me bastava a reação do Colin. Tudo era muito complicado para mim e eu não precisava de mais pessoas me julgando pelas atitudes que tinha tomado ou ainda tomaria. Só estava tentando fazer o melhor para o meu filho, o que não significava que eu acertaria sempre.

— A tia vai amassar uma banana para você.

— Obrigada, Sacha!

— É um prazer ajudar a cuidar dessa coisinha fofa.

— Então fica de olho nele para mim, por favor. Vou ligar para alguns fornecedores e confirmar a entrega de suprimentos.

— Pode deixar.

— *Xá!*

— Isso aí rapazinho, vai comer com a tia.

Sacha o pegou no colo e o colocou em uma cadeirinha que havia no fundo da cozinha, onde dávamos as papinhas do meu filho durante o dia.

Após acompanhar a Sacha e o meu filho com o olhar, voltei até a sala da administração e puxei a cadeira da pequena mesa de escritório, acomodando-me nela ao puxar o telefone fixo do gancho. Fiz a primeira ligação e esperei até ser atendida. Falei com o responsável do hortifruti, depois da peixaria e, por fim, de laticínios. Devido ao clima e a localização do Texas, às vezes era muito difícil conseguir alguns ingredientes, que precisavam ser importados de outras partes do país. Entretanto o churrasco, um dos pontos fortes da gastronomia local, era o nosso carro chefe.

Ouvi uma batida na porta, o que chamou a minha atenção, e elevei os olhos, vendo o Colin entrar no cômodo.

— Bom dia!

— Bom dia. — Abri um sorriso discreto para ele.

— Como você está?

Apontei para o telefone, indicando que eu estava em uma ligação, e terminei a chamada antes de dar a atenção para ele.

— Bem, e você?

— Melhor por saber que você está bem.

— Obrigada.

— O Tyler está bem?

— Sim. Não o viu com a Sacha?

— Ele está fazendo a maior bagunça com a banana. —
Colocou as mãos no bolso.

— Está se divertindo.

— Pode apostar que sim.

— Vamos trabalhar. — Levantei, mas, ao passar por ele,
Colin segurou o meu braço e fez com que eu o encarasse.

— O que foi?

— Aquele cara apareceu de novo para perturbar vocês ontem
à noite?

— Colin... — Prendi a respiração ao encará-lo e pensei muito
bem nas palavras que eu diria a seguir. — Aquele cara é o pai do
Tyler.

— Você não estava muito preocupada com a presença dele
antes.

— A situação mudou. — Puxei o meu braço de volta, fazendo
com que ele me soltasse.

— É, estou vendo...

— Não precisa se preocupar com isso.

— Ah, Olivia, eu me atento a tudo que envolva você.

Fiquei desconcertada com a frase dele e não soube o que responder de imediato, optando por simplesmente fugir do assunto.

— Vamos trabalhar que tem muito o que ser feito. Você sabe como esse lugar fica movimentado no horário do almoço.

— Tem razão. — Ele se esquivou ao perceber que eu não queria ficar conversando sobre a bomba que ele havia jogado no meu colo.

Fui para a cozinha. Vi que os outros auxiliares já haviam chegado, então peguei o meu filho da cadeirinha, limpei com uma toalha úmida seu rostinho sujo de banana e o coloquei dentro do cercadinho com alguns brinquedos.



Andrew

Capítulo vinte e seis

Girei a caneta de cristal entre os dedos ao olhar para frente. Diante de mim havia uma pilha de papéis que precisavam da minha assinatura, mas eu não conseguia parar de pensar no meu filho no meu colo, brincando com a minha gravata. Era difícil estar ali na empresa sem pensar em ir vê-lo.

E se eu não estivesse ao lado dele quando começasse a andar ou falasse a primeira palavra completa?

Pisquei os olhos, tentando voltar a mim e me curvei para focar nos papéis. A empresa ainda era importante e precisava priorizá-la ao menos durante o meu momento de trabalho. Entretanto ainda estava sendo bem difícil encarar aquela situação toda. Filho único, sempre fora um homem bastante solitário, focado apenas nos negócios e no meu próprio prazer. Me tornar pai estava me fazendo ver a vida de outra forma.

Meu celular começou a tocar e eu atendi sem pensar duas vezes ou ver o nome no identificador de chamadas.

— Olivia?

— Quem é Olivia? — Uma voz familiar ressoou do outro lado.

— Mãe.

— Sim, Drew, como você está?

— Ótimo.

— Chego de Paris hoje e gostaria de jantar com você. Não sei quem é essa tal de Olivia, mas você pode muito bem dar uma pausa nesses casos para dedicar um pouco de tempo para a sua mãe.

— Eu não...

— Nem adianta dizer que não pode vir.

— Mãe...

— Isso mesmo! Sou sua mãe, Andrew, precisa dedicar um pouco do seu precioso tempo para mim. Nem será tanto sacrifício assim, você verá.

Ouvi uma batida na porta que antecedeu a entrada do Charles e desviei a atenção da chamada para o meu assistente.

— Oi?

— Senhor, o advogado que solicitou já está aqui.

— Mande-o entrar, por favor. — Fiz um gesto.

Charles assentiu e saiu do caminho, deixando que outro homem viesse.

— Mãe, tenho outro compromisso agora — voltei a falar pelo celular.

— Nos encontramos no mesmo restaurante de sempre, às oito.

— Vá para a minha casa. Tem um restaurante onde quero levá-la.

— Ah, tudo bem! — Seu tom de voz mudou de impositor para o surpreso. — Até mais tarde.

Desliguei a chamada e guardei o meu celular na primeira gaveta da minha escrivaninha.

— Paul Jackson! — Levantei da minha cadeira e contornei o móvel para apertar a mão do advogado, um homem grisalho de meia idade que costumava prestar alguns serviços pessoais para mim.

— Senhor Campbell, foi uma agradável surpresa quando o seu assistente me ligou.

— Tenho um assunto muito importante para tratar. — Apontei para a cadeira diante da minha mesa e esperei que ele se

acomodasse ali.

— É sempre um prazer trabalhar para o senhor.

— Eu tenho um filho...

— Filho? — O homem arregalou os olhos sem nem me esperar concluir a fala.

— Sim, filho. Ele tem dez meses e descobri da sua existência apenas agora, mas quero fazer todo o processo legal de reconhecimento de paternidade.

— Se você e a mãe concordarem com isso, será um processo simples.

A mãe concordar... Abri um sorriso amarelo ao me recordar da visível opinião da Olivia ao me ver junto ao nosso filho. Ela não me queria ali, mas me tolerava.

— Acho que chegaremos num consenso.

— Quanto a pensão?

— Não, ela não me pediu um centavo.

— Desculpa, senhor, mas isso é um pouco improvável devido ao seu poder econômico.

— A minha relação com ela é um pouco complicada. —
Acomodei-me na minha cadeira, curvando o corpo para frente na direção do homem, e comecei a relatar o que havia acontecido desde o momento em que eu entrara na vida da Olivia.

— Nossa! — Ele ficou ainda mais surpreso.

— Bom, ela me escondeu a criança e demonstra insatisfação de me ter por perto. Contudo não vou deixar que isso me impeça de conviver com o meu filho.

— Faz muito bem. Há momentos que realmente não podem ser recuperados, nem com todo dinheiro do mundo.

— Sim. — Olhei para a aliança na mão do advogado.— O senhor tem filhos?

— Tenho! — Abriu um largo sorriso ao se revirar na cadeira para puxar a carteira e abri-la. Ele me mostrou uma foto com duas crianças, um menino, que parecia ser o mais velho, e uma garotinha.
— Ah, eles são tão importantes para mim.

— Eu imagino — falei enquanto pensava em revelar algumas fotos do Tyler para que eu pudesse colocar perto de mim e não apenas tê-las no meu celular.

— Vou providenciar tudo o que for necessário para garantir os seus direitos em relação ao seu filho.

— Obrigado. — Peguei o meu celular e mostrei a foto que a Olivia havia me enviado.

— Ah, que fofura!

— Ele é muito esperto e cheira a leite.

Paul riu da forma como falei.

— Vou agilizar a documentação.

Assenti, concordando, e ele se levantou para ir embora. Enquanto o advogado se retirava, continuei olhando para a foto do meu filho. Eu estava completamente balançado por ele. Dentre todas as minhas conquistas, essa era a que eu mais queria manter.



Olivia

Capítulo vinte e sete

— Sacha, já preparou a salada texana da mesa sete? —
Olhei para os pedidos que estavam fixados diante dos nossos olhos
ao falar com a auxiliar.

— Picando alguns ingredientes, chefe.

— Não fizemos isso ontem? — Coloquei a mão na cintura
para analisá-la.

— Saíram muitas hoje.

— Tudo bem, mas seja ágil.

— Pode deixar, chefe.

Caminhei pela cozinha, vendo os auxiliares e o Colin
prepararem os ingredientes e pratos que eram solicitados pelos
clientes do restaurante.

Tomei um pouco de água quando senti a minha garganta ficar
seca e me aproximei do cercadinho onde o meu filho estava
brincando com um macaquinho de pelúcia. Ele tinha acabado de
comer a papinha e parecia bem distraído com o brinquedo.

— Má!

— Oi, *meu anjinho*. Você está brincando com o macaquinho?

— *Inho...*

— Sim, macaquinho.

— Chefe! — Um dos garçons entrou na cozinha chamando a minha atenção.

Ele se aproximou de mim e falou baixo o suficiente para que os demais empregados não ouvissem.

— O cara da confusão do outro dia está aí de novo.

— Cara?

— O que é parecido com o Tyler.

— Ah! — Fiquei boquiaberta ao precisar de alguns minutos para processar.

Andrew não deveria estar no meu restaurante, muito menos sem me falar nada, mas ele parecia se esforçar bastante para me tirar do sério.

— Devo convidá-lo a se retirar?

— Não precisa.

— Tem certeza?

Fiz que sim.

— Eu vou até lá.

— Chefe...

— Não precisa se preocupar. — Sorri para ele e o garçom acabou assentindo.

Ele voltou para o salão e eu me aproximei do Colin, colocando a mão no seu ombro.

— Toma conta de tudo por aqui, eu já volto.

— Tem algum problema acontecendo? — Ele ficou tenso ao virar a cabeça para me fitar melhor.

— Não. — Dei um sorriso sem jeito. — Problema algum.

— Certeza?

— Absoluta.

— Okay.

Passei por ele com a sensação de que não havia o convencido e fui para o salão do restaurante. Era início da noite e estava bem cheio, como de costume. Depois da ótima crítica que

havia saído sobre o lugar, não enfrentávamos mais dias de pouco movimento e a receita havia melhorado consideravelmente. Durante esse período, eu já havia contratado mais dois garçons e um auxiliar de cozinha.

Corri os olhos pelo ambiente até que encontrei o Andrew sentado em uma mesa para dois na companhia de uma mulher com volumosos cabelos loiros. Ela estava de costas, então não conseguia ver o seu rosto. Tudo bem que não tínhamos nada, a nossa relação tinha sido uma transa de uma noite sobre uma montanha de mentiras, mas não conseguia pensar no tamanho do desaforo ao levar outra mulher ao meu restaurante.

Ele era um babaca e eu só estava mais convicta disso a cada dia que passava na sua presença. Só torcia para que o meu filho não tivesse um décimo do mau-caráter do pai. Iria me esforçar muito na criação dele para tentar evitar isso.

— Andrew. — Aproximei-me da mesa.

— Olivia! — Ele abriu um sorriso ao me ver e a minha vontade era socar bem no meio daqueles dentes perfeitamente brancos.

— O que está fazendo aqui? — Cruzei os braços numa postura defensiva.

— Trouxe companhia para o jantar.

— Você é mesmo um idiota. — Ri de nervoso.

— Eu me esforcei para que ele fosse diferente, mas em algum momento perdi o controle da situação. — A mulher se virou para mim com um sorriso amigável e eu tomei um susto.

Ela era bonita, tinha olhos azuis parecidos com os dele, mas deveria ter algo entre cinquenta, sessenta anos. Mesmo com as plásticas que poderia ter se submetido, as mãos ainda eram enrugadas, além de outras marcas que indicavam a idade. Andrew era um galinha, mas não o imaginava saindo com uma mulher pelo menos vinte anos mais velha do que ele.

— Ah, oi...

— Sou Jasmine Campbell. — Ela me estendeu a mão. — É um enorme prazer conhecer a mãe do meu neto.

Ainda boquiaberta, estendi a minha mão para apertar a dela. Não poderia prever que o Andrew traria a mãe dele ao meu restaurante.

— Você é linda.

— Obrigada, senhora.

— Senhora, não. — Ela colocou a mão no peito. — Pode me chamar apenas de Jasmine, ou Jas. O que achar melhor.

— Obrigada, Jasmine.

— Eu quero vê-lo, posso? — Ela deu uma pequena pausa, mas continuou a falar quando eu não disse nada. — Quando o Drew me falou que era pai eu não acreditei, mas quando eu o vi pela foto, tão igual ao meu filho quando era pequenininho... Ah! Eu realmente quero vê-lo.

Olhei para o Andrew e ele balançou a cabeça em afirmativa.

— O restaurante está cheio agora. — Fiquei sem jeito e ainda estava no meu modo defensivo.

Tinha criado o Tyler por quase um ano sozinha. Eu sabia que era egoísmo da minha parte, mas pensar em dividi-lo com outras pessoas me incomodava.

— Mãe, vamos jantar primeiro. Depois a Olivia nos leva para ver o bebê. — Surpreendi-me com o pingo de sensatez que saiu da boca dele, mas tinha certeza de que iria me decepcionar logo em seguida.

— Tudo bem.

— Os pratos aqui não são nada mal.

— Vai ser um prazer experimentar a sua comida. —

Permaneceu num tom gentil ao falar comigo, bem diferente da forma como o filho me tratava.

— Obrigada. Preciso voltar para a cozinha agora.

— Bom trabalho.

Assenti e dei meia volta. Assim que pisei na cozinha, Colin me dirigiu um olhar de poucos amigos.

— O que aquele cara está fazendo aqui?

— Veio comer, como todos os outros clientes.

— Eu não...

— Colin, escuta! — inspirei profundamente — Não precisa se preocupar com problemas que não são seus.

— Estou aqui para ajudar você, Live.

— Tenho a situação sob controle.

Ele ficou me encarando e só recuou quando o peguei pelo braço e puxei para perto do fogão.

— Vamos trabalhar porque ainda temos muitos clientes para servir.



Andrew

Capítulo vinte e oito

Minha mãe chupou até os ossos e os colocou num canto do prato. Acostumada com os melhores restaurantes da França, o apetite dela para aquela comida me surpreendeu.

— Gostou?

— Ela cozinha muito bem. Que molho é esse?

— Você pode pegar a receita — debochei, o que fez com que ela afunilasse os olhos e fechasse a expressão.

Minha mãe tinha sido a esposa perfeita para o meu pai. Bonita, simpática, perfeita para as colunas sociais, mas se havia algo que ela realmente nunca se interessou foi a cozinha. Sempre tivemos empregados para tudo, então não era como se em algum momento houvesse enfrentado a necessidade de aprender.

— O que você fez para ela, Andrew? — minha mãe mudou completamente de assunto, fazendo uma pergunta que eu torcia para que ela evitasse.

— Fiz?

— Está na cara que ela mal suporta olhar para você. Não acredito que rejeitou o meu neto.

— Não rejeitei coisa nenhuma! — Elevei o tom de voz, mas logo o reduzi ao perceber que as pessoas no restaurante estavam olhando para nós.

— Drew!

Bufei e ponderei um pouco antes de contar o que havia acontecido para a minha mãe.

— Você como rancheiro? — Ela riu.

— Ainda tenho calos nas mãos.

— Ah, meu filho. — Gargalhava ao afagar o meu ombro.

— Não foi tão divertido assim.

— Tenho certeza de que se divertiu bastante, não é mesmo? Até engravidou a moça.

— Aconteceu.

— Ah, estou muito ansiosa para ver esse acidente. — Ela suspirou e seus olhos brilhavam.

A minha mãe era um saco as vezes, mas duvidava que alguém me conhecesse melhor do que ela. Na vida que eu levava, não havia espaço para compromissos ou filhos, mas saber do neto certamente foi a melhor notícia que dei a ela nos últimos anos.

Ela estava muito feliz, só não mais do que eu. Tyler tinha fugido completamente de qualquer plano que eu tinha para a minha vida, mas também parecia tudo o que eu mais queria, mesmo sem saber. Olhar para aquele garotinho tão pequeno e saber que ele era parte de mim tocava o meu coração de uma forma intensa e completamente indescritível. Sempre fui bom com as palavras, mas elas faltavam diante dele.

Queria acomodá-lo e protegê-lo para sempre.

— *Papa!*

Virei-me ao ouvir o som e vi Olivia se aproximando com o menino nos braços. Achava que ela inventaria alguma desculpa para dificultar que a minha mãe o visse, mas ela apareceu quando o movimento do restaurante ficou mais escasso.

— Filho! — A alegria de vê-lo me contagiou de novo.

— *Pá!*

Ele estendeu os bracinhos e eu o peguei no colo.

Senti o seu cheiro e o calor dos seus bracinhos tocando o meu rosto.

— Oh, nossa! — Exclamou a minha mãe. — Ele é a coisinha mais linda do mundo.

Levantou-se e veio para mais perto do neto. Tocou a cabecinha dele e Tyler abraçou o meu pescoço ao se assustar com a desconhecida. Apesar dos meses que eu havia perdido ao lado dele, me deixava feliz ver que ele ficava confortável na minha presença.

— Vovó, pequeno.

— *Pá!*

— Vem com a vovó. — Minha mãe tentou pegá-lo do meu colo e o Tyler começou a chorar.

Olivia se remexeu, disposta a arrancá-lo de mim no primeiro protesto, entretanto afastei-o da minha mãe, dei a minha gravata para ele puxar e o meu filho começou a sorrir novamente.

— Estamos bem — falei com ela.

Olivia só me encarou, séria.

— Parece que ele ainda não quer vir comigo — resmungou a minha mãe.

— Ele leva um tempo para se acostumar com desconhecidos — informou Olivia, ainda visivelmente reticente a nossa presença.

— Ah, mas você vai se acostumar com a vovó, não é mesmo?

— Com o tempo, mãe.

Ele puxava a minha gravata, olhava para mim de um jeito curioso e eu não conseguia fazer outra coisa que não fosse sorrir. Pegá-lo nos braços me proporcionava uma emoção muito profunda.

— Vem, filho. — Olivia o chamou.

— Por quê?

— Preciso coordenar umas coisas na cozinha. Vocês já o viram, agora podem ir embora.

— Vá para a cozinha, faça o que precisa, meu filho vai ficar aqui comigo.

— Andrew...

— Você vai colocá-lo no cercadinho, por que ele não pode ficar aqui no meu colo?

— Porque eu não vou estar de olho. — A presença da minha mãe não foi o suficiente para evitar que ela fosse ríspida comigo.

— Tenho total habilidade para cuidar do meu filho.

— Ainda não sei disso. — Tombou o corpo na minha direção, cada vez mais irritada e enfurecida.

— Olivia — minha mãe a chamou. — Eu já cuidei de um bebê antes. Faz tempo, admito, mas eu sei como manter uma criança em segurança.

— Okay! — Ela respirou fundo.

— Eles vão ficar bem. — Minha mãe afagou o braço dela.

— Obrigada.

Olivia se curvou, aproximando-se de mim, e o seu rosto passou a alguns milímetros do meu. Imaginei que ela fosse me beijar, mas beijou o topo da cabeça do Tyler.

— Mamãe já volta.

— *Mama!* — Ele sorriu para ela.

— Vamos ficar bem — garanti.

Ela me ignorou e seguiu para o interior da cozinha.

— Sabe que você precisa resolver isso, não é?

— Resolver o quê? — Estava fazendo o meu filho pular, balançando a perna e arrancando algumas gargalhadas dele.

— Com a Olivia.

— Ela não pode tirar mais o meu direito de conviver com o meu filho.

— Não é sobre isso que eu estou falando.

— Então o que é?

— Ela é a mãe do Tyler. Precisam conviver bem, filho. Ficar alimentando o ódio dela por você não vai ser bom para vocês dois, muito menos para o menino.

— Não estou fazendo nada.

— Andrew, eu conheço você muito bem.

— O que quer que eu faça?

— Pode começar sendo um pouco mais gentil com ela.

— Não somos um casal, mãe.

— Mas precisam ser minimamente amigos, porque vão precisar construir uma relação juntos para criar esse bebezinho.

Fiquei calado, apenas a observando, e minha mãe continuou.

— Ela não é uma das putas que você come no escritório.

— Mãe! — Cobri os ouvidinhos do Tyler. Ele era pequeno demais para ouvir aquelas coisas.

— Estamos entendidos?

Balancei a cabeça em afirmativa para que ela não continuasse com o assunto, mas eu ainda estava pensando a respeito.

Tudo o que eu precisava era fazer o meu melhor para o Tyler, mas sem colocar a Olivia nessa equação.



Olivia

Capítulo vinte e nove

— Andrew Campbell é o pai do Tyler? — Sacha estava boquiaberta quando eu voltei.

Não havia passado muito tempo fora da cozinha, mas fora o suficiente para que todos os meus funcionários estivessem comentando o assunto.

— Sacha...

— Por que não contou isso para gente antes? — Ela nem me deixou terminar. Parecia num misto de empolgação e surpresa, que eu não sabia se era adequado para o momento.

— Parem de fofocar — ordenou Colin num tom ríspido. — Vamos organizar a cozinha para que todos possamos ir para casa.

— Vai dizer que você não está nem um pouco interessado em saber? — Sacha virou o corpo, olhando para ele com um sorrisinho.

— Não.

— Ah, você é sem graça. Olivia...

— Vamos concentrar no trabalho. — Esquivei-me dela quando veio na minha direção.

Tudo o que havia acontecido com o Andrew, e ainda estava acontecendo, era muito complicado para que eu compartilhasse com os meus funcionários.

— Não vai contar para gente? — questionou outra assistente.

— Sim, o Andrew é o pai do Tyler.

Todos ficaram boquiabertos, com a exceção do Colin, que jogou o pano de prato em cima da bancada e saiu pisando duro, passando pela porta nos fundos do restaurante e sumindo de vista.

— Ishi! — Sacha deu uma risadinha.

— Limpem a cozinha! — falei séria, antes de ir atrás do Colin.

Ele estava parado ao lado da lixeira, com um dos pés na parede e o olhar bastante disperso. Tenho certeza de que ouviu os passos e a minha aproximação, pois eu pisei em uma latinha no meio do caminho, mas nem se deu ao trabalho de virar o rosto na minha direção.

— Colin!

— Ah, o Andrew Campbell... — resmungou em tom de deboche, imitando a voz das meninas há pouco.

— Cara, não faz isso...

— Ele foi um escroto com você e agora vão elegê-lo o pai do ano.

— Sabe que não é bem assim.

— É exatamente como está parecendo.

— Você não tem o direito de reagir desse jeito. — Foi a minha vez de elevar o tom de voz.

— Não? — Ele cerrou os dentes.

— De jeito nenhum!

— Era eu quem estava do seu lado nesse último ano. Fiz o que pude pelo Tyler e por você.

— Colin!

— Olivia... — Ele puxou o meu pulso e me jogou contra a parede do beco.

— Me solta! — Bati com as mãos no seu peito.

— Eu estava aqui, sempre estive aqui. Mereço muito mais ser o pai do Tyler do que ele.

— Não é assim que funciona...

Colin colocou a mão no meu rosto e fez com que eu o encarasse. Conseguia ver o misto de raiva, decepção e fúria nos seus olhos. Tinha razão, sempre estive ao meu lado, mas eu não o via de outra forma além do bom amigo que sempre foi.

— Live... — Levantou o meu queixo.

— Colin, não!

— Sai de cima dela! — Tomei um susto com o grito do Andrew sendo seguido pela mão dele puxando o Colin para longe.

O *sous chef* rosnou, indo para cima do rei do petróleo.

— Fiquem calmos vocês dois. — Entrei entre eles, estendendo as duas mãos para que aquele momento não se transformasse em uma briga.— O que você está fazendo aqui? — indaguei o Andrew, raivosa.

— Impedindo esse cara de fazer algo que você não quer.

— Onde está o Tyler?

— Com a minha mãe. Ele está se divertindo com as pérolas do colar dela.

— Sem chorar?

Fez que sim.

— Esse cara não deveria estar aqui. — Colin estava bufando feito um cão raivoso.

— Estava procurando uns documentos no carro quando ouvi ela mandando você se afastar.

Reparei no Andrew e vi que ele realmente estava segurando um envelope.

— Você não tem o direito de estar aqui.

— Muito pelo contrário. — Andrew estufou o peito para confrontar o Colin. — O Tyler é meu filho!

— Você não o criou.

— Estou recuperando o tempo perdido.

— Parece que muito mais do que o tempo. — Colin abaixou a cabeça, olhando-me com desdém de um jeito que me deixou ainda mais irritada.

— Colin, vai para casa!

— Vai mesmo escolher ele?

— Eu não estou escolhendo ninguém. Isso não é sobre mim, é sobre o Tyler.

Colin cerrou os dentes com mais fúria e deu um passo na minha direção. Andrew deu outro e imaginei que os dois fossem me espremer, mas Colin acabou recuando.

— Nos vemos amanhã. — Ele deu as costas e foi embora, sem nem se dar ao trabalho de pegar seus pertences pessoais no restaurante.

— Esse seu namoradinho não tem qualquer direito sobre o meu filho.

— Andrew, cala a boca! — rosnei para ele.

Estava enfurecida com aquela situação toda. Eles eram dois enormes babacas, que um achava que eu estava me envolvendo com o outro, mas a verdade era que eu não queria nenhum deles. A minha única preocupação era o meu filho.

Passei pisando duro pelo Andrew e fui para o salão do restaurante, onde Tyler estava sentado em cima da mesa, se

divertindo com as pérolas da avó.

— *Mama.*

— Vem aqui, meu príncipe. — Peguei-o no colo e o abracei bem junto a mim. Estava furiosa, com vontade de chorar, mas contive todas as lágrimas. Precisava me manter firme, não pelos dois idiotas, mas pelo meu bebê.

Tyler colocou a mãozinha no meu rosto, fazendo com que eu olhasse para ele e sorriu. Aqueles dentinhos crescendo e o ar inocente era tudo o que importava para mim.

Aquele era o homem da minha vida e o único pelo qual eu faria qualquer coisa.

— Te amo, filho. — Beije a mãozinha dele.

— *Mo.*

— Você também me ama, né? — Sorri para ele, emocionada, e ele me sorriu de volta, preenchendo o meu coração de um amor que era o mais importante no mundo para mim.



Andrew

Capítulo trinta

Entrei no restaurante atrás da Olivia e a vi com nosso filho nos braços, envolvendo o bebê. Ele parecia a coisa mais importante do mundo para ela, e eu estranhamente entendia aquele sentimento, mesmo que só conhecesse o Tyler há poucos dias.

Cheguei mais perto para encostar neles, mas parei no meio do caminho quando vi a minha mãe balançando a cabeça em negativo para mim.

— Vamos embora, Drew. — Ela veio até mim.

— Mas quero ficar mais tempo com o Tyler. — Apertei os dentes um tanto furioso diante do pedido dela.

— Outro dia, filho.

— Mas...

Ela envolveu os dedos compridos em um dos meus braços e me fez encará-la. Geralmente eu não deixava mulheres mandarem na minha vida, porém a minha mãe se esforçava o suficiente para conseguir se impor.

— Foi um prazer conhecê-la, Olivia. — Ela sorriu para a mãe do meu filho.

— O prazer foi meu, Jasmine.

Elas acenaram uma para outra e minha mãe deixou que eu me aproximasse. Tyler estava aninhado junto ao peito da Olivia, mas virou a cabeça para mim e mostrou os dentinhos em meio a um sorriso.

— Filho... — Toquei o rostinho dele.

Tinha ido até o carro buscar os documentos para que a Olivia assinasse e eu pudesse dar entrada no meu reconhecimento formal do menino, mas diante da situação toda e da expressão da minha mãe, era melhor que eu deixasse para outro dia.

Beijei-o na testa, ainda no colo da mãe, e quando ergui a cabeça, encontrei os olhos dela. Olivia me encarou e eu a fitei de volta. Ficamos assim por alguns segundos até que eu ficasse desconfortável com a situação e desviasse o olhar.

— Até amanhã.

— Você volta amanhã? — perguntou, surpresa.

— Sim, todos os dias.

Respirou fundo, abriu a boca, mas não falou nada de imediato, para enfim sussurrar:

— Tudo bem.

Junto com a minha mãe, deixei o restaurante, mas parei perto da porta de entrada para olhar para trás e ver o meu filho mais uma vez.

— Ele é uma gracinha. — Minha mãe prendeu o cinto ao entrarmos no meu carro.

— Sim. — Ainda pensativo, eu segurava o volante, processando algumas imagens para então dar partida no carro.

— Andrew? — Minha mãe colocou a mão sobre o meu ombro.

— O que foi?

— Imagino que tenha acontecido alguma coisa pela forma como vocês voltaram. O que fez, meu filho?

— Eu não fiz nada.

— Não foi o que pareceu.

— Estou falando sério.

— Está vendo a oportunidade que tem aqui? Sempre torci para que você construísse uma família e olha só, agora você tem uma.

— Eu tenho um filho. — Pisei um pouco mais no acelerador, dirigindo para longe dali.

— A Olivia é uma mulher linda.

Franzi o cenho ao ouvir aquele comentário, estranhando onde a minha mãe poderia querer chegar com ele.

— Que me odeia — evidenciei aquele fato para não criar falsas esperanças quanto a nada.

— Porque você fez por onde.

— A Global...

— Nem tudo é sobre a empresa.

— Tem razão, é sobre o Tyler.

— Fico muito feliz em vê-lo se esforçando por esse menino. Não imaginava que estivesse tão disposto a ser pai.

— Ele é meu filho.

— Sim.

— Minha responsabilidade.

— Exato.

— Então o que foi, mãe? — Virei-me para ela quando parei o carro em um sinal vermelho. Era como se cada uma das suas palavras fosse um teste ou alguma espécie de armadilha.

— Precisa tomar as melhores escolhas agora.

— Estou tomando.

— Tem certeza?

— Mas é claro que sim. — Pisei no acelerador, colocando o veículo em movimento.

— Drew, quando eu e seu pai...

— Mãe — a interrompi —, não sei aonde quer chegar com esse papo, mas sei muito bem o que eu estou fazendo.

— Espero que sim.

— Ótimo. Vou levá-la para casa.

Ela assentiu e parou de falar, por mais que as poucas sementes que houvesse jogado fossem o suficiente para germinar na minha cabeça. Ter o Tyler era algo completamente diferente na

minha vida e por ele eu estava disposto a tudo, entretanto não sabia se isso se estendia apenas a ele.



Olivia

Capítulo trinta e um

Entrei no restaurante e coloquei o Tyler no cercadinho. Meu filho, que estava dormindo calmamente nos meus braços, não acordou com o movimento brusco. Fiz carinho no rostinho dele antes de me afastar.

Estava colocando o dólmã quando ouvi um barulho na porta seguido pela entrada do Colin. Uma parte de mim torcia para que ele não fosse o primeiro dos funcionários a chegar, mas eu não tive tanta sorte.

— Live.

— Bom dia. — Virei as costas com a desculpa de mexer em algumas panelas.

— Bom dia! Olivia, olha...

— Pode começar a preparar os ingredientes para os pratos — cortei-o num tom ríspido, não queria reviver o assunto de ontem. Estava bastante chateada para sequer pensar a respeito.

— Live... — Colin colocou a mão sobre o meu ombro.

— Não toca em mim. — Esquivei-me, dando alguns passos para o lado, e quase bati a lateral do corpo na bancada da pia.

— Desculpa...

— Olha, deixa isso para lá. Temos muito trabalho antes que os clientes cheguem e comecem a fazer pedidos.

— Não posso deixar para lá. — Colin tentou tocar o meu rosto e eu afastei a sua mão com a minha. — Eu fui um idiota.

— Que bom que admite. — Bufe.

— Não queria magoar você.

— Começou pelo pior caminho de todos.

— Eu sei. Cada palavra que eu disse...

— Foram ofensivas e não me descrevem de verdade.

— Sim. — Balançou a cabeça com os olhos marejados. Parecia realmente culpado e no fundo isso me animava um pouco.

— Quero pedir desculpas.

— Preciso pensar sobre isso.

— Live...

— Dei muito duro como mãe solteira, Colin.

— Eu sei, me desculpa mesmo. — Voltou a tentar tocar o meu rosto e dessa vez eu não recuei.

Levantei a cabeça e encontrei seus olhos com os meus, encarando-o com firmeza.

— Eu não quero que me diga qualquer coisa desse tipo de novo.

— Não vou.

— Ótimo. — Tentei sair de perto dele, mas antes que me afastasse, Colin segurou o meu rosto e me fez permanecer fitando-o.

— Eu só não gosto daquele cara por perto achando que tem direitos.

— Não importa que você goste. Ele é o pai do Tyler. — Fui ríspida.

— Onde ele estava nos últimos dez meses?

— Chega disso, não tenho que discutir esses assuntos com você. Eu não contei sobre o Tyler para o Andrew, mas agora ele sabe, quer o filho, e por mais que eu preferisse que fosse diferente, ele tem direitos.

— Você tem medo do dinheiro dele...

— Não! — Balancei a cabeça em negativo, interrompendo-o.

— O único medo que eu tenho é de perder o amor do meu filho. O Andrew pode ser um mentiroso e idiota, mas sabe o que vai acontecer se eu o proibir de conviver com o Tyler ou mentir sobre a paternidade dele? O Tyler vai crescer, ficar adulto, ter contato com o Andrew, que vai ter todos os motivos do mundo para jogar o meu filho contra mim. Não vai importar todo o meu esforço para protegê-lo, meu filho vai me odiar.

— Você é uma mãe incrível, Live. — Colin acariciou meu rosto, limpando a lágrima que escorreu com o polegar.

— O Tyler só vai pensar que ele não teve o pai por minha causa.

— Eu...

— Andrew não é um namorado meu, Colin — apressei-me para dizer, antes que ele fizesse qualquer outra insinuação. — mas o pai biológico dele.

— Tem razão.

— Que bom que finalmente entendeu. — Esforcei-me para sorrir. A situação toda não estava sendo nada fácil para mim, e ter que dar explicações só a tornava pior.

— Mas eu também quero que entenda... — Curvou-se na minha direção.

— Bom dia! — Sacha entrou na cozinha e eu girei para o lado, saindo do alcance do Colin, e fiquei feliz por ter tido uma deixa para evitá-lo.

Era evidente que o Colin queria algo comigo, mas eu estava enfrentando um momento muito difícil para me preocupar em ter um namorado.

— Interrompi alguma coisa? — Sacha deu uma risadinha.

— Claro que não. — Recompus-me, sorrindo para a auxiliar de cozinha, que não pareceu muito convencida com a minha resposta. — Deixe suas coisas no escritório e coloque o avental, preciso que comece a preparar mais molho barbecue. A quantidade que temos não é o suficiente para hoje.

— Pode deixar, chefe!

— Ótimo.

— Vamos trabalhar? — Voltei-me para o Colin, que apenas assentiu com a cabeça.

Esperava que a minha situação com ele se resolvesse, mas ela parecia bem longe do fim.



Andrew

Capítulo trinta e dois

A Olivia é uma mulher linda, ouvi a voz da minha mãe ressoar na minha cabeça, me causando um estranho desconforto.

Sim, a mãe do meu filho era uma mulher bonita, mas não era a única com a qual eu havia me envolvido. Com uma lista interminável de conquistas, isso não seria algo para me afetar ou impressionar de alguma forma.

Abaixei o celular, virando a tela para baixo na mesa do meu escritório, quando observei que estava olhando para a foto dela no aplicativo de mensagens.

Passei meu polegar pelo calo que havia adquirido na mão esquerda pelo pequeno período que havia passado no rancho dela. Não costumava pensar no que havia acontecido lá, principalmente considerando as atividades desgastantes as quais eu fora submetido. Imaginava que nunca mais na vida teria que limpar a baia de algum animal.

Sempre tive tudo o que desejei, isso nunca fugia a regra. Achava que a minha vida era ótima daquele jeito. Nasci em uma

família abastada, ainda jovem tomei à frente da Global Oils, fazendo a empresa prosperar, tinha dinheiro e recursos que muitos homens sonhariam, o mesmo valia para as mulheres. Porém, quando descobri sobre o Tyler, percebi que ele era algo fundamental para a minha vida ser perfeita, ainda que nunca houvesse imaginado tal coisa.

Será que precisava de algo mais que também não previa?
Aquele questionamento me deixou ainda mais estranho e reflexivo sobre tudo.

O telefone começou a tocar e eu o puxei do gancho.

— Campbell.

— Senhor, os investidores chineses acabaram de chegar.

— Diga a eles que já estou indo para sala de reunião.

— Certo.

Coloquei o telefone de volta no gancho e puxei o meu celular, mandando uma mensagem para a Olivia.

Andrew:

Como ele está?

Felizmente ela não demorou muito para responder.

Olivia:

Bom dia para você também.

Andrew:

Bom dia...

Olivia:

Acabou de comer papinha e está todo lambuzado.

Andrew:

Ohm!

Olivia me enviou uma foto e eu vi o meu filho sorrindo com a carinha suja. Parecia algo tão simples e, ao mesmo tempo, me deixava tão incrivelmente feliz.

Andrew:

Ele está precisando de algo? Qualquer coisa...

Olivia:

Nos viramos muito bem sem o seu dinheiro até hoje.

Andrew:

Mas não significa que eu não vá oferecer o melhor para
o meu filho.

Olivia:

O dinheiro não é tudo.

Andrew:

Mas pode oferecer tudo.

Olivia:

Algumas coisas não têm preço.

Andrew:

Está falando de sentimentos, não é? Eu também o amo.

Olivia:

Não acha que está muito cedo para dizer isso?

Andrew:

Quanto tempo demorou para que você percebesse que
o amava?

A falta de resposta dela foi o suficiente para saber que eu estava certo. Não precisava de meses para amar alguém como o Tyler. Bastou olhá-lo pela primeira vez para que tivesse certeza.

Eu não tinha dúvidas sobre aquilo, pois amor não era algo que eu usava para me referir a muitas pessoas. Na verdade, nunca havia pensado naquele sentimento em relação a outros que não fosse eu mesmo, por mais que a relação com a minha mãe fosse boa.

Olivia:

Preciso trabalhar.

Andrew:

Certo. Preciso ir para uma reunião. Nos falamos mais
tarde.

Olivia:

Okay.

Ela parou de mandar mensagens e eu fiquei olhando para a sua imagem por mais um tempo.

Sim, ela era bonita...

Talvez só estivesse precisando de um tempo para sair, me divertir e transar um pouco, já que havia deixado a minha vida de farra completamente de lado depois de ter descoberto sobre o meu filho. Queria estar mais com ele do que com uma desconhecida por dia.

— Senhor... — Charles bateu na minha porta.

— Sim?

— Os chineses.

— Estou indo. — Levantei e segui para a sala de reunião.



Olivia

Capítulo trinta e três

O choro do Tyler ecoou por toda a cozinha e eu fiz um gesto para que a Sacha assumisse as minhas panelas.

— Oi, meu amor. — Fui correndo até ele e o peguei no colo.

Abracei o meu bebê, aninhando-o junto ao meu peito enquanto o acariciava, mas ele não parou de chorar. Chequei a sua fralda e ela estava limpa, presumi que também não fosse isso. Considerando que o Tyler havia comido há menos de meia hora, o choro também não era de fome.

— O que foi, pequeninho? — Acariciei seu rostinho e percebi que ele estava quente.

— Tudo bem com ele? — Colin veio para perto de mim, secando as mãos no avental.

— Acho que não. — Passei a mão pela testa e pescoço do meu filho. — Parece febril.

— Vou buscar o termômetro. — Colin foi até o pequeno escritório e voltou em menos de um minuto, entregando-me o objeto.

Aninhei o meu filho enquanto aferia a sua temperatura. Quando a suspeita de febre se tornou uma certeza, meu desespero ficou ainda maior.

Tyler não parava de chorar e eu o aninhei ainda mais.

— Vamos levá-lo a pediatra — sugeriu Colin.

— Eu preciso que fique de olho em tudo por aqui. — Apontei para a cozinha.

— Você não precisa ir sozinha. — Colocou a mão gentilmente sobre o meu ombro.

— Também não posso deixar o restaurante.

— Tomamos conta de tudo por aqui — falou Sacha, que provavelmente estava ouvindo tudo. — O movimento está mais fraco hoje, podemos cuidar dos pratos.

— Tem certeza? — A fitei com o ar desconfiado.

Sacha balançou a cabeça, fazendo que sim.

— Vamos no meu carro, vou levar vocês até a clínica.

Olhei para o Colin por alguns segundos, entretanto estava mais preocupada com o meu filho do que em recusar a ajuda dele.

Além disso, o *sous chef* sempre fora muito prestativo e gentil com o Ty desde que havia começado a trabalhar comigo.

Peguei a bolsa do Tyler e fui com o Colin para a médica. Tyler ainda chorava no meu colo e, a cada minuto, eu ficava um pouco mais desesperada com a situação. Não era a primeira vez que ele tinha febre, já que, nos primeiros meses da vida do meu filho, episódios como aquele eram frequentes e me deixavam desesperada toda vez. A possibilidade de que algo estivesse acontecendo com ele, por mais tranquilo que fosse, me apavorava.

Não havia ninguém no mundo mais importante para mim do que o meu bebê.

Colin dirigia rápido e tê-lo no volante foi bom, porque não precisei soltar o meu filho por nenhum momento. Contudo pareceu levar uma eternidade para que chegássemos ao destino.

— Como ele está? — Colin abriu a porta para que eu descesse e me ajudou a ir para a recepção da clínica.

— Ainda quente.

— O pediatra vai ajudar.

Balancei a cabeça em afirmativo, confiando naquelas palavras, embora elas não fossem o suficiente para amenizar o meu desespero.

Seguimos para a recepção e tivemos que aguardar um pouco por atendimento médico e o choro dele, juntamente com a febre, me agonizava pouco a pouco.



Andrew

Capítulo trinta e quatro

Mandei uma mensagem para a Olivia depois da minha reunião e ela levou uma eternidade para responder. Achei que estivesse apenas ocupada com o restaurante, mas quando ela me disse que havia ido para uma clínica médica com o Tyler, pedi o Charles para cancelar meus compromissos da tarde e não pensei duas vezes antes de ir para lá.

Peguei o endereço e atravessei a cidade, dirigindo o mais rápido possível. Eu não fazia ideia do que poderia ter acontecido com o meu filho, mas milhares de possibilidades passaram pela minha cabeça, deixando-me desesperado e afoito.

Quando estacionei o carro diante da clínica, estava ofegante, ainda que nem houvesse corrido. Subi os degraus do local e passei pelas portas automáticas, correndo os olhos pelo pequeno espaço da recepção, até que encontrei a Olivia. Ela estava com o nosso filho nos braços, contudo ela não estava sozinha.

Ver aquele cara ao lado dela, acariciando a cabeça do meu filho enquanto ele mamava, não só me deixou muito irritado, como me provocou uma reviravolta no estômago, fazendo com que eu me

indispusesse e cerrasse os dentes. Pisando duro, aproximei-me deles até que me notassem.

— Andrew — Olivia sussurrou o meu nome.

— O que esse cara faz aqui? — O *cozinheiro* me encarou com desprezo.

— Sou eu quem faço essa pergunta. — Pus as mãos na cintura e estufei o peito em uma postura ameaçadora.

— contei para o Andrew que o Tyler estava passando mal. — Ela explicou ao cara, mas não se preocupou em dar satisfações a mim.

— Mas ele está bem agora.

— Colin, já conversamos sobre isso.

— Tudo bem. — Ele bufou.

Não gostei da forma como aquele homem reagia em relação ao *meu filho*. Até onde eu me recordava, ele havia irritado a Olivia e não deveria estar com ela naquele momento. Acompanhar o Tyler ao médico era a minha tarefa, não daquele sujeito.

— Pode ir embora, eu já cheguei. — Apontei para a porta.

— Eu não vou a lugar nenhum.

— Eu sou o pai do Tyler.

— Parabéns, mas isso não vai me impedir de ficar perto do menino.

— Se eu quiser...

— Andrew! — Olivia me interrompeu.

— Vai ficar do lado dele?

— Se você veio até aqui só para criar confusão, já pode voltar para casa — falou, brava.

Tyler soltou o seio dela e começou a chorar.

— Oh, filho! — Ajoelhei-me para ficar na altura dele e fazer carinho no seu rosto. Assim que olhou para mim, parou de chorar. — O que aconteceu com ele? — Levantei a cabeça para que meus olhos reencontrassem os da Olivia.

— Teve febre por causa dos dentinhos. A pediatra o medicou e disse que podemos voltar para casa.

— Ele vai ficar bem — disse o Colin. — Você já pode ir embora.

— Cala a boca, cara.

— Vocês não vão brigar aqui. — Olivia cerrou os dentes.

— Tem razão. — Peguei o meu filho quando ele esticou os bracinhos para vir no meu colo. Ao menos o Tyler reconhecia a minha importância ali.

— Vamos embora. — Olivia se ajeitou e levantou da cadeira.

— Vou levar vocês para casa. — O cozinheiro colocou a mão sobre o ombro da Olivia, arrancando de mim um rosnado. Ele poderia até pensar que tinha qualquer chance de roubar o meu papel ali, mas estava muito enganado.

— Eu vou — impus-me.

— Andrew...

— Tyler estava doente e quero ficar perto do *meu filho* — enfatizei as duas últimas palavras.

— Escuta aqui... — O sujeito calou a boca quando Olivia segurou a mão dele. — Live.

— Colin, volta para o restaurante. Está ficando tarde e o movimento sempre aumenta para o jantar, os auxiliares vão precisar de ajuda.

— Mas você e o Tyler?

— Vamos ficar bem.

— Com ele? — Apontou para mim com um certo desdém e eu aninhei o meu filho mais junto ao meu peito.

— Sim, com ele.

— Olivia... — O cara irritante ainda estava sendo insistente. Se não estivesse com o meu filho nos braços, teria dado um jeito nele.

— Vai para o restaurante, Colin.

— Okay! — Ele acabou assentindo, ainda que estivesse visivelmente irritado. — Nos vemos amanhã, garotão. — Mesmo com os meus rosnados, ele se curvou e beijou o meu filho.

Assim que o sujeito sumiu de vista, Olivia colocou as mãos na cintura e me lançou um olhar irritadiço.

— O que foi?

— Ainda tem coragem de perguntar? Precisa parar de se comportar desse jeito.

— É ele quem tem que parar de achar que pode roubar a minha família.

— Roubar sua família? — Ela riu de nervoso. — Não somos sua família, Andrew.

— O Tyler...

— Sim, o Tyler é seu filho. — Ela nem me deixou terminar a frase. — Mas eu não sou nada para você. Fez questão de deixar isso bem claro para mim.

— Olivia...

— Não precisamos mais falar sobre isso. — Ela deu as costas e caminhou para a entrada da clínica.

Meu filho riu ao puxar a minha gravata. Ele estava se divertindo depois de ter me dado um susto, enquanto eu lidava com as palavras da Olivia.

Sim, ela estava certa, eu realmente havia dito aquilo, mas me vi estranhamente arrependido daquelas palavras.

Nunca havia planejado um filho, mas amava o Tyler. Também não esperava ter uma família, mas a ideia de outro cara roubar a minha não me agradava nem um pouco.

Surpreendi-me ao perceber que, acima de tudo, sentia ciúmes da proximidade daquele sujeito com a Olivia. Não queria vê-la com outro homem.

Eu estava enganado, me importava mais com ela do que achava ou mesmo que deveria. Não havia qualquer obrigação de ficarmos juntos por causa do Tyler, entretanto também não deveria odiar a ideia de vê-la namorando alguém que não fosse eu.

— Vamos embora ou não? — Deu meia volta, chamando a minha atenção.

— Sim. — Fui até a vaga onde havia estacionado o meu carro e destravei o veículo. Deixei que a Olivia se acomodasse no banco de trás e entreguei o Tyler para ela. — Vamos para o meu apartamento.

— Não!

— Ele pode voltar a passar mal.

— Por isso é melhor que ele fique em casa.

— O meu apartamento também é a casa dele.

— Tyler nem nunca foi lá.

— Por isso mesmo, está no momento de ele começar a ir.

— Não vamos, Andrew.

— Você está com as coisas dele aí. — Apontei para a bolsa que ela carregava no ombro. — Vai ser bom ficar um pouco longe do restaurante para cuidar dele.

— A minha casa é lá.

— Por um dia, Olivia.

— Não!

— Por favor. Tem algo que eu quero mostrar a você.

— Preciso cuidar do restaurante.

— Já não pediu ao seu empregado para cuidar por você? Não é possível que ele não dê conta de tudo por um único dia. Vou cuidar do Tyler e você pode descansar um pouco.

— Você não consegue.

— Olivia, sou o pai do Tyler, tenho que conseguir.

Ela ficou me encarando, ainda receosa, mas acabou assentindo. Nunca havia sido tão difícil convencer uma mulher a ir para a minha casa.

Dei a volta no carro e sentei no banco do motorista, dirigindo para o meu apartamento.



Olivia

Capítulo trinta e cinco

Não sei por que concordei com aquilo. Já estava arrependida antes mesmo de chegarmos à casa do Andrew. Pensar no meu filho e no quanto a convivência com o pai era importante se mostrava mais difícil a cada dia.

Andrew não cansava de jogar na minha cara os direitos que ele realmente tinha, além da disputa territorial infundada com o Colin. O CEO da Global Oils era, sim, o pai do meu filho, mas a nossa relação se resumia a única noite de sexo que tivemos. Embora nunca tenha transado com o Colin, ou mesmo beijado ele, era o mais perto que eu tinha de um relacionamento. Apesar do meu filho ser todo o meu foco, no fundo, havia uma necessidade de ter alguém comigo, um cara que estivesse disposto a gostar e cuidar do Tyler.

— Chegamos. — Andrew estacionou em uma garagem e eu saí dos meus pensamentos.

Ele deu a volta no carro e se ofereceu para carregar a bolsa do Tyler, enquanto eu saía do carro com o meu filho nos braços.

Indicou o caminho para o elevador e fomos para lá juntos.

Não foi qualquer surpresa saber que ele morava em uma cobertura de alto luxo.

Assim que o elevador abriu, saímos em um corredor largo, com porcelanato branco e alguns detalhes em mármore negro. Ele seguia até uma porta no fundo, que Andrew abriu com sua digital.

Entramos numa sala ampla, com sofás brancos e uma decoração sofisticada e moderna. O lustre era grande e um tapete felpudo enfeitava o centro.

— Gostou? — Olhou para mim com um ar exibido.

— É bonito.

— Sim.

— Só me pergunto por que ousou ir a um rancho no meio do nada, dormir em aposentos precários, e se sujeitar as tarefas que eu te passei.

— Precisava do seu terreno.

— Poderia ter mandado um empregado, tenho certeza de que tem muitos.

— Sabia que você não iria resistir a mim.

Cerrei os dentes, tentando conter a fúria que subiu de uma única vez. Que ele era convencido não me restava dúvidas, entretanto ainda era difícil lidar com a ideia de que eu havia sido tonta e idiota o bastante para cair no seu plano.

— Não precisamos falar sobre isso. — Deu um passo na minha direção ao perceber que eu havia ficado incomodada com a sua resposta.

— Não mesmo.

— Olivia...

— Aposto que já fez muitas outras de idiota.

— Não é bem assim. — Ele deixou os olhos caírem e pareceu momentaneamente arrependido do que havia falado.

— É como então? — Foi a minha vez de estufar o peito. — Já caí na sua lábia uma vez, não vou cair novamente. Estou aqui e permito a sua aproximação unicamente por causa do Tyler.

— Então caiu na lábia daquele cara?

— Não que isso seja da sua conta, mas o Colin não mente para mim.

— É o que você acha.

— Imagina que vai conseguir alguma coisa com insinuações?

— Eu só estou falando a verdade.

— Duvido que você sequer saiba o que é verdade. — Dei as costas para ninar o meu filho quando ele abriu os olhinhos e começou a chorar. — Calma, Ty! Vai ficar tudo bem.

Eu o acariciei na nuca. Felizmente, para amenizar o meu desespero, a medicação da pediatra havia surtido efeito e a febre dele desaparecera, entretanto era possível que ficasse enjoadinho por causa do dente.

— Não gosto daquele cara.

— Que bom! Ele também não gosta de você. — Eu cantarolava para o Tyler. — Imagino que nesse apartamento enorme tenha um quarto de hóspedes, pois eu não acredito que vim até aqui para acomodar o meu filho no sofá.

— Tem mais do que um quarto de hóspedes.

— Quê?

— Vem comigo.

Fiquei receosa com o gesto dele para ser seguido, mas acabei assentindo. Caminhamos por um outro corredor e Andrew

abriu a porta. O que vi lá dentro me surpreendeu completamente, ao mesmo tempo que me deixou receosa. Era um quarto de bebê completamente montado. A decoração era de marinheiro, misturando branco e azul escuro. Havia uma prateleira inteira de brinquedos, trocador, berço, guarda-roupa...

— O que é isso?

— O quarto do Tyler.

— Tyler já tem um quarto e ele fica na *minha casa* — falei, irritada, diante das possibilidades que passaram pela minha cabeça.

— Achei que você fosse gostar.

— Não gostei.

— Por quê?

— O que pensa que vai fazer? Arrancar o meu filho de mim e trazê-lo para morar aqui?

— Não... Só pensei que, com a guarda compartilhada, ele passaria alguns dias comigo. Bom, você também pode ficar aqui...

— Eu tenho casa. — Dei um passo para o corredor, mas ele parou na minha frente antes que eu pudesse simplesmente sair correndo e ir embora.

— Sei que você tem casa...

— Não concordo com uma guarda compartilhada.

— Olivia...

— Não vai me dizer que você tem direitos.

— Mas eu tenho. — Ele elevou um pouco o tom de voz, me deixando ainda mais irritada.

Andrew estendeu a mão para tocar o meu braço e eu me esquivei.

— O Tyler é meu filho.

— Ele é nosso. Fizemos juntos.

— Como se você se importasse com isso.

— Eu me importo!

— Mentiroso!

Nossos gritos acordaram o Tyler nos meus braços e ele voltou a chorar.

Beijei-o na testa e comecei a cantarolar novamente até que ele voltou a dormir.

— Coloca o Tyler no berço.

— Não.

— Ele vai ficar melhor lá.

— Acha que ele não está bem comigo? — Afunilei os olhos como um animal raivoso prestes a atacar o seu pescoço.

— Não é isso... — Ele estendeu os braços para pegar o bebê no colo e eu relutei. A ideia do Andrew tomar o meu bebê de mim me apavorava. — Eu só vou colocá-lo no berço para que ele não fique acordando.

— Deixa que eu ponho. — Esquivei-me dele.

Relutante, acabei deitando o meu filho no colchão e acomodando a cabeça dele no pequeno travesseiro. Parecia ter tudo naquele quarto para acomodar um bebê, e era inevitável que aquela preparação do Andrew me incomodasse.

— Ele é tão lindo. — Surpreendi-me com o Andrew parando ao meu lado e cobrindo a minha mão com a sua.

— Narcisista. — Bufeí.

— Ele também parece com você. Meus cílios são bem menores e você dorme exatamente do mesmo jeito.

— Como se você soubesse como eu durmo.

— Ao menos naquela noite você dormiu desse jeito.

— Reparou em mim dormindo?

— Sim.

Fiquei em choque e balançada com aquela revelação. Por reflexo, puxei a minha mão quando senti que a dele estava esquentando a minha.

— Por que não toma um banho para relaxar um pouco?

— Não trouxe roupas limpas.

— Posso te emprestar algo meu.

Balancei a cabeça em negativa.

— Garanto que não tem nenhuma pulga nelas.

— Não é por isso.

— São só roupas, Olivia.

— Já foi um erro ter vindo aqui.

— Tyler foi o erro mais certo da minha vida, então estou começando a achar que erros nem sempre são tão ruins.

— É completamente diferente.

— Só estou te oferecendo um banho quente e um pouco de conforto.

— Acha que eu não tenho isso na minha casa?

— Claro que tem, mas...

— Me leva embora. — Caminhei para o corredor, mas antes que me afastasse demais, Andrew segurou o meu pulso e me fez encará-lo. — Me solta.

— Não precisa agir como se não estivesse segura aqui.

— Estou?

— Claro que sim!

— Não me sinto segura perto de você.

— Sei que não agi de uma forma muito justa com você.

— Que bom que admite. — Puxei o meu pulso com força quando o calor da palma dele e o peso do seu olhar começaram a alterar os meus batimentos.

— Admito, mas agora é diferente.

— Por quê?

— Temos um filho. — Apontei com a cabeça para o quarto onde o Tyler estava dormindo.

— Isso não muda nada entre a gente.

— Para mim muda muita coisa.

— Você se esqueceu de tudo o que disse e fez para mim, Andrew Campbell? Ou sua memória é seletiva?

— Me desculpa. É isso que quer ouvir?

— Acha que basta?

— Não aja como se eu fosse o culpado por você criar o Tyler sozinha. Não me contou que estava grávida.

— Você já tinha me tirado tudo. Não queria te ouvir dizendo que eu tinha que abortar.

— Não te tirei tudo.

— Não? — Ri de nervoso. — Como você ousa... — Esfreguei os olhos para afastar as lágrimas. — Meu rancho...

— Iria ser liquidado pelo banco. Admita, você não tinha a menor condição de pagar aquela hipoteca. Aposto que usou o dinheiro para comprar o restaurante.

— Era tudo o que eu tinha dos meus pais.

— Seus pais estão mortos e seu talento é como chefe.

Engoli em seco, com a raiva transbordando. A fala dele era irritante, cruel, mas verdadeira. Nunca me dei bem com o rancho, lutei por ele pela memória dos meus pais, mas a minha vida era estar em uma cozinha.

— Você mentiu para mim.

— Menti, mas não me arrependo.

— Como ousa! — Bati com as mãos no peito dele.

Andrew segurou o meu pulso e nossos olhos se encontraram, e o clima daquele momento me deixou completamente desconcertada. Meu coração acelerou e as minhas pernas ficaram bambas. Eu o odiava ainda mais pelo fato de ele ser tão bonito.

— Se eu não tivesse feito o que fiz, você estaria sozinha, sem o restaurante, sem nada, e não teríamos tido o Tyler.

— Isso não te exonera.

— Já pedi desculpas.

— Acha que basta?

Ele me girou, prensando-me contra a parede e meu fôlego descompassou completamente. Aquela proximidade era imoral e me tirava completamente do eixo.

— Você ama aquele cara?

— Cara? O Colin?

— Sim.

— Isso não vem ao caso.

— Sim ou não? — Ele abaixou o rosto, aproximando a sua respiração ao ponto que ela se mesclou com a minha.

— Não.

— Era isso que eu queria ouvir.

Ele soltou os meus pulsos e achei que fosse me libertar, mas, ao invés disso, desceu as mãos rapidamente e apertou com força a minha cintura, arrancando de mim um suspiro profundo.

— Andrew... — Mal consegui pronunciar o nome dele antes que a sua boca viesse sobre a minha.

A racionalidade foi completamente subjugada pelas sensações quando ele mordiscou o meu lábio inferior, raspando os dentes até

flexionar a pele. Contorci-me contra a parede e Andrew mergulhou a língua dentro da minha boca.

Bati as palmas contra os seus ombros, disposta a empurrá-lo, mas minhas mãos cederam, apertando-o, quando ele tornou o beijo mais intenso, tombando a cabeça em busca de um melhor encaixe.

Suas mãos desceram da minha cintura e agarram as minhas coxas, puxando-as para cima, levantando-me e me prensando ainda mais. Por reflexo, rodeei o quadril dele com as pernas e o puxei para mais perto de mim. Andrew me pressionou com mais força contra a parede e um suspiro escapou por entre o beijo.

Meu bom senso me alertava que o mais certo era afastá-lo. Eu não deveria estar beijando-o, muito menos tendo o volume da sua ereção esfregando em mim daquele jeito, entretanto Andrew era muito mais sedutor e viciante do que eu gostaria.

Ele subiu com a mão pelo meu pescoço, enlaçando a minha nuca, e puxou a minha cabeça para o lado, interrompendo o beijo. Durante um breve instante pensei que fosse capaz de me recuperar de todos aqueles efeitos, mas a boca dele foi de encontro a base da minha garganta e o chupão me ensandeceu. Apertei as unhas contra

os seus ombros, revirando os olhos enquanto ele cravava os lábios e os dentes.

Percorreu minha garganta com a língua até encontrar a minha orelha.

— Você é gostosa — sussurrou, ao mordiscar o lóbulo, e meu corpo todo entrou em combustão.

Ele apertou a minha nuca antes de subir mais com os dedos e embrenhá-los no meu cabelo. Achei que teria um tempo para me recompor, recobrar o juízo e afastá-lo, mas a cada roçar da sua pele na minha, menores eram as chances de eu evitar a impulsividade do momento.

Subi com as mãos dos ombros para o seu pescoço e puxei a sua cabeça, trazendo a sua boca de volta para a minha. Soube, naquele momento, que seria impossível agir de acordo com a racionalidade. Meu corpo estava sendo completamente regido por impulsos controlados pela selvageria dos toques e dos beijos do Andrew.

Sua mão caiu da minha nuca, voltando para a minha coxa, e Andrew me puxou da parede, carregando-me agarrada a ele em direção a uma porta não muito distante do quarto do Tyler. Jogou-me

sobre o colchão macio e afastou-se só para tirar a própria roupa. O corpo dele era um convite ao pecado que desequilibrava ainda mais o meu bom senso.

Ele avançou para cima de mim como um felino prestes a dar o bote e eu apenas levantei os braços, não criando qualquer empecilho para que ele tirasse a minha camiseta. Mais rápido do que eu era capaz de pensar a respeito, arrancamos o restante das roupas um do outro.

Tombei a cabeça para o lado quando Andrew deitou sobre mim novamente e soltei um longo gemido quando ele mordeu meu pescoço outra vez. Sua boca desceu pelo vale entre os meus seios, pelo meu ventre, até que ele agarrou as minhas pernas, distanciando-as, e colocou uma delas sobre o ombro.

Afundi os dedos na colcha quando o meu impulso foi me retorcer inteira ao sentir os seus dentes na face interna da minha coxa. A região tão sensível não suportava receber aquelas provocações sem me afetar inteira.

Ele era firme, o seu toque era pesado e a forma como Andrew me pegava era como se ele fosse capaz de me virar do avesso. O pior de tudo é que não conseguia pensar em mais nada

além do quanto queria que ele continuasse. Focada no meu filho e no restaurante, não me envolvi com outros homens, já tinha problemas o suficiente e não precisava de mais, entretanto, lá estava eu, mergulhando de cabeça no único lugar que não deveria.

Gemi, e o som ecoou pelo quarto com a pressão dos dedos dele na minha pele e da sua língua descendo pelo meu monte.

— Andrew! — gritei o nome dele por impulso, quando ele me tocou com a boca, os dentes e os lábios na região mais sensível do meu corpo.

Tentava contorcer o meu quadril, mas ele me segurava enquanto a língua traçava movimentos circulares sobre o meu clitóris. O calor do seu hálito e os pelos da sua barba rala aumentavam ainda mais os estímulos que eu estava recebendo.

Estava prestes a chegar ao ápice quando ele simplesmente parou. Virou-me de bruços e eu chiei com o tapa que deu na minha nádega. Ao mesmo tempo que deixou uma leve ardência, aumentou ainda mais a combustão que alimentava a minha falta de juízo.

Vi ele abrindo a primeira gaveta do móvel de cabeceira do lado direito e tirando dele um pacote de camisinha. Mal tive tempo de

ver a embalagem flutuando para o chão quando Andrew segurou a minha cintura e enfiou em mim num tranco firme.

Eu me surpreendi com quão molhada eu estava quando ele deslizou sem qualquer dificuldade. Afundei a cabeça na cama, mordendo a colcha para que os meus sons não acordassem o meu filho. Era impossível não gemer diante do prazer de cada estocada. Aquele tesão todo que o Andrew me dava era inexplicável e perigoso.

Uma das suas mãos saiu da minha cintura e subiu pela minha nuca, pegando o meu cabelo e o envolvendo em um rabo de cavalo, que puxou para trás, fazendo com que eu curvasse as costas. Com a outra mão apoiada na cama, Andrew tombou sobre mim e sua boca voltou para a minha orelha, alimentando o meu prazer com calafrios.

Cerrava os lábios a cada vez que o sentia entrar fundo em mim, mas a minha vontade era gritar. A pressão da sua pélvis se chocando contra as minhas nádegas era insana.

Ele saiu de mim e achei que me daria trégua, mas tudo o que o Andrew fez foi me virar de frente, puxando uma das minhas pernas e colocando-a sobre o seu ombro, deixando-me completamente exposta para ele. Segurou o meu rosto e eu sabia que fitar o azul

dos olhos dele seria a minha perdição, mas eu simplesmente não consegui resistir enquanto ele se encaixava em mim novamente.

Eu podia ver o prazer no seu olhar, em cada um dos movimentos. Subi com as unhas pelos seus braços, contornando os músculos até segurar de volta os seus ombros. A mão escorregou do meu rosto, contornou o meu seio, até tocar o meu sexo.

Foi impossível conter o gemido dessa vez quando ele começou a me estimular com os dedos além do vai e vem insano dentro de mim. Deixei-me levar pelo momento, entregando-me completamente a ele, pois não havia escapatória a não ser admitir que eu estava sentindo muito prazer.

Puxei o seu cabelo macio e trouxe a sua boca para a minha, temperando os meus gemidos com os seus beijos enquanto ele só intensificava a velocidade dos movimentos.

Logo o prazer tomou conta de mim completamente, começando como numa explosão em que nos conectávamos, que irradiou por todo o meu corpo. Ainda estava completamente trêmula e sem fôlego, quando Andrew parou de se mover e seus músculos enrijeceram, demonstrando que ele também havia chegado ao ápice.

Ele ficou me encarando, enquanto o seu peito se movia rápido, numa busca frenética para recuperar o fôlego que havia perdido durante o sexo. Ele umedeceu os lábios, salientando o quanto eles estavam arroxeados, e se curvou para me dar mais um beijo antes de tombar para o lado e rolar para fora da cama. Enquanto o Andrew se limpava no banheiro, eu olhei para o meu corpo nu e tomei consciência do que havia feito.

— Isso foi um erro. — Levantei da cama em busca das minhas roupas.

— Olivia. — Ele voltou para perto de mim.

— Não deveríamos ter transado.

— Vai me dizer que não gostou? — O sorriso convencido dele me deixou ainda mais irritada. O problema não era o Andrew ser bom de cama, mas o quanto ele tinha certeza de que era.

— Isso não é um jogo. — Puxei o meu pulso, desvencilhando-me dele.

— Eu não disse que é. Temos um filho juntos.

— Justamente por isso.

— Não é melhor para o Tyler que fiquemos juntos?

— O melhor para o Tyler são relacionamentos estáveis e segurança. Não o pai dele me fodendo de vez enquanto. — Cerrei os dentes, mais furiosa comigo por não ter resistido do que propriamente com o Andrew.

Sabia muito bem que ele era um canalha, eu que não poderia me deixar levar pelo momento. Havia sido uma irresponsabilidade sem tamanho, sem colocar o meu filho como minha maior prioridade.

— Olivia. — Andrew segurou novamente o meu pulso e eu me afastei.

— Solta.

— Espera, não precisa agir assim.

— Não? — Bufei. — Você é mesmo um idiota.

— Você não gostou? — Tentou tocar o meu rosto e eu bati na mão dele, fazendo com que se afastasse.

— Como não entende que isso não vem ao caso?! — Queria esganá-lo e por pouco não o fiz. Tinha um filho para criar e não podia parar na cadeia por homicídio.

— Calma...

— Não!

— Olivia, respira. A gente só transou.

— Pois é! — rosnei, vestindo as minhas roupas o mais rápido que consegui.

— Não precisa sair assim.

— Me leva para casa!

— Você e o Tyler podem dormir aqui. Os levo para o restaurante antes de ir para a empresa amanhã. Imagino que esteja com fome. Vou pedir algo para gente.

— Se você não me levar, eu vou de táxi.

— Por que está tão nervosa? Deveria ter relaxado ao invés de soltar os cachorros para cima de mim.

— Nervosa? — Comecei a rir com uma dose de desespero.

Larguei-o no quarto e fui para o cômodo onde o Tyler dormia, pegando a bolsa do meu filho e ele nos braços.

— Eu vou embora.

— Olivia, temos muito o que conversar.

— Não tenho nada o que conversar com você.

— Espera!

— Tenho que ir embora.

— Tudo bem. — Bufou. — Vou colocar uma roupa e levo você para casa.

— Obrigada.

Fui para sala com o meu filho nos braços e Andrew voltou para o quarto para se vestir. Eu estava em êxtase e ao mesmo tempo uma pilha de nervos, completamente arrependida do que permitira acontecer.



Andrew

Capítulo trinta e seis

Estacionei o carro diante da porta dos fundos do restaurante. Já era tarde da noite e a lua minguante enfeitava o céu. Todos os clientes e funcionários haviam deixado o lugar. Assim que destravei o carro, Olivia saiu com o Tyler nos braços, sem me dar a oportunidade de abrir a porta para ela.

Não conseguia entender por que estava tão irritada comigo. Não era possível que o sexo fora bom apenas para mim.

Ela equilibrou o nosso filho com um braço e pegou uma chave com a outra mão, abrindo o pequeno portão que dava para a casa sem pedir a minha ajuda.

— Olivia...

— Boa noite, Andrew. — Fechou o portão na minha cara sem me dar tempo de dizer qualquer coisa.

Eu imaginava que depois do sexo ela estaria bem mais receptiva em relação a mim, entretanto a reação havia sido o completo oposto. Sempre fui muito bom de cama, as mulheres sonhavam com a oportunidade de uma noite comigo, e era eu quem

ia embora depois do ato, com elas implorando para que eu ficasse e não o contrário.

Será que eu havia perdido alguma habilidade e não me dera conta?

A verdade era que eu estava completamente perdido em relação ao comportamento da Olivia. Tínhamos o Tyler como um motivo enorme para ficarmos juntos, mas ela parecia ver a situação completamente ao contrário.

Fiquei parado na rua, olhando para o portão da casa dela. Esperei que ela recobrasse o juízo e viesse até mim, mas isso não aconteceu. Minutos depois, eu continuava sozinho.

Voltei para o interior do meu carro e me acomodei nele. Por mais um tempo, permaneci olhando, esperando e vigiando, mas nada. Ela não saiu. Cogitei bater na porta, pedir para passar a noite com ela, mas acabei percebendo que o melhor era voltar para o meu apartamento e conversarmos em outro dia.

Tyler estava bem, parecia ter se livrado da febre depois de ter sido medicado na clínica, e isso era tudo o que deveria importar.

Deveria ter sido simples voltar para casa, cair na minha cama e dormir como eu fazia todos os dias, mas não foi.

Foi inevitável pensar na Olivia, não apenas no sexo, que para mim havia sido bem satisfatório, mas nas palavras dela e na forma como olhava para mim.

O melhor para o Tyler são relacionamentos estáveis e segurança. Não o pai dele me fodendo de vez enquanto. As frases raivosas ecoaram na minha mente como badalos de um sino. Eu não estava apenas a fim de fodê-la... Para ser honesto comigo mesmo, fui pego de surpresa ao pensar sobre aquilo.

Olivia era uma mulher bonita, como a minha mãe mesmo havia dito, mas era só isso, não era?

Tínhamos um filho juntos...

Rolei de um lado para o outro da cama e acabei sentando-me, desistindo de tentar dormir.

A ideia de ter uma família, que por muito tempo pareceu completamente impensável para mim, se mostrou diante dos meus olhos da forma mais vibrante e clara possível.

Apesar do meu pai ter tido os problemas dele e morrido mais cedo do que o previsto devido a um infarto, ele e a minha mãe sempre se deram bem. Pareciam gostar um do outro e eu não conseguia imaginar como teria sido se eles fossem separados ou

simplesmente não vivessem como casal. Era óbvio que o Tyler iria preferir que eu e a mãe vivêssemos como um casal, mas isso implicava na minha vida e da Olivia também.

De imediato eu estava disposto a fazer de tudo para o meu filho, mas também estaria em deixar todas as mulheres para ter apenas uma?

Massageei as têmporas e caminhei para perto da janela, vendo os carros que passavam pelas ruas no entorno do meu prédio no centro de Dallas.

Não tinha ideia do que estava pensando e me sentia completamente confuso em relação a tudo. Ao mesmo tempo que não tinha certeza se queria ou estava disposto a abandonar a vida de solteiro com a qual estava acostumado, não gostava nem um pouco da ideia de ver a Olivia com o Colin ou qualquer outro homem.

Ela era a mãe do meu filho, minha...

Apoiei as duas mãos espalmadas sobre o vidro, marcando-o com as minhas digitais, e respirei fundo ao escorar a testa. Estava exausto só de pensar sobre aquilo. Não tinha medo de querer o Tyler e lutar por ele, era o meu filho, sangue do meu sangue, e só de olhar

para ele fazia com que o meu coração batesse de uma forma diferente, porém com a Olivia era completamente diferente.

Além da nossa história não ter começado da melhor maneira possível, dando direito a ela de ter toda desconfiança em relação a mim, eu ainda estava muito confuso sobre o que queria ou não.

Voltei para perto da minha cama, peguei o meu celular e mandei uma mensagem.

Andrew:

Acordada?

Mãe:

Vendo um reality show.

Andrew:

Não sei como tem paciência para isso.

Mãe:

É um bom passatempo quando já não se tem muito com o que preenchê-lo.

Andrew:

Achei que preferisse os encontros das mulheres da alta
sociedade.

Mãe:

Eles não acontecem todos os dias. Felizmente! Vá por mim, são ainda piores do que os reality shows.

Andrew:

Imagino que sim.

Mãe:

Mas o que está acontecendo, filho? Imagino que não tenha me mandado mensagem a essa hora só para perguntar o que eu estou fazendo.

Andrew:

É complicado.

Mãe:

Se fosse simples não estaríamos falando de você.

Andrew:

Transei com a Olivia.

Mãe:

Ah, nossa! Que bom.

Andrew:

Não estou mais achando tão bom assim.

Esperei que ela respondesse a mensagem, mas ao invés de fazer isso, minha mãe me ligou. Fiquei um pouco receoso em atender. Contudo, dentre os funcionários, investidores e outras pessoas interessadas no meu dinheiro, ela, na ausência do meu pai, era a única pessoa em que eu sentia que poderia confiar e ser completamente honesto.

— O que aconteceu, Drew? — A voz dela ressoou pesada e investigativa, ao ir direto ao ponto assim que eu atendi a chamada.

— Tyler estava com febre.

— Oh, céus! Mas ele está bem agora?

— Sim. Olivia o levou à pediatra dele e ele foi medicado. A febre logo baixou e ele ficou bem. Ela me disse que foi por causa dos dentinhos que estão nascendo.

— Tadinho, é um período bem incômodo para o bebê. Lembro que me desesperei com você nessa fase. Na verdade, agonizei muito

com você naquela época, e ainda me desespero hoje. — Ela gargalhou do outro lado da linha. — Isso é coisa de mãe.

— Imagino que sim.

— Dormiu na casa da Olivia para cuidar do menino e acabou indo parar na cama dela? Ah, meu filho, você sempre foi tão terrível! — Minha mãe tirou suas próprias conclusões.

— Não é bem assim. Eu os trouxe para cá, queria mostrar o quarto que fiz para o Tyler, mas a Olivia não ficou tão feliz quanto imaginei que ficaria. E eu já não estava muito contente por tê-la visto na clínica com o *cozinheiro*.

— O *sous chef*?

— É o sujeito que fica em cima dela e acha que tem mais direitos do que eu.

— É namorado da Olivia?

— Não! — Apressei-me em dizer, ainda que não tivesse absoluta certeza e o sujeito se comportasse como se fosse.

— Drew...

— Ela disse que não.

— Isso é ótimo.

— Sim... quer dizer, eu não sei.

— Filho.

— Estou confuso, mãe.

— Por quê?

— Transamos, e ela foi embora como se houvesse sido a pior decisão que tomou na vida toda. Não é o tipo de reação que espero causar nas mulheres.

— Já disse que ela não é uma mulher qualquer, Drew.

— Sim, é a mãe do meu filho. Não deveria ser mais fácil?

— Pelo contrário.

— Não faz sentido. — Bufe, irritado.

— Querido, depois da forma como vocês se afastaram, ela esteve disposta a criar esse garotinho sozinha para não correr o risco de que você oferecesse alguma ameaça para o bebê, ainda que pudesse dar uma fortuna aos dois. Ela não vai ceder fácil, porque tem medo do impacto que a relação de vocês possa ter na vida do filho.

— Seríamos uma família, isso não é bom?

— Está mesmo disposto?

— Eu não sei. — Engoli em seco.

— Então precisa se decidir antes de tomar qualquer decisão.

Com certeza é melhor que cada um de vocês siga o próprio caminho do que ficar em conflito.

— Achei que gostasse da ideia de me ver com ela.

— Eu adoro. Ver você com uma família é a realização de um sonho para mim. Vi a Olivia apenas uma vez, mas ela parece uma mulher ótima.

— Então qual o problema?

— A vida a dois exige sacrifícios e amor. Se não for capaz de amá-la, não é uma boa alternativa ficarem juntos. Para o Tyler vai ser bom se vocês forem amigos.

Amor...

— Não gosto de vê-la com outro homem.

— Se não forem um casal, isso vai acontecer. Olivia é uma mulher bonita e certamente há muitos homens interessados em

namorá-la.

Não gostei nem um pouco do que minha mãe falou.

— Tyler é o meu filho.

— Sim, ele sempre será, o que não impede que ele tenha um padrasto.

— Acho que eu preciso dormir. — Esquivei-me da conversa, que estava me deixando mais incomodado do que eu gostaria.

— Boa noite, querido.

— Para você também, mãe. — Joguei o meu celular sobre o móvel de cabeceira e tombei para cima do travesseiro macio.

Minha cama estava com o cheiro da Olivia, o que aumentava ainda mais os meus pensamentos sobre o assunto. Esperava que a minha conversa com a minha mãe fosse esclarecedora, mas ela só me jogou um pouco mais de caos.



Olivia

Capítulo trinta e sete

— Obrigada, pode deixar ali. — Apontei para o freezer quando o entregador veio com as carnes para o nosso estoque de ingredientes.

— Posso descarregar tudo, senhora? ... Senhora?

— Ah? — Levei um tempo para entender que o entregador estava falando comigo.

— Descarregar tudo? — repetiu.

— Isso!

— Ótimo! — Ele sorriu para mim.— Por favor, assine os papéis que estão com o motorista do caminhão.

— Okay! — Balancei a cabeça em afirmativa ao ir até o homem que estava escorado ao lado do veículo, que me entregou uma prancheta sem falar muito.

— Bom dia.

— Bom dia — o tom dele era ríspido e pelo visto eu não era a única pessoa que havia dormido mal naquela noite.

Desde o que havia acontecido com o Andrew, eu não conseguia fechar os olhos e evitar pensar nele. Ter cedido ao sexo fora algo estúpido da minha parte. Nossa relação já era bem complicada sem colocar transa de conveniência na equação. Por mais bonito, sexy e tentador que o pai do meu filho fosse, já tinha que ter aprendido o quanto era complicado me envolver com ele.

Tyler precisava estar acima de todas as minhas prioridades, e eu não poderia cometer outra besteira sendo movida por puro tesão.

Senti uma mão firme tocar o meu ombro e tomei um susto ao olhar para trás e me deparar com o Colin.

— Live?

— Oi? — Coloquei a mão no peito por reflexo, sentindo o meu coração saltar.

— Está tudo bem?

Balancei a cabeça, fazendo que sim.

— E o Ty?

— Está ótimo.

— Não vi vocês voltando para casa ontem, resolveram ficar mais tempo na clínica?

— Sim — menti, mas na verdade eu ainda nem estava conseguindo processar direito pelo susto com a presença dele, principalmente porque pensava no que havia acontecido com o Andrew.

O medo do Colin era que algo acontecesse em relação a mim e ao pai do meu filho. Eu havia jurado que não, mas parecia ter perdido completamente o controle da situação.

— Aconteceu alguma coisa?

— O que teria acontecido? — Abri um sorriso amarelo ao desviar o olhar para o motorista mal-humorado.

— Sei lá, você está pálida.

— Cansada.

— Tyler não deixou você dormir?

— Foi mais ou menos isso. — Tentei desconversar. Na verdade, Tyler havia dormido muito bem durante a noite, os olhos azuis que haviam me tirado o sono eram outros.

— Quer descansar um pouco, eu tomo conta de tudo por aqui.

— Não, estou bem.

— Tem certeza?

Fiz que sim.

— Já coloquei tudo no freezer. — O entregador passou por mim acenando e entrou no caminhão.

— Obrigada. — Acenei de volta e eles foram embora.

— Vamos trabalhar. — Dei um tapinha no ombro do Colin, chamando-o para a cozinha.

Ele parecia disposto a continuar falando, mas desistiu quando os auxiliares começaram a chegar.



Andrew

Capítulo trinta e oito

Fechei os olhos, tombando a cabeça para trás, e a minha mente se encheu de imagens da noite passada, enquanto eu tomava a Olivia nos meus braços e a prensava contra a parede, provando dos seus lábios e percorrendo o seu corpo com as mãos.

Umedeci os lábios, salivando ao me recordar do sabor da boca dela e do seu sexo sob o tato da minha língua.

Empurrei a cadeira para trás e toquei o volume na minha calça. Ela era gostosa e me provocava muito tesão, mas isso não tinha que ser o suficiente para me enlouquecer como estava acontecendo.

Ao mesmo tempo que eu estava perturbado com os desejos que sentia pela Olivia, parecia ser bom estar tão interessado nela. Tê-la, assim como o Tyler, mudaria completamente a minha vida, mas eu me sentia cada vez mais pronto para isso.

Ainda estava refletindo sobre o que a minha mãe havia falado. Sempre fui um bom estrategista, colocando diante de mim

objetivos bem claros, e havia algo que eu estava cada vez mais convicto, que não dividiria o meu filho e a mãe dele com outro cara.

— Senhor! — Charles abriu a porta do meu escritório e eu me ajeitei rapidamente, para que ele não percebesse que eu estava me tocando.

— O que foi? — falei com mau-humor.

— Tem uma visita à jazida *Alpine High* hoje à tarde.

— Hoje?

— Sim, senhor. Não estava se recordando?

Bufei abaixando a cabeça, e isso foi resposta o suficiente para o Charles.

— Quer que eu cancele?

— Não, mas providencie o helicóptero. Quero ir e voltar rápido.

— Como desejar.

— Ótimo. É o meu único compromisso da tarde?

— Sim, porque há muitos detalhes a serem resolvidos com o engenheiro local. O início das extrações no novo terreno não pode

ser adiado.

— Certo.

— Precisa que eu faça alguma coisa para o senhor?

— Não, pode ir.

Charles assentiu com um movimento de cabeça e fechou a porta da minha sala.

Puxei o meu celular para ver as fotos que a Olivia havia me mandado. Tinha algumas deles juntos que eu perdi um pouco mais de tempo observando.

Andrew:

Como ele está?

Olivia:

Bem.

Andrew:

Sem sinal de febre?

Olivia:

Felizmente.

Andrew:

E você, como está?

Olivia:

Não vamos falar sobre isso.

Andrew:

Só estou perguntando se você está bem.

Olivia:

Estou ótima.

Andrew:

Isso é um bom sinal.

Olivia:

Não é sinal de nada.

Andrew:

Posso levá-la para jantar?

Olivia:

Já passo o dia todo num restaurante.

Andrew:

Então me deixa pensar em outro lugar.

Olivia:

O que você pensa que está fazendo? Isso não é um jogo.

Andrew:

Não estou jogando com você.

Olivia:

Eu não caio mais no seu papo.

Andrew:

Já disse que agora é diferente. Além disso, estou com alguns documentos que você precisa assinar.

Olivia:

Documentos? Quais?

Andrew:

Do reconhecimento de paternidade.

Fiquei olhando para o celular por muitos minutos e não recebi nenhuma mensagem em resposta. Estava tenso com aquilo. Não era possível que depois de tudo o que eu havia passado, ela ainda estava disposta a negar que o Tyler era meu.

Olivia:

Eu preciso assinar isso quando?

Andrew:

O mais rápido possível.

Olivia:

Pode mandar um advogado trazer.

Andrew:

Estão comigo. Levo pessoalmente quando for ver vocês.

Olivia:

Não precisa vir hoje.

Andrew:

Eu quero ir.

Olivia:

Não torne tudo mais complicado.

Andrew:

Talvez não seja eu quem esteja fazendo isso.

Olivia:

Tenho que focar em cozinhar, não posso ficar trocando mensagens.

Andrew:

Bom trabalho.

Olivia:

Obrigada.

Ela parou de escrever e eu sabia claramente que só estava tentando fugir de mim. Nunca havia pensado que no momento em que decidisse ficar com uma mulher, que ela fosse ser tão escorregadia. Eu era possivelmente o homem mais rico do Texas, havia uma fila de interessadas, mas Olivia estava escapando entre os meus dedos, cheia de receio e ressentimento. No fundo, sabia

que ainda estava irritada pelo que havia acontecido com o rancho, mas quantas desculpas ainda teria que pedir?

Depois do almoço, fui até a jazida de petróleo. Havíamos adquirido recentemente um novo terreno e o equipamento de extração estava sendo instalado. Era crucial a minha visita ao local para a inspeção de todo o processo, mas admito que nunca estive mais distraído do que naquele dia.

Enquanto os engenheiros falavam sobre bombas e peças, eu ainda pensava na Olivia e no meu filho. Memórias da minha infância nunca foram tão invocadas na minha mente. Recordei-me de como era quando criança, as viagens e passeios com meu pai, os dias na Disney, as idas a praia e a Europa.

A minha família...

Queria ela e o Tyler morando comigo, queria dormir e acordar perto deles, poder vê-los todos os dias. Sem dúvida essa mudança radical estava me deixando cada vez mais empolgado. Eu não era o mesmo homem, e havia deixado de ser o anterior quando o meu filho cruzou o meu caminho pela primeira vez.

Balancei a cabeça, afastando os pensamentos, quando estacionei perto do restaurante da Olivia. Tranquei o veículo e me

aproximei da porta dos fundos do restaurante.

Bati duas vezes até que ela fosse aberta.

— Ah! — Ouvi o resmungo de revolta quando os meus olhos encontraram os do *cozinheiro*. — O que você está fazendo aqui?

— Até onde eu sei, não tenho que te dar satisfações, ainda que o motivo seja óbvio.

— Tyler está dormindo e a Olivia está ocupada. Volta outra hora. — Ele puxou a porta, para fechá-la na minha cara, mas fui mais rápido, para impedi-lo.

— Não vou sair daqui.

— Dá o fora. — Mostrou os dentes, mas eu não tinha qualquer medo dos rosnados dele. Ele poderia até estar interessado na Olivia, mas eu não a entregaria sem um confronto.

— Não vou a lugar nenhum.

— Já disse que eles não estão disponíveis.

— Estão muito mais disponíveis para mim do que para você.

— Se você acha que vai conseguir ficar com eles, está muito enganado.

— Quem vai ficar, você? — questionei-o, mas o cozinheiro não teve tempo de responder, pois Olivia apareceu atrás do ombro dele.

— O que está acontecendo aqui?

— Seu *funcionário* está causando problemas aqui. — Evidenciei a palavra que usei para me referir a ele para que o tal Colin soubesse muito bem o papel que ele representava ali.

— Andrew!

Fiquei completamente surpreso ao ver que a Olivia estava repreendendo a mim e não o cara.

— Qual é?

— Estamos ocupados, o restaurante ainda não fechou.

— Já disse, vai para casa. — O *sous chef* tentou me empurrar pelo ombro, mas, irritado, eu revidei.

— Não me toca!

— Sem brigar, vocês dois — Olivia se impôs.

— Ele só tem que ir embora. — O *cozinheiro* olhou para a minha garota como se ela fosse dar permissão a ele para me

escorraçar dali.

— Não deveria ter chegado tão cedo. — Ela me dirigiu um olhar ainda reflexivo e cheio de ressalvas. Por um momento pensei que fosse concordar com aquele idiota e acabaria me mandando embora.

— Só passei em casa para tomar um banho e vim para cá.

— Entra. — Ela puxou o Colin, tirando-o do meu caminho.

— Obrigado.

Meus olhos cruzaram com os do cozinheiro e ele mostrou os dentes para mim. O meu ego queria esfregar na cara dele que eu havia feito a Olivia gozar enquanto entrava dentro dela, mas o meu bom senso me recordou de que comentar sobre o nosso sexo só poderia deixá-la irritada, o que eu não queria. Já tinha feito o suficiente para perder a sua confiança, e não precisava piorar a situação.

Tentei me aproximar dela e dar um beijo no seu rosto, mas antes que conseguisse fazer isso, Olivia deu passos para trás e acabou se chocando contra uma bancada onde colocava utensílios de cozinha.

— Como você está? — Estendi a mão na direção dela, mas mudei de ideia no meio do caminho.

— Bem, como eu disse mais cedo.

— Esse cara só veio aqui para atrapalhar a gente a trabalhar — resmungou o cozinheiro.

— Deixa de ser chato, Colin. — Uma das mulheres da cozinha intercedeu por mim e eu olhei para ela com um sorriso.

Envergonhada, mas oferecida, me deu um tchauzinho, mas foi cutucada por outra.

— Por que não pega o Tyler e vai para dentro da minha casa até fecharmos aqui? — sugeriu Olivia.

— Ótimo.

Ela me guiou para perto do cercadinho onde o meu filho estava deitado. O cozinheiro havia mentido, Tyler estava acordado e abriu um sorriso ao olhar para mim. Ao menos meu filho deixava evidente o quanto ficava feliz com a minha presença.

— Papai chegou.

— *Papa...*

— Isso, o papai. — Curvei-me sobre o cercadinho e Tyler esticou os bracinhos para que eu o pegasse no colo.

Aninhei-o junto a mim e Tyler abraçou o meu pescoço, rindo.

— Olha como ele é apaixonado pelo pai. — A mulher que havia suspirado para mim comentou.

— Ele nem conhece esse cara direito — resmungou o cozinheiro.

— Acha que pode ficar com ele por umas duas horas? — Olivia me encarou cheia de receios.

— É claro que eu posso tomar conta do meu filho por todo tempo que for necessário.

— Ele acabou de comer.

— Ótimo. Preciso fazer algo em específico?

— Talvez trocar fraldas.

— Posso lidar com isso.

— Tem certeza?

— Claro que eu tenho, não é, filho? — Dei um beijinho nele e Tyler riu. — Tudo sob controle, Olivia.

— Qualquer coisa você o traz para mim. — Abriu uma porta no fundo da cozinha e indicou a sala de estar da casa.

— Pode deixar.

Ela estava receosa, mas acabou me deixando sair com o menino. Admito que ainda estava aprendendo, mas iria dar conta de cuidar bem do nosso bebê.



Olivia

Capítulo trinta e nove

— Esse cara está passando tempo demais aqui — resmungou o Colin assim que o Andrew foi para minha casa com o Tyler.

— É claro que ele vai passar muito tempo aqui. É o pai do bebê — respondeu Sacha, evitando que eu precisasse dizer aquelas mesmas palavras ao Colin.

Colin bufou, desgostoso do que ouviu.

Por mais que eu o considerasse um grande amigo e que ele houvesse me ajudado bastante desde que eu havia aberto o meu restaurante, admito que estava cada vez mais irritada com as suas reações. Já bastava ter que lidar com o Andrew e o medo de que ele tentasse tirar o Tyler de mim, eu não precisava de um cara com ciúmes tornando a situação ainda pior.

— Vamos trabalhar, Colin.

— Olivia...

— Ouviu a chefe — Sacha o interrompeu. Fiquei muito grata por ela ter findado aquele assunto. Não queria nem precisava discutir a minha vida pessoal na frente dos meus funcionários.

Terminei alguns pratos e entreguei para que os garçons servissem as mesas.

Enquanto o tempo passava, eu estranhava o fato de o Tyler não ter chorado uma única vez. Estava preocupada com o que poderia estar acontecendo dentro da minha casa, ao mesmo tempo em que me esforçava para confiar que o Andrew pudesse cuidar do nosso filho. Apesar de todos os problemas que eu tinha com ele, algo era inegável, ele era esnobe e grosseiro demais para fingir todo aquele amor que demonstrava pelo Ty.

Ajeitamos as coisas na cozinha no fim do expediente e os auxiliares começaram a se despedir.

— E vou ficar aqui para...

— Colin — não deixei que ele completasse a frase —, agradeço de coração toda a sua ajuda, mas é melhor você ir para casa.

— Você não precisa ficar sozinha com aquele cara. — Colocou as mãos na cintura em uma postura defensiva.

— Não é como se ele fosse me devorar. — Abri um sorriso amarelo e me senti uma idiota ao perceber a conotação que as minhas palavras poderiam gerar se mal interpretadas.

Considerando o que havia acontecido na noite anterior, eu não tinha mais tanta certeza se o Andrew não me devoraria se voltássemos a ficar sozinhos. Esforcei-me ao máximo para que as minhas bochechas não corassem diante do Colin. — Eu e o Tyler vamos ficar bem.

— Não tenho tanta certeza.

— Andrew é um babaca, mas não nos faria mal.

— Sabe que eu não gosto dele aqui. — Colin tocou o meu ombro e eu dei um passo para o lado, esquivando-me ao me sentir estranha com o contato.

— Ele é o pai do Tyler.

— Infelizmente. — Puxou o ar com força, detendo-o nos pulmões.

— Vai ser melhor para todo mundo quando você aceitar isso.

— Assim até parece que você gosta dele aqui.

— Fala como se eu tivesse a obrigação de odiá-lo. — Desviei o olhar para a lavadora de pratos debaixo da pia.

— E não tem?

— Muita coisa aconteceu.

— Eu só espero que você não esqueça o que ele te fez e o sofrimento que passou por conta disso.

— Ninguém sabe melhor o que passei do que eu mesma, Colin. — Cruzei os braços, estufando o peito, e cerrei os dentes.

— Sim, mas... — Ele esticou a mão e tentou afagar o meu rosto, mas eu me movi.

— Vai para casa, Colin.

— Tem certeza? — Abaixou o olhar, com uma expressão de cachorrinho abandonado que teria me impactado se eu não soubesse muito bem a confusão que era manter o Colin e o Andrew no mesmo ambiente.

— Absoluta.

— Tudo bem. — Ele se curvou para me beijar e eu virei o rosto, dando a minha bochecha.

— Nos vemos amanhã.

— Certo.

Sem graça e ainda desconfiado, Colin tirou o avental e o *dólmã*, guardando-os no escritório, e foi embora. Senti-me aliviada ao trancar a porta dos fundos do restaurante. Não queria me submeter a mais confusão do que as que já havia adquirido.

Chequei algumas coisas e fui para a minha casa. Estranhei o completo silêncio que ressoava pelos cômodos e, com o coração apertado com um pouco de preocupação, fui para o quarto do meu filho.

Assim que parei na porta, vi o Andrew de costas para mim, debruçado sobre o berço. Estranhei o fato de estar sem camisa, os ombros largos e as costas descobertas, e desci o olhar até o início da calça social.

O que diabos ele estava fazendo sem camisa?

— Andrew?!

— Shi! — Ele girou o corpo e pôs o dedo sobre a boca, fazendo um sinal para pedir o meu silêncio.

— O que está acontecendo com o Tyler? — perguntei vários tons mais baixo.

— Ele está dormindo.

— Preciso acordá-lo para dar banho. — Dei alguns passos para o quarto e Andrew me parou, colocando a mão sobre o meu ventre. — Ei!

— Já dei banho nele.

Levantei a cabeça e acabei encontrando o seu olhar. Senti um leve desconcerto ao perceber que eu havia me perdido na imensidão azul.

— Por que você está sem camisa? — Afastei-me dele o mais rápido possível antes que me desconcertasse demais.

— Fui trocar a fralda do Tyler e ele fez xixi em mim. — Andrew riu. — Coloquei a minha camisa na sua máquina de lavar, deve estar limpa e seca agora.

— Hum. — Cruzei os braços, ainda receosa.

— Está tudo sob controle por aqui, por que não vai tomar um banho?

— O Tyler...

— Vai chorar se precisar de alguma coisa.

— Eu não imaginava que soubesse cuidar tão bem de um bebê.

— Estou me esforçando. Consigo me sair bem quando tenho objetivos determinados.

— Eu que o diga — falei em um tom áspero.

— Olivia, precisamos superar isso.

— Eu não tenho que superar nada.

— Somos uma família.

— Não somos coisa nenhuma.

Eu não sabia em que momento do jogo ele havia decidido que queria algo comigo ao invés de reservar sua atenção exclusivamente para o nosso filho, entretanto eu não iria cair naquela de novo.

Sabia muito bem como era ter o coração partido por ele e não queria repetir a dose.

Ele colocou a mão no meu braço e a deslizou para cima, mas antes que tocasse o meu rosto, dei alguns passos cambaleantes para trás e me choquei contra uma cômoda no quarto.

— Cuidado.

— Eu vou tomar banho. — Esquivei-me dele antes que o Andrew me tocasse novamente.

Eu sabia muito bem que pelo meu filho não poderia evitar a presença daquele homem na minha vida, mas não deixar a situação complicada estava se mostrando muito mais difícil do que eu imaginava.

— Vou ficar de olho no Tyler.

— Ótimo.

— Relaxa, Olivia.

— Eu estou bem. — Dei passos para trás, como se eu estivesse receosa de virar as costas para ele e avancei cambaleante pelo corredor.

Andrew escorou na porta do quarto do Tyler e ficou olhando para mim com um sorriso até que eu praticamente corri para o banheiro.



Andrew

Capítulo quarenta

Seria um tolo se não soubesse os motivos pelos quais Olivia estava agindo daquele jeito comigo. Esquiva e receosa, ela parecia muito longe de esquecer o que eu fizera para comprar o seu rancho, mas com o Tyler, tudo havia mudado entre nós dois, e estávamos ligados para o restante das nossas vidas, gostasse ela ou não.

No início, queria apenas o meu filho. O choque, a surpresa e a mudança instantânea ao olhar para o Tyler pela primeira vez haviam transformado algo dentro de mim de um jeito irreversível. Era impossível imaginar que quisesse tanto ter um filho até segurá-lo nos braços pela primeira vez. Entretanto, com a presença dele se tornando parte da minha vida, eu estava começando a olhar para a situação como um todo e principalmente a detestar a ideia de ter a Olivia e a minha família com outro cara que não fosse eu.

Minha mãe tinha deixado alguns pontos muito claros para mim que me fizeram refletir. Teria que realmente abrir mão do meu estilo de vida antigo para assumir aquele novo, mas, de certa forma, era visível que eu havia feito isso desde que colocara os olhos no meu filho pela primeira vez.

Ao aceitar que os meus desejos haviam mudado, precisava convencer a Olivia disso, o que estava se mostrando muito mais difícil do que imaginava.

Por que ela simplesmente não via que o melhor era ficarmos juntos?

Ouvi o som da porta do banheiro ser aberta e a vi sair coberta por um roupão e secando o cabelo castanho em uma toalha branca. Umedeci os lábios ao ver a abertura da peça, mostrando a curva dos seus seios. Ela estava muito sensual e atraente daquele jeito. Era inegavelmente uma mulher jovem e linda. Minha vontade foi ir até ela e despi-la ali mesmo.

— Vou me vestir.

— Precisa de ajuda? — Abri um sorriso ao me insinuar, mas a expressão que ela direcionou para mim me demonstrou que não fora o melhor momento para falar daquele jeito.

— Não. — Bateu a porta do quarto com força.

Inspirei profundamente, enquanto pensava em outra estratégia para me aproximar dela. Tínhamos transado e havia sido ótimo, mas ao invés de nos aproximar, só pareceu distanciar ainda mais. Entretanto se havia algo que eu tinha certeza era que não iria deixar

que aquele cozinheiro tomasse o meu lugar, não apenas com o meu filho, mas também na vida da Olivia.

Esperei sentado em uma das cadeiras da sala de jantar até que ela saiu usando um conjunto de moletom. Colocou a toalha molhada no banheiro antes de se aproximar de mim.

— Não vai colocar a sua camisa?

— Daqui a pouco eu pego na máquina.

— Hum. — Olhou-me de cima a baixo, ressaltando a sua desconfiança.

— Senta aqui. — Puxei uma cadeira, indicando o local para ela.

— O que você quer?

— Estou com os documentos. — Mostrei os papéis sobre a mesa.

— Não sei se concordo com uma guarda compartilhada...

— Olivia, por favor, Tyler e eu merecemos passar momentos juntos. Já fomos privados disso por alguns meses.

— Eu não quero que ele chegue no seu apartamento e veja uma mulher diferente a cada vez, vai ser confuso...

— Não haverá mulheres diferentes — falei rápido, antes que ela começasse um enorme discurso sobre o quanto eu era um canalha. Sabia muito bem que o passado me precedia, mas eu estava disposto a fazer um futuro diferente.

— Acha que eu vou acreditar nisso? — Cruzou os braços.

— Não precisa ter outra se ficarmos juntos. Nem da minha parte, nem da sua.

— Sabe, Andrew, você não tem o menor talento para ser comediante.

— Estou falando a verdade, Olivia. — Coloquei a minha mão sobre a dela em cima da mesa, mas ela a puxou rapidamente e rosnou para mim.

— Duvido de tudo que sai da sua boca.

— Estou me esforçando.

— Até encontrar algo mais interessante e me dar a próxima rasteira. Já o conheci o suficiente, Andrew Campbell.

— Acha que eu estaria aqui se eu não quisesse mesmo isso?

— Você é muito capaz de fazer qualquer coisa só para conseguir o que quer. Afinal, se passou por um peão, fazendo tarefas muito abaixo do seu nível só para me enganar.

— Isso já passou.

— Acha que vou esquecer fácil?

— Está deixando bem claro que não. — Curvei o meu corpo na direção dela, examinando o volume dos seus lábios, e Olivia recuou junto ao assento da cadeira.

— Está na hora de você perceber que não vai conseguir me enganar mais.

— É exatamente sobre isso que estou falando. Não estou enganando ninguém.

Olivia não disse nada, mas afunilou os olhos, demonstrando que não importava o que eu dissesse, ela não iria acreditar em mim.

— Deixa eu ver isso. — Puxou os papéis para lê-los, na desculpa de parar de olhar para mim.

Sabia muito bem o quanto meus olhos eram irresistíveis, mas Olivia estava conseguindo se esforçar o suficiente para não cair em tentação.

— Cinquenta mil dólares?!

— Acha pouco?

— Pensa que vai me comprar? — Empurrou o papel e me encarou, bufando.

— É uma pensão adequada para o Tyler, considerando o meu patrimônio.

— Não precisamos do seu dinheiro! — Ela bateu com as mãos sobre a mesa.

— Cuidado, vai acordá-lo.

— O que pensa que vai fazer com isso depois, jogar na minha cara?

— Escuta, o Tyler é meu filho...

— Eu não quero o seu dinheiro.

— Use o que precisar, se precisar. O restante, guarde em uma poupança para a faculdade ou num fundo para quando ele completar dezoito anos.

— Vai nos dar num só mês o valor equivalente a um ano de faculdade.

— Pode deixar para que ele gaste quando ficar mais velho.

— Não. — Ela balançava a cabeça de um lado para o outro, se negando a aceitar.

— Considerando tudo o que eu tenho, duvido que o juiz determine um valor menor do que esse. Meu advogado acha uma proposta razoável.

— Se veio aqui para jogar o seu dinheiro na minha cara...

— Vim aqui pelo meu filho e por você.

— Coloque num fundo. — Acabou acatando, mas sem dar o braço a torcer.

Desviou o olhar do meu e continuou lendo o papel.

— Não precisamos mexer no nome dele.

Contive-me para não bufar. Olivia estava se esforçando para ser bem difícil.

— Quero que o Tyler tenha o meu nome. Ele deveria ter sido registrado como um Campbell para início de conversa, se você tivesse me contado assim que descobriu que estava grávida.

— Okay! — Cerrou os dentes, não parecendo muito contente em concordar. — Ele vai morar onde eu morar.

— Tudo bem. — Abri um leve sorriso. Como não pretendia levar apenas o bebê para morar comigo, não me pareceu um grande obstáculo. — Eu não quero tirar o Tyler de você, Olivia. — Acariciei o rosto dela, curvando-me na sua direção, e dessa vez ela não me rejeitou completamente. — Só quero ser o pai dele.

Fiquei olhando fixamente para os seus lábios, que estavam avermelhados, e apoiei um cotovelo sobre a mesa para unir as nossas bocas, desfrutando do seu sabor doce. Imaginei que ela me permitiria mergulhar no beijo, puxá-la para o meu colo e transarmos ali mesmo, entretanto ela me empurrou, interrompendo o momento.

— Você precisa parar de fazer isso.

— Por quê?

— Não é certo.

— Quem disse que não?

— Eu estou dizendo! — Levantou o tom de voz.

— Me parece muito certo ficarmos juntos.

— Para você brincar comigo e me jogar fora quando enjoar?

— Eu não vou fazer isso. — Tentei tocá-la novamente, mas Olivia não permitiu, empurrando a cadeira para trás e ficando de pé.

— Duvido.

— Não tem que ficar agindo assim...

— Não? É sério!

Levantei-me e fui para perto dela. Queria tocar a sua pele, beijá-la, como tive a oportunidade de fazer na noite anterior, e transar até que nós dois estivéssemos completamente exaustos, mas tudo o que eu consegui foi que ela se esquivasse de mim.

— Quero namorar com você.

— Namorar comigo? — Começou a rir com ar de deboche, o que me deixou ainda mais confuso. — Com quantas mulheres você namorou antes, Andrew?

Engoli em seco ao ser golpeado com aquela pergunta, que me deixou um tanto desconcertado.

— Nenhuma.

— Pois é.

— Mas vai ser diferente conosco.

— Por quê? Por causa do Tyler?

— Sim.

— Não temos que ficar juntos só por causa de um filho. Pode até parecer que é o melhor, mas se o relacionamento não for verdadeiro, a criança só vai sofrer mais.

— A minha mãe disse a mesma coisa.

— Pelo menos há um Campbell sensato.

— Nós nos damos muito bem na cama. — Tentei romper as barreiras que ela havia criado com a minha ajuda.

— Acha que só sexo sustenta um relacionamento?

— Não, mas...

— Duas transas não podem definir a nossa vida toda. Existem pontos mais importantes em um relacionamento do que sexo.

— Podemos chegar na terceira. — Enlacei a cintura dela e a puxei para mim, prensando-a contra o meu peito.

Olivia tentou, mas não conseguiu deter o suspiro quando sentiu a minha pele. Ela ofegou e cerrou os lábios, prensando-os.

Sua cabeça se moveu até que os seus olhos fitaram os meus. Encarei o castanho vibrante, que brilhou ao refletir o meu rosto.

Linda!

Eu não conseguia evitar o tesão que a sua presença provocava em mim, e duvidava que Olivia não se sentisse da mesma forma.

Subi com uma das mãos e toquei sua bochecha. Ela ainda estava me encarando quando afastou os lábios brevemente, deixando escapar um leve gemido.

— Eu quero ficar com você — falei pausadamente e com a voz grossa, para provocar arrepios nela.

— Não quer não! — Olivia espalmou uma mão no meu peito, tentando me afastar.

— Quero sim.

— Para de agir como se isso fosse um jogo. Você já me magoou antes.

— Eu não vou fazer isso de novo.

— Tenho certeza de que nem você acredita nas suas palavras. — Ela ainda estava firme, mas eu podia perceber pelas

reações do seu corpo que eu não era o único afetado pela proximidade.

— Com certeza eu não acreditaria há alguns meses, mas eu estou fazendo tudo diferente desde que o Tyler apareceu na minha vida.

— O que você sente por ele não se estende a mim.

— Não, mas acabou influenciando. Tyler me fez ver que eu posso ter uma vida diferente da que eu levava, que eu posso ter uma família.

— Pode ter uma família com outra mulher. — Ela tentou se afastar novamente, mas eu não permiti. — Tenho certeza de que candidatas não faltam.

— Eu não quero outra mulher, Olivia. — Acariciei o seu rosto.

— Também não sou obrigada a ficar com você. — Sua respiração estava ficando pesada e ofegante, deixando claro o quanto ela estava lutando contra os efeitos da nossa proximidade.

— Tem razão, mas eu quero que me escolha. Sou melhor do que aquele *cozinheiro*.

— Convencido. — Pressionou os dedos contra o meu peito.

— Talvez um pouco.

— Você não vai me convencer.

Abaixei a cabeça e beijei o pescoço dela. Percebi os seus pelos se arrepiando quando Olivia jogou a cabeça para trás. Deslizei a língua até a sua orelha e mordisquei o lóbulo, sentindo as suas unhas apertarem o meu peito.

— Tenho que ver o Tyler.

— Ele está dormindo.

— Pode acordar a qualquer momento.

— Se ele acordar, nós vamos até ele. Até lá... — Peguei-a pela cintura e a levantei. Empurrei os documentos para o meio da mesa e a sentei na beirada.

— Andrew...

Segurei a sua nuca e a puxei para um beijo, unindo as nossas línguas antes que ela tivesse brecha para dizer qualquer outro argumento para que não ficássemos juntos. Segurei o seu quadril, afundando os meus dedos na sua pele e a puxei para o limite da mesa, encaixando-me entre as suas pernas.

Subi com a mão pela sua nuca e uni seu cabelo em um rabo de cavalo, puxando-o para o lado, fazendo-a tombar a cabeça. Mordi o seu pescoço e Olivia cravou as unhas nos meus ombros ao gemer.

Eu morria de tesão só de sentir o cheiro dela. Se dependesse apenas dos meus impulsos, pulava até as preliminares e ia direto para o ato.

Reparei nos seus mamilos enrijecidos enquanto provava da maciez da sua pele com os dentes. O fato de ela estar sem sutiã só me provocou ainda mais. Tirei a sua blusa de moletom e coloquei a mão no centro das suas costas, pressionando seus mamilos contra o meu peito. Não parei de beijar e morder o seu pescoço enquanto as minhas mãos traçavam o contorno delicado do seu corpo pequeno. Ela tinha uma cintura fina e um quadril moderado, ressaltando os seus traços latinos.

Desci com as mãos até a sua cintura e Olivia se moveu para frente, esfregando o seu sexo em mim. Meu volume se intensificou na calça, pulsando e esticando o tecido. Eu costumava ter várias mulheres, quantas quisesse, mas estava sendo honesto com a Olivia ao dizer que estava disposto a sermos uma família e ficar apenas com ela. Não era como se eu estivesse fazendo um grande

sacrifício, a mãe do meu filho era linda e muito atraente para satisfazer todas as minhas vontades.

Ela desceu com as unhas pelas minhas costas, deixando um vergão pelo caminho até parar na minha cintura. Enquanto isso, movi a boca do seu pescoço para o vale entre os seus seios, deixando lambidas e chupões até o seu ventre para voltar na direção da sua boca, tomando-a em um intenso beijo de língua.

Enquanto provava o sabor da sua boca, minhas mãos voltaram a percorrê-la até chegar à calça de moletom. Puxei-a, deslizando para o chão, juntamente com a calcinha. Estava cheio de vontade e nem me dei ao trabalho de tirar a minha calça, apenas abri o zíper, extraí o membro da minha cueca e puxei a Olivia, encaixando-me nela. Gememos juntos quando os músculos da sua vagina me envolveram.

Com uma mão na cintura e a outra no seu pescoço, movi-me dentro dela, sentindo o delicioso agarre que o seu sexo fazia em mim. A pressão no meu pênis me impulsionava a me mover mais rápido.

Olivia tombou a cabeça, mas eu a segurei pelo queixo, erguendo-a.

— Olha para mim. — Sorri ao manter os meus olhos bem fixos nos seus.

— Não deveríamos estar fazendo isso...

— Sua expressão me diz outra coisa. — Curvei-me para morder o seu lábio inferior, puxando-o até estalar.

Olivia gemeu mais ao mover as pernas, envolvendo com elas a minha cintura e fazendo com que eu entrasse mais fundo.

Ela tombou para trás, deitando-se na mesa e espalhando os cabelos sobre os papéis que eu havia trazido para que ela assinasse. Poderia até estar tentando, mas sua expressão, principalmente os seus olhos, entregavam o seu êxtase.

Enquanto eu enfiava nela, cada vez mais rápido e com mais força, os seios da Olivia se moviam, atraindo a minha atenção e aumentando o meu prazer. Gostava de vê-los balançar enquanto transávamos.

— Se toca. — Peguei a sua mão e coloquei sobre o seu clitóris.

Olivia corou brevemente, mas aceitou a minha instrução, começando a gemer mais alto à medida que os seus dedos

deslizavam pelo ponto de maior sensibilidade. Eu sabia bem que daquele jeito ela sentia mais prazer e tudo o que eu queria era ouvi-la gemendo.

— Andrew...

— Só deixa vir. — Passei uma mão pelo rosto dela, contornando os seus lábios com o polegar, sentindo o hálito frio que escapava com o seu prazer.

Comecei a me mover ainda mais rápido e, com a outra mão, segurei a mesa para me dar mais controle e agilidade nos meus movimentos. Com o prazer da Olivia aumentando, ela me apertava mais num chamado delicioso para que eu alcançasse o meu próprio ápice. A cada contração dos músculos dela pressionando o meu pau, sabia que estava cada vez mais perto de gozar. Havia esquecido completamente de colocar uma camisinha, mas eu não iria sair dela naquele momento.

Os sons da Olivia começaram a entregar o seu orgasmo e eu não me contive, esperando chegar lá junto com ela. Quando os meus músculos se enrijeceram e o prazer tomou conta por completo, gozei nela.

Ofegante, tombei sobre o seu corpo, apoiando a cabeça sobre os seios que se moviam com a respiração descompassada.

— Tenho que tomar banho de novo — resmungou, e eu sorri ao perceber que ambos estávamos brilhando de suor.

— Eu lavo você.

— Isso não é uma brincadeira, Andrew.

— Não. É coisa de adulto. — Passei a mão pelo corpo dela, evidenciando a sua nudez.

— Falei sério quando disse que precisamos parar.

— Sabe que não precisamos.

— O Tyler vai ser o maior prejudicado nessa história.

— Não use o Tyler para justificar o seu medo.

Ela engoliu em seco e me empurrou, rolando para fora da mesa e caminhando para o banheiro.

— Olivia. — Fui atrás dela e parei na porta do box.

— Não é só o meu medo, eu me preocupo com ele.

— Em momento algum eu disse o contrário. Eu sei que ele é a sua prioridade, é a minha também. Me dá um voto de confiança.

— Eu não posso.

— Não pode ou teme?

— Morro de medo! — Admitiu. — Como acha que eu não teria?! Olha para você e olha para mim, Andrew.

— Estou cada vez mais convencido de que somos perfeitos juntos. — Abri um sorriso maroto ao olhar para o corpo dela.

— Não é a isso que estou me referindo.

— Olivia, o que eu preciso fazer para provar a você que eu quero isso? Eu poderia estar fazendo qualquer outra coisa no mundo, mas estou bem aqui.

— Por quanto tempo?

Fui pego de surpresa por aquela pergunta.

— O futuro é incerto.

— Pois é, você é incerto.

— Nem todo o meu dinheiro pode garantir o amanhã. Meu pai estava aqui e de repente ele não estava mais. Por isso que quero estar aqui agora, no momento da minha vida que eu posso controlar.

Ela ficou olhando para mim. Ainda estava ofegante, mas ao invés de simplesmente me empurrar e fechar a porta do box na minha cara, ela enlaçou o meu pescoço e me puxou para dentro.

Correspondi ao seu beijo enquanto tirava a minha calça e a minha cueca, que estavam molhando com a água do chuveiro.

Prenei-a contra a parede azulejada quando a excitação que ela provocava em mim voltou a reger o meu corpo, mas antes que eu pudesse estar dentro dela novamente, ouvimos um choro tomar conta da casa toda.

— Preciso ver o Tyler. — Ela me afastou.

— Pode deixar que eu vou.

Saí do box, me sequei rapidamente com uma toalha pendurada em um suporte, vesti minha roupa, e fui para o quarto do nosso filho.

Assim que entrei no cômodo, eu o vi de pé no berço, segurando a grade. Assim que me olhou, ele sorriu e parou de chorar.

— *Papa!*

— Oi, garotão.

— *Pa!*

— O papai já vai pegar você.

Cheguei mais perto e o tirei do berço. Seus bracinhos envolveram o meu pescoço e eu o abracei de volta. Com ele no colo verifiquei a sua fralda, que estava limpa.

— Você está com fome? — Eu o encarei e o meu filho olhou para mim de volta, sem entender a pergunta que eu havia feito, nem conseguindo, óbvio, respondê-la.

— *Papa!*

Talvez ele só não quisesse ficar sozinho.

— Acho que a mamãe vai dar o braço a torcer. — Ri ao olhar para ele. — Você não acha que é melhor o papai e a mamãe ficarem juntos?

— Acho que ele é pequeno demais para responder essa pergunta.

Virei-me e vi a Olivia parada na entrada do quarto. Ela estava de roupão, e vê-la daquele jeito me excitava por mais que houvéssemos acabado de transar. Era sexy a forma como a abertura destacava os seus seios.

— Tenho certeza de que ele concorda comigo.

Olivia apenas balançou a cabeça em negativo.

— *Mama!*

— Viu?

— Ele só está com fome. — Ela chegou mais perto e Tyler estendeu os bracinhos, indo para o colo da mãe.

Ela foi para a poltrona e abriu uma parte do roupão, expondo um seio, que o espertinho abocanhcou sem demora.

— Viu, fome.

— Mas ele sabe bem do que eu estava falando.

Olivia sorriu e eu fiquei a observando amamentar o nosso filho. Independente das mudanças que tivesse de fazer na minha vida, não iria perder aqueles momentos.



Olivia

Capítulo quarenta e um

Acordei com o som do despertador e me revirei na cama. Surpreendi-me com o peso do braço do Andrew sobre mim e me recordei de que ele não havia voltado para sua casa. Ele sabia ser insistente e era melhor ainda em me convencer. O pior é que ele estava certo, toda a minha relutância se resumia ao medo de ter o meu coração partido.

Era inegável que vivermos como um casal seria melhor para o Tyler, sem precisar ir da casa de um dos pais para a do outro, ou lidar com possíveis padrastos e madrastas. Entretanto o medo de não dar certo e todo o ressentimento pelo que o Andrew havia feito e dito me pesava muito. Ainda havia um enorme receio em aceitar que ele poderia ter simplesmente mudado.

— Bom dia! — Estremeci com a sua voz e sua respiração na minha nuca.

— Bom dia. — Tentei me levantar, mas ele me segurou. — Tenho que trabalhar.

— Eu também.

— Então me solta.

— Daqui a pouco. — Beijou o meu pescoço, me fazendo estremecer.

— Andrew...

— Relaxa.

Eu estava de costas para ele, deitada de lado, quando ele grudou seu corpo mais no meu, me encoxando, e desceu a mão pela minha barriga, indo até o encontro das minhas pernas. Eu estava usando uma calcinha fina, que ele driblou facilmente, puxando o elástico para me tocar com as pontas dos dedos.

— Para... — Coloquei a minha mão sobre a sua.

— Tem certeza? — Escorregou o dedo, pressionando levemente o meu clitóris.

— O que pensa que está fazendo?

— Te dando prazer — falou com a boca na minha orelha, incendiando-me inteira.

Na mesma proporção em que era perigoso e insano ceder a ele, Andrew mexia com a minha libido além do racional. Deixá-lo se aproximar era o suficiente para que eu não conseguisse mais resistir.

— Não temos muito tempo. Logo os meus funcionários vão chegar.

— Tudo bem. — Puxou a minha calcinha para baixo em um movimento só, tirando-a pelas pontas dos meus dedos.

Naquele momento, eu já nem conseguia mais pensar na minha total falta de bom senso ao transar com ele, apenas que eu queria sentir mais daquele prazer todo. Seria mentira se eu dissesse que no fundo não havia uma parte minha completamente seduzida pela ideia de sermos uma família.

Senti o pênis rígido do Andrew roçar na minha bunda enquanto a mão dele não me dava sossego. Afastei um pouco mais as pernas, permitindo um melhor acesso ao meu sexo, e me contorci, encostando a cabeça no seu ombro ao sentir cada espasmo provocado pelo seu estímulo. Ele beijava o meu pescoço e mordida a minha orelha enquanto a sua mão não parava de se mover.

Empinei levemente e Andrew levou as mãos para a minha cintura. Ele me puxou para trás e o seu membro deslizou por entre as minhas coxas até encontrar passagem para se acomodar dentro de mim.

A estocada firme fez o seu pênis tocar o meu útero ao entrar por completo. Dobrei as pernas levemente para cima, deixando que se movimentasse, entrando e saindo de mim, a princípio numa lentidão deliciosa, enquanto a sua boca brincava com a minha orelha, me provocando uma série de calafrios que influenciavam o meu corpo inteiro. Virei a mão para segurar o seu ombro e ele agarrou um dos meus seios, apertando-o. Senti um pouco de leite molhar a camiseta fina que eu estava usando, mas Andrew não pareceu se incomodar nem um pouco.

Era bom demais para que eu não quisesse. Meus olhos se reviravam nas órbitas a cada vez que ele deslizava para se acomodar novamente em mim.

— Gostosa. — Ele mordeu a minha orelha, puxando-a, e eu achei que me derreteria em meio a todas aquelas sensações.

Estava completamente envolvida por uma névoa de sedução e desejo, e me deixei levar pelo momento. Bastou o Andrew descer a mão do meu seio e tocar o meu clitóris para que eu gozasse.

Felizmente o Tyler era pequeno demais para entender o que estava acontecendo, porque eu não conseguia parar de gemer.

— Viu, pode ser muito bom ficar comigo — sussurrou o Andrew ainda em mim, na busca pelo próprio prazer.

— Não use o sexo para me manipular.

— Mas é uma das melhores partes. — Segurou a minha cintura para dar uma estocada mais firme e me fazer gemer de propósito.

Sorri sem reação e completamente rendida, ainda que não devesse estar.

Eu não sei se foi por estar completamente envolvida, ou pelos meus próprios gemidos, mas não ouvi qualquer barulho até o meu nome ecoar pelo quarto.

— Olivia!

Por reflexo, puxei a coberta que estava aos pés da cama e cobri o meu corpo nu da cintura para baixo.

— Colin?

Fiquei completamente surpresa ao vê-lo parado na porta do quarto. A expressão no rosto dele era um misto de choque, raiva e decepção.

— O que você está fazendo?

— Você já é grandinho o suficiente para saber o que é sexo — disse o pai do meu filho, só piorando a situação.

— Andrew, cala a boca! — rosnei para ele. — Colin, o que está fazendo aqui? — Fiquei de pé ao me enrolar na colcha que eu provavelmente teria que lavar, pois o sêmen do Andrew estava escorrendo pelas minhas coxas. — Não deveria ter entrado na minha casa desse jeito.

— Esse horário você costuma já estar no restaurante. Imaginei que algo tivesse acontecido e vim ver se estava precisando de ajuda. A porta para cá estava aberta, então eu entrei.

— Não deveria ter entrado.

— Eu deveria ter adivinhado que você estava trepando com esse idiota.

— Colin!

— O idiota aqui não sou eu.

— Andrew!

— Você não deveria ter feito isso, Olivia. — O meu *sous chef* balançou a cabeça em negação.

— Colin, escuta...

— Você não tem que dar satisfações a ele. — Andrew se impôs, tornando o momento ainda mais delicado.

— Cara, se veste primeiro. — Colin cobriu o rosto.

— Está incomodado? — Andrew estufou o peito.

— Colin, vai para cozinha do restaurante! Andrew, se veste, você tem que ir trabalhar.

O *sous chef* cerrou os dentes, mas acabou concordando com a minha ordem.

— Posso cancelar os meus compromissos. — Ele se aproximou de mim e tocou o meu ombro com delicadeza.

— Não. Só dá um beijo no Tyler e vai.

— Se precisar de ajuda...

— Posso cuidar de mim mesma.

Andrew segurou o meu queixo e me puxou para um selinho. Não era a melhor atitude para ele tomar naquele momento, mas em meio a briga de testosterona, duvido que qualquer um dos dois estivesse pensando com racionalidade naquele momento.

Acompanhei com o olhar o pai do meu filho se vestir e ele deixou o quarto.

Estava ajeitando a minha roupa para ir ao restaurante quando ouvi a voz do Colin novamente, surpreendendo-me com um segundo susto.

— Por que voltou para cá?

Ele não respondeu a minha pergunta.

— Eu vi os papéis que você assinou em cima da mesa.

— Não deveria ter mexido nisso.

— Por cinquenta mil você faz o que ele quer, até abrir as pernas.

Cerrei os dentes e os punhos, enfurecida com tamanha ofensa, e dei um tapa na cara do Colin. Só percebi o impulso quando a minha palma já havia estalado na sua bochecha.

— Cala a boca!

— O cara te tratou que nem lixo, mas chega aqui oferecendo uma grana e consegue o que quiser. Pena que eu não sou rico.

— Você está demitido!

— Olivia, não faz isso.

— Eu não vou ficar tolerando as suas ofensas.

— Eu não estou mentindo.

— Está, sim.

— Você ainda está com o cheiro daquele cara.

— Eu sou uma mulher adulta e posso transar com quem eu quiser.

— Onde estava aquele cara quando o Tyler sofria com cólica, quando o umbigo dele caiu, quando ele balbuciou a primeira palavra?

— Ele não sabia do filho.

— Porque ele foi um idiota com você.

— O Andrew não está sendo o maior idiota agora.

— Quando pegar ele trepando com outra, vai se arrepender da escolha que está fazendo.

— Colin, pega as suas coisas e vai embora. — Apontei para o corredor. Estava chateada e com lágrimas pesando nos olhos, mas não iria derramá-las naquele momento.

Conhecia todos os riscos de escolher o Andrew. A minha racionalidade não conseguia evitá-los, mas os meus sentimentos queriam pular de cabeça e construir a realidade em que o pai do meu filho e eu éramos um casal feliz.

— Serei eu quem estará lá quando esse cara decepcionar você, Olivia.

Engoli em seco, com um gosto amargo na boca, e não falei mais nada quando o Colin olhou para mim pela última vez e deixou o meu quarto.

Estava agindo com o coração, e só esperava não ter tomado outra decisão muito ruim que me impactaria para o resto da vida.



Andrew

Capítulo quarenta e oito

— Bom dia, senhor.

— Bom dia, Charles! — Abri um largo sorriso ao passar pela mesa do meu assistente ao me dirigir para minha sala.

— Parece de bom humor hoje.

— Eu tive uma ótima noite. Por falar nisso, preciso que encaminhe alguns documentos para o meu advogado sobre o meu filho.

— Claro, senhor. — Ele estendeu a mão e eu entreguei a pasta para ele.

— Quero uma sugestão de local para levar a Olivia, mas como ela é chefe de cozinha, não sei se jantar é a melhor alternativa.

— Pensarei em algo.

— Obrigado.

— Realmente está num bom dia. — Ouvei ele rir quando entrei na sala. Não poderia negar que não era o tipo de pessoa que costumava dizer *por favor e obrigado*.

Havia saído da casa da Olivia há pouco mais de uma hora e passei no meu apartamento apenas para tomar um banho rápido e me trocar. Estava receoso com o que havia acontecido, e admito que havia um certo aperto ao pensar que havia a deixado sozinha com aquele cara.

Peguei o meu celular e mandei uma mensagem para ela.

Andrew:

Como você está? Aquele idiota parou de te encher o
saco?

Estou me sentindo culpado por tê-la deixado sozinha.

Olivia:

Você ter ido embora foi melhor.

Andrew:

Posso ligar?

Olivia:

Não. Estou na cozinha e não quero discutir os meus problemas com os outros empregados ouvindo.

Andrew:

Ele está aí?

Olivia:

Eu o demiti.

Andrew:

Foi a melhor decisão que poderia ter tomado.

Olivia:

Espero que sim.

Andrew:

Amanhã é sábado e eu quero levá-la para sair.

Olivia:

Não posso largar o restaurante.

Andrew:

Seus funcionários tomam conta.

Olivia:

Sem o Colin aqui não dá de jeito nenhum.

Andrew:

Ele é um empata foda até quando não está mais
trabalhando para você.

Olivia:

Andrew!!!

Andrew:

Tudo bem, saímos quando você fechar o restaurante.
Podemos fazer um programa a dois de madrugada.

Olivia:

A dois? Se esqueceu de que temos um filho?

Andrew:

Tenho certeza de que a minha mãe não vai se importar
nem um pouco de ficar de babá por um dia.

Olivia:

Não quero arrumar trabalho para ela.

Andrew:

Ela vai amar um tempo a sós com o neto e eu com
você.

Olivia:

Preciso trabalhar.

Andrew:

Então estamos combinados.

Olivia:

Okay.

Coloquei o celular sobre a mesa com um sorriso de orelha a orelha.

Eu estava cada vez mais envolvido por aquela magia. Tudo o que havia jurado que jamais iria fazer, estava disposto pela Olivia e pelo Tyler. Certamente eram assustadoras as escolhas que eu estava tomando, mas pareciam mais certas a cada momento que passava.



Olivia

Capítulo quarenta e três

— O Colin não vai mais voltar? — Sacha se aproximou de mim enquanto eu estava medindo alguns temperos para colocar na carne.

— Não.

— Ah, uma pena. Ele fez algo muito ruim?

— Sacha, não quero falar sobre isso. — Esquivei-me dela, dando alguns passos para o lado e indo para a bancada na outra extremidade da cozinha.

— Tem alguma coisa a ver com o restaurante?

— Não. — Levantei os olhos, fitando-a com seriedade para que o assunto se findasse de uma vez por todas.

— Ah, então é por causa do bonitão.

— Bonitão? — Franzi o cenho.

— O pai do Tyler.

— Sacha, se concentra em preparar os pratos porque temos muitos a serem atendidos. — Fiz um gesto, mostrando a lista dos

pedidos fixados no centro da cozinha perto do fogão.

— Aposto que você e o cara do petróleo voltaram e o Colin não ficou muito contente com isso, porque sempre esteve na cara que ele gostava de você.

— Não tem como voltar para algo que nunca existiu.

— Como não? — Ela moveu os braços, ficando boquiaberta.
— Vocês têm um filho juntos, não é como se mal tivessem se beijado.

— Foi só uma noite de muitas decisões ruins.

— Vocês parecem tão perfeitos juntos.

— Sacha! — gritei com ela e acabei assustando outros auxiliares que também estavam trabalhando na cozinha. — Se concentra na montagem dos pratos.

— Sim, chefe.

— Ótimo!

A minha situação já era complicada o bastante para ter que ficar dando satisfações para os meus empregados.

Gostava do Colin como amigo, e em certa medida estava chateada pelo que havia acontecido, entretanto não poderia mantê-lo ali com constantes crises de ciúmes e fazendo ofensas e insinuações que me magoavam.

Nunca me importei com o dinheiro do Andrew, caso contrário, não teria escondido o meu filho por dez meses, porém não conseguia mais negar o fato de estar gostando cada vez mais da presença dele.

Com certeza me decepcionaria muito se estivesse caindo em mais uma armadilha, entretanto a ideia de sermos uma família de verdade e de ele se ver em um compromisso comigo me encantava.

Não era apenas pelo fato de ser o melhor para o Tyler crescer com os pais juntos, mas o quanto eu adorava estar nos braços do Andrew. O desgraçado sabia me convencer muito bem e nem eu compreendia o quanto era perigoso.

Preparei os ingredientes de alguns dos pratos e passei para a Sacha montá-los. Sábado à noite era um dia bem movimentado no restaurante, e com um *sous chef* a menos, precisávamos nos desdobrar para dar conta de tudo. Iria precisar entrevistar novos candidatos para preencher aquela vaga o quanto antes.

Colin era um bom *sous chef*. Iria fazer uma carta de recomendação para ele e esperava que encontrasse uma vaga em outro restaurante. Por pior que parecesse, não poderia mantê-lo por perto e complicar ainda mais a minha vida, que não estava sendo lá a mais simples de todas.

Andrew poderia parecer o cara mais incerto para que eu me envolvesse naquele momento, mas estava começando a achar que era o mais apropriado. Seria uma mentirosa se dissesse que não gostava de estar com ele, de ser beijada e tocada. Ele tinha uma pegada que me deixava de pernas bambas apenas de encostar em mim. Só de pensar eu ficava com o coração trepidando.

Por mais que o meu bom senso gritasse para tomar cuidado e evitar ser feita de idiota novamente, estava cada vez mais envolvida pelo charme dele. Queria esquecer todas as possíveis consequências de estarmos juntos e tentar ser um casal feliz.

— Olivia!

Balancei a cabeça e vi que um dos funcionários estava me chamando. Havia me perdido tanto nos pensamentos que por pouco não queimei a barra do meu dólmã na beirada da churrasqueira.

— Ah, sim?

— Está pronto a costela?

— Sim — falei ao verificar.

— Coloca esse espeto para mim. — Ele me entregou um que havia preparado com carne crua e eu substitui pelo finalizado.

— Está bem cheio hoje. — Ele sorriu para mim.

— Pois é.

— Ouvei os garçons dizerem que tem outro crítico desses famosos no salão hoje.

— Ah é?

— Não ouviu? Ele estava falando com você.

— Ah, claro! — Desconversei, sem graça, ao me dar conta de que não tinha ouvido coisa alguma. — Vamos caprichar, temos que impressionar novamente.

— Com toda a certeza, chefe.

— Obrigada.

Passei o restante do expediente cuidando da excelência dos pratos e me esforçando para ficar atenta a cada um dos detalhes,

afinal, opiniões de críticos como aqueles poderiam alavancar ou destruir completamente o meu negócio.

Os auxiliares já estavam recolhendo as louças e limpando as vasilhas quando ouvi uma risadinha de Sacha para outra funcionária e me virei.

— Andrew... — O nome dele saiu trêmulo pelos meus lábios.

— Oi.

Ele estava em um terno alinhado, como sempre o via desde que havíamos nos reencontrado, mas daquela vez a roupa era um pouco mais despojada e não havia gravata. Entretanto o que realmente me surpreendeu foi o buquê de flores que ele carregava.

— São para você.

— Obrigada. — Abracei-as e inspirei o perfume das rosas.

Ouvi as mulheres no recinto suspirarem e eu fiquei ainda mais envergonhada pela situação. Ainda não havia informado a ninguém que estávamos juntos. Para ser honesta, nem eu havia aceitado muito bem essa informação, mas, por aquela cena, não precisavam ser muito inteligentes para deduzir o nosso envolvimento.

— Já está pronta para irmos?

— Ainda não. Tenho que organizar as coisas por aqui, dar banho no Tyler...

— Por que não agiliza aqui no restaurante enquanto eu cuido do nosso filho?

— Tudo bem.

— Ótimo! — Ele sorriu.

Andrew passou por mim, foi até o cercadinho onde o Tyler sempre ficava, pegou-o no colo e o levou para dentro da minha casa.

— Ah, ele é tão lindo!

— Sacha! — Afunilei os olhos ao fitá-la.

— Quando vocês vão se casar?

— Por que não arruma um vaso para colocar essas flores? — Entreguei o buquê para ela a fim de mudar de assunto.

— Vou fazer isso.

— E vamos logo dar um jeito em tudo aqui para que possam ir embora.

Eles assentiram e terminamos de ajeitar a cozinha. Quando entrei na minha casa, depois que todos já tinham partido, Andrew

estava no quarto do Tyler, rindo enquanto tentava prender a fralda do bebê.

— Você tem que ficar quieto, meu filho. Já é difícil quando você colabora, imagina assim.

— Estão tendo problemas aqui? — Cheguei mais perto, parando ao lado do Andrew que estava novamente sem camisa.

Conhecendo-o na medida que eu conhecia, poderia apostar que ele passaria bem mais tempo sem camisa se soubesse todos os efeitos que a visão dele seminu provocava em mim.

— Está tudo sob controle, mamãe.

— *Mama...*

— Isso mesmo, Tyler.

— Ele fez xixi em você de novo? — Segurei o suspiro ao colocar a mão nas costas nuas do Andrew.

— Não. Só tirei a camisa para evitar qualquer acidente enquanto dava banho nele.

— Boa ideia.

— Sou genial. — Piscou para mim.

— Convencido.

— Só às vezes. — Riu.

— Uns noventa e nove por cento do tempo.

— Por que ao invés de ficar criticando a minha autoconfiança, você não vai tomar banho?

— Não podemos voltar muito tarde, tenho que abrir o restaurante amanhã.

— Você me prometeu a noite.

— Mas...

— Prometeu.

— Tudo bem. — Acabei assentindo. Não fazia ideia para qual local ele pretendia me levar e, no fundo, isso também me provocava um frio na barriga.

— Você conversou com a sua mãe?

— Já disse que está tudo sob controle, Olivia.

— Okay! — Deixei o quarto do meu filho e fui para o banheiro me lavar e me arrumar para que pudéssemos sair juntos.

Depois de estar pronta, fui para a sala de estar, onde vi o Andrew ajeitar o nosso filho no bebê conforto e colocar a malinha dele ao lado. Tinha certeza de que era o primeiro filho dele, mas, de certa forma, ficava surpresa com o fato de se sair tão bem nas tarefas.

— Como aprendeu a lidar com o Tyler assim?

— Você não faz ideia do que se acha em vídeos pela internet. Como imagina que consegui consertar a sua cerca daquela vez? — Ele sorriu ao se virar para mim com um jeito travesso.

Seu rosto mudou completamente quando seus olhos me encontraram, da expressão descontraída e debochada, ela se tornou surpresa e boquiaberta.

— O que foi? — perguntei, sem jeito, sentindo as minhas bochechas corarem.

— Uau!

— O quê?

— Você está linda.

— Obrigada. — Coloquei uma mecha do meu cabelo solto atrás da orelha e abri um sorriso amarelo.

— Já fico louco para te jogar na cama com a touca e o dólmã.

Desse jeito então...

— Não é para tanto. — Fiquei ainda mais sem jeito.

— Tyler, fala para sua mãe que ela está muito gata.

— Ei! — o repreendi. — Não fala essas coisas perto do bebê.

Ele vai acabar aprendendo.

— Tenho certeza de que ele ainda não entende o sentido ao qual estou me referindo.

— Andrew!

— Tudo bem. — Riu, movendo a cabeça de um lado para o outro. — Vamos logo ou chegaremos lá com o nascer do sol.

— Para onde estamos indo?

— É uma surpresa.

— Me fala. — Pedi com expressão manhosa, na esperança que ele se convencesse a ceder.

— Não vai ser mais uma surpresa se eu contar.

— Chato. — Fiz bico e Andrew riu.

— Vai gostar.

Assenti, seguindo-o para o seu carro, que estava no estacionamento vazio do restaurante. Nossa primeira parada foi a mansão onde ele havia sido criado. Jasmine realmente parecia muito empolgada em passar a noite com a criança e Tyler não chorou ao ir para o colo da avó, na verdade foi direto agarrar o colar dela, divertindo-se com o pingente. Para ser honesta, acredito que eu era a única com receio de deixá-lo ali aquela noite.

Entreguei duas mamadeiras com o meu leite e dei as mesmas instruções uma dezena de vezes até que o Andrew me enlaçou pela cintura e me arrastou de volta para o carro.

Ele dirigiu por mais uma meia hora até paramos na entrada de um estabelecimento. Como estava tudo muito escuro, não conseguia distinguir exatamente onde estávamos.

— Vem! — Ele saiu do carro e deu a volta para abrir a porta para mim, segurando a minha mão ao me guiar.

— Onde estamos?

— Você vai ver logo.

— Não faremos nada ilegal, não é? Lembre-se que temos um filho para criar e não podemos ser presos.

— Precisa confiar um pouco mais em mim, Olivia.

Torci os lábios, pouco convencida, e ele me puxou pela cintura para me trazer para mais perto.

Empurrei Andrew pelo peito depois que ele me deu um selinho e continuamos andando até uma entrada.

Passamos por uma bilheteria com catracas e o homem que estava em uma das cabines balançou a cabeça em afirmativa quando viu o Andrew.

— Senhor Campbell?

— Sim.

— Sejam bem-vindos.

— Obrigado.

Andrew me guiou com as mãos na minha cintura e passamos pela roleta. No momento em que pisamos na entrada, as luzes se acenderam revelando um enorme parque de diversões. Já tinha ouvido falar sobre aquele local, mas diante da correria do restaurante e a jornada dupla como mãe solteira, eu nunca havia tido a oportunidade de vir.

— Um parque? — Virei-me para ele, surpresa.

— Não gostou? — Andrew pareceu brevemente inseguro e adorei ver um desconcerto no olhar sempre tão confiante daquele homem.

— Sim, eu gostei. Só não achava que fosse o tipo de lugar que você fosse me trazer.

— Bom, um restaurante poderia ser mais adequado, mas como você passa o dia inteiro em um, imaginei que se divertir fosse uma boa ideia. Confesso que tive um pouquinho de ajuda do meu assistente para a escolha do local.

— É, vocês dois talvez formem uma boa dupla.

— Tenho certeza. — O ar convencido de sempre voltou, o que me fez rir.

— Bobo!

— Nem tanto. — Segurou o meu rosto com as duas mãos, fazendo com que eu o encarasse.

Por um momento, foi como se o tempo houvesse parado e a minha mente focasse apenas nos olhos azuis dele, que refletiam as luzes do parque. Não precisei perguntar para ter certeza de que ele

havia dado um jeito de abrir o local depois do expediente apenas para nos receber.

Imaginei que nada mais fosse acontecer enquanto eu estava completamente estática, presa pelo magnetismo do seu olhar, entretanto Andrew se curvou e tocou os meus lábios com os seus. As mãos firmes apertaram a minha cintura e ele me prensou contra o seu corpo. Deixei-me levar pelo beijo quando a sua língua mergulhou na minha boca, de encontro com a minha. No entanto, afastei-o quando ele começou a me empurrar na direção de uma pilastra. Por mais que o parque estivesse sem clientes , havia só nós, os funcionários ainda transitavam pelo lugar para possibilitar o seu funcionamento.

— Nos beijamos mais depois.

— Ah, isso não é justo. — Torceu os lábios em uma expressão de súplica.

— É muito justo. — Rindo, dei alguns passos, afastando-me dele. — Por onde vamos começar?

Olhei de um lado para o outro, vendo as muitas opções de brinquedos, inclusive uma enorme montanha-russa.

— Vamos para lá!

— Ei!

Segurei a mão do Andrew e saí arrastando-o.

Quando era criança, sonhava muito em ir a locais como aquele, mas não havia nada parecido perto do rancho e meus pais frequentavam a capital do estado com pouca frequência.

Subi a escada com passos ágeis e Andrew veio atrás. Parei perto de onde o carrinho estava estacionado e logo um funcionário apareceu, levantando a estrutura de proteção para que pudéssemos sentar. Andrew se acomodou ao meu lado e o homem travou a proteção antes de ligar o brinquedo.

— Você vem muito a parques de diversões? — perguntei ao Andrew quando começamos a nos movimentar lentamente sobre o trilho.

— Quando eu era mais novo, a minha mãe me levava muito a Disney e nos outros parques que tem na Flórida. Era divertido. Também vinha aqui com os meus colegas da escola.

— E o que faz para se divertir hoje?

Ele não usou palavras, apenas colocou a mão sobre a minha coxa e me lançou um sorriso malicioso.

— Andrew! — Meu grito saiu no exato momento em que a montanha-russa deu um *loop*, e se tornou ainda mais agudo pela adrenalina do momento.

Enquanto eu gritava com o frio na barriga, ele ria de mim, achando graça das minhas reações.

— É muito melhor nos divertirmos assim.

— Gosto dos dois jeitos.

Estava prestes a questioná-lo quando entramos em outro *loop*. Segurei a mão do Andrew e ele apertou a minha com mais força.

Aproveitei as subidas e descidas para relaxar e me permiti curtir a ocasião. Desde a morte dos meus pais e o nascimento do meu filho que eu não me tinha um momento para apenas me distrair.

Depois que saímos do brinquedo, segurei a mão do Andrew e o arrastei para o carrinho bate-bate.

— Tem certeza de que essa é uma boa ideia? — Olhou-me resabiado enquanto eu colocava o cinto.

— Vai ser divertido.

— Pode ser perigoso.

— Está com medo?

Ouvi o barulho dos carrinhos sendo ligados e bati com o meu de frente com o dele, arrancando uma gargalhada do Andrew.

— Não diga que eu não avisei.

— Estou pronta. — Virei o volante, dirigindo para longe dele, e Andrew acelerou o carrinho para vir atrás de mim.

Tentei me esquivar dos outros que estavam pelo caminho e ir mais rápido. Até que estava me saindo bem, mas Andrew conseguiu se mover um pouco mais veloz e bateu em cheio na minha traseira, fazendo com que eu chacoalhasse.

— Está tudo bem?

— Estou ótima.

Voltei a acelerar para me afastar dele.

Virei num movimento ágil o volante quando Andrew se aproximava novamente e batemos de frente.

Estava me divertindo e percebi que ele também.

— Até que você não é tão ruim.

— Eu sou excelente.

— Aprende rápido. — Gargalhou ao perceber que eu estava falando como ele.

— Tive um bom professor.

— O melhor. — Bateu em mim novamente.

Rimos enquanto nos chocávamos um contra o outro até que o carrinho desligou e eu fui a primeira a descer.

— Quer comer alguma coisa? — Andrew se aproximou de mim.

— Achei que não tivesse comida.

— Pedi o parque todo a nossa disposição.

— Posso me acostumar com isso.

— Não seria nada mal.

Enlaçamos nossos dedos e Andrew me puxou até a área de alimentação. Olhei as opções e escolhi o sorvete. Estava pulando direto para a sobremesa, entretanto aquele era o momento de fingir ser um pouco criança e aproveitar a vida.

— Por que não pediu sorvete de chocolate? — Olhei para o Andrew enquanto ele lambia a casquinha de baunilha.

— Nunca fui muito fã de chocolate.

— Mentiroso!

— É sério.

— Todo mundo gosta de chocolate.

— Ainda bem que eu não sou todo mundo. — Deu de ombros.

Eu ri. Às vezes era impossível não me divertir com a personalidade dele.

— Chocolate é bom. — Peguei um pouco com o dedo e passei na lateral dos lábios dele, capturando com a língua logo em seguida.

— Desse jeito qualquer coisa é boa. — Passou o seu sorvete no meu pescoço, fazendo-me estremecer com a temperatura baixa.

E a sequência de calafrios só aumentou quando ele se curvou para lamber o meu pescoço, limpando a área que havia sujado. Sabia bem que outras pessoas estavam nos observando, mas simplesmente não consegui evitar que meus olhos se fechassem e eu estremecesse com o seu contato.

— Andrew...

— Desse jeito eu até tomo um pote de sorvete de chocolate.

— Falou bem perto da minha orelha, provocando ainda mais a minha excitação.

— Para... — Eu me encolhi.

— Por quê? — Mordeu o meu pescoço e foi subindo, apenas para alimentar uma parte de mim que deveria ficar bem contida em público.

— Tem pessoas aqui...

— Tem? — Moveu a cabeça de um lado para o outro. — Não estou vendo ninguém.

— Bobo! — Empurrei-o pelos ombros.

— Vem aqui!

— Andrew...

Ele me puxou e saiu me arrastando para trás de um caminhão *food truck*. Ele parecia fechado e não dava para ter certeza se havia alguém lá dentro. Deveria ser por volta de uma hora da manhã e, naquele local específico, não havia qualquer iluminação, deixando-o na penumbra.

— Tem mais brinquedos que quero ir. — Tomei um pouco do sorvete e dei um passo de volta para a luz, mas antes que eu me afastasse demais, Andrew segurou o meu pulso e me puxou de volta.

Ofeguei quando as minhas costas bateram na lateral do veículo.

— Depois! — Andrew falou num tom sério ao colocar as mãos na minha cintura e me apertar ainda mais contra o metal.

Sem calma nem recato, Andrew tomou a minha boca em um beijo feroz, que tremeu todas as minhas estruturas e fez com que o sorvete escapasse da minha mão, caindo, assim como o dele. Quando as suas mãos desceram pelas minhas coxas e começaram a subir o meu vestido, me toquei da escolha ruim de roupa, ou boa, dependendo do ponto de vista.

Suas mãos contornaram a minha perna e entraram dentro da saia, procurando pela minha calcinha, o que não demorou a encontrar. Puxou a lateral, trazendo-a para baixo. Eu até queria esboçar algum protesto, mas o desejo estava falando muito mais alto quando a boca do Andrew saiu da minha e começou a explorar meu pescoço.

Num movimento ágil, ele passou a minha calcinha pelas pernas e a guardou no bolso.

— Andrew, não devemos fazer isso aqui... — Parei no meio da frase quando ele tirou o pau da cueca e o esfregou no meu sexo desprotegido.

— Não?

— Droga! — resmunguei, quando o desejo e a provocação dele estavam me vencendo.

— Só não faz barulho. — Cobriu meus lábios com os dedos enquanto a outra mão segurava a minha cintura e me puxava para frente.

Foi um desafio enorme não gritar, denunciando o que estávamos fazendo, quando ele me penetrou. Senti uma leve ardência, pois não havíamos perdido tempo com preliminares, mas a excitação e a adrenalina logo me envolveram completamente.

Subi com minhas mãos pelos seus braços e segurei seus ombros, enquanto ele apoiava uma na lataria e a outra mantinha na minha cintura em meio ao vai e vem delicioso. A mão saiu da minha cintura e levantou uma das minhas pernas, segurando-a ao redor do seu quadril, permitindo-o alcançar mais fundo em mim.

Se havia uma dose de bom-senso em mim, que me dissesse para não transar em um local público, ela tinha evaporado completamente enquanto o meu corpo era dominado por um tornado de prazer, que me deixava com as pernas bambas e completamente à mercê do Andrew. Ele sabia como me envolver, e usava essa ferramenta muito bem enquanto deslizava para fora, apenas para investir novamente. Não tinha paciência de esperar e me movia na direção dele, fazendo-o entrar o mais fundo que a posição permitia.

Subi com as mãos dos seus ombros para o seu pescoço e o fiz me encarar sob a penumbra, que deixava parte do seu rosto completamente escuro. Ofeguei, com a respiração pesada, antes de puxá-lo para mim e beijá-lo. Sua língua se entrelaçava na minha enquanto nossos corpos se tornavam um só, numa sintonia maravilhosa cada vez mais ágil.

Andrew não parou de se mover e, naquela altura, eu não queria que parasse. O impacto do seu corpo no meu fomentava o meu prazer, que logo chegou ao ápice.

Cravei as unhas no pescoço dele e mordi seu lábio inferior para conter o gemido enquanto gozava.

Nem passou pela minha cabeça como eu iria me limpar depois que terminássemos, mas Andrew saiu de mim e puxou um lenço do bolso, cobrindo o pênis com ele enquanto seu rosto denunciava o seu prazer.

— Você é maluco. — Ri, completamente sem graça, enquanto tentava me recompor e recuperar a força das minhas pernas.

— E você é uma delícia.

— Safado. — Empurrei o ombro dele.

— Culpado, não nego.

Balançando a cabeça em negativa, puxei a minha saia para baixo, ajustando o meu vestido e tentando recuperar um pouco da minha dignidade depois do que havíamos feito.

— Me devolve a minha calcinha. — Estendi a mão.

— Calcinha? Que calcinha?

— Andrew, por favor.

— Não.

— Eu não posso ficar andando sem calcinha.

— Pode sim.

— Vou ser presa por atentado ao pudor.

— Não se apenas nós dois soubermos.

— Você é pirado.

— Devolvo quando formos embora. — Ele puxou a minha mão e me arrastou de trás do nosso esconderijo.

Por mais sem graça que eu estivesse por estar sem roupa íntima, não poderia simplesmente ficar gritando para que ele me entregasse a peça, ou todos iriam acabar descobrindo e eu ficaria ainda mais constrangida.

— O que acha de roda gigante agora? — Ele apontou.

— Perfeito!

Seguimos para a atração e eu andava com os movimentos mais delicados possíveis, com medo de que o meu vestido subisse revelando minha intimidade para qualquer desconhecido.

Fui a primeira a me acomodar na cabine e Andrew ficou ao meu lado. O operador do brinquedo se afastou e o ligou. Começamos a nos mover e a roda foi girando vagarosamente, pouco a pouco nos elevando do solo.

— Sempre gostei de roda gigante.

— É? — Ele colocou a mão sobre a minha coxa e se virou para mim.

— Acho romântico.

— Bom saber. — Ele começou a subir com a mão, entrando-a pelo meu vestido.

— O que pensa que está fazendo? — Cerrei as coxas, prensando a mão atrevida dele.

— Explorando você um pouco mais.

— Não acha que já nos arriscamos muito?

— Nem tanto. — Tombou o corpo só para falar com a boca escostada na minha orelha, sabendo que seria bem difícil para mim resistir a ele daquela forma.

— Andrew...

— Abre as pernas, Olivia.

Mordi meu lábio inferior e joguei a cabeça levemente para trás ao atender o pedido dele, que continuou subindo com os dedos pela minha virilha até tocar o meu sexo.

Segurei um gemido quando ele passou os dedos pelos grandes lábios. Estava tão molhada depois de já termos feito sexo que ele escorregava com facilidade.

— Gosta que eu faça isso? — Tocou o meu clitóris com a ponta do dedo e começou a movimentá-lo.

— Que pergunta...

— Responde.

— É claro que eu gosto — falei com os dentes cerrados, estava me contendo para não anunciar aos quatro ventos.

— Então relaxa um pouco.

A mão dele escorregava em mim com uma pressão deliciosa e eu já não conseguia mais resistir. Andrew adorava testar o limite do meu bom senso.

Sorrindo, ele se curvou para me dar um beijo, como se não estivéssemos fazendo nada além de trocar um carinho delicado. Felizmente, a proteção da cabine impedia que pessoas de fora vissem que ele estava com a mão entre as minhas pernas, me masturbando.

Mordi o lábio dele ao me remexer no banco. Seus dedos não me deram trégua e ele não parecia disposto a parar até que me fizesse alcançar um segundo orgasmo.

Surpreendi-me quando a cabine parou e percebi que estávamos bem no alto, no pico da roda gigante.

— Dane-se — resmunguei ao segurar a sua camisa e enrolá-la entre os meus dedos.

— Você quer...

Apenas balancei a cabeça, fazendo que sim.

Virei um pouco, sentando de lado no assento, e Andrew segurou a minha cintura com as duas mãos. Nem vi o momento em que ele tirou o pênis de dentro da calça novamente antes dele parar dentro de mim.

Ele grudou seu corpo no meu e começou a se mover. O local era apertado devido a proteção, e certamente não era o mais adequado para fazermos sexo, mas aquele desejo descomedido que ele alimentava em mim fugia completamente ao apropriado.

Andrew estava colado em mim, e ficava mais ainda à medida que ele se esforçava para se mover diante do pouco espaço.

Não sabia se era por causa da adrenalina, do proibido, ou por tudo estar muito apertado, mas eu gozei ainda mais rápido do que da primeira vez.

Ao perceber que eu havia chegado lá, Andrew saiu de mim e se ajeitou no banco.

— Vem aqui... — Ele segurou o meu queixo, me fazendo olhar para ele.

— Onde?

— Me chupa.

Abri a boca várias vezes, mas não tive coragem de emitir nenhum som.

— Estamos no alto, ninguém vai nos ver.

Toquei o membro dele. Estava escorregadio pelo meu líquido e pulsava entre os meus dedos. Ele estava cheio de vontade e evidentemente pedia por um segundo orgasmo.

O momento de passeio em um parque de diversões acabou se mostrando um irresistível convite a imprudência. Percebi que estava completamente influenciada por ele ao me curvar e envolver a sua glândula com a boca.

Andrew gemeu enquanto seus dedos escorregavam pelo meu cabelo, acariciando-o e me incentivando a ir além. Deixei-o deslizar pela minha língua até acomodá-lo ao máximo na minha boca. Envovi a base com as mãos e comecei a deslizar meus lábios para cima e para baixo, exercendo uma pressão moderada.

Chupeí como se estivéssemos na segurança de quatro paredes e não no alto de uma roda gigante.

Andrew gemia ao me fazer carinho, incentivando-me a continuar. Eu o saboreava por puro instinto até que fui surpreendida pelo seu ápice.

A roda gigante começou a se mover e eu levantei a cabeça no susto.

— Está tudo bem? — Andrew tocou o meu rosto.

Balancei a cabeça, fazendo que sim, limpando o canto da boca com as pontas dos dedos. Eu estava completamente desconcertada, mas, ao mesmo tempo, me sentindo incrível. Foi como se eu tivesse feito todas as loucuras possíveis em um único dia.

Comecei a rir e ele me puxou para um beijo rápido.

— Você é louco!

— Vai me dizer que não se divertiu?

Fiquei em silêncio por alguns instantes.

— Me devolve a minha calcinha.

— No carro.

— Assim eu vou chegar em casa assada.

— Tenho certeza de que o Tyler pode te emprestar um pouco de pomada.

Empurrei os ombros dele e Andrew segurou os meus pulsos, forçando-me a encará-lo.

— Olivia.

— O que foi?

— O Tyler vai fazer um ano em pouco menos de um mês, e eu gostaria de uma festa

— É claro que eu vou fazer uma festa.

— Eu vou dar a festa.

— Não começa...

— Quero aproveitar o momento para apresentá-lo aos meus amigos e sócios.

— Não deveríamos expor o Tyler desse jeito.

— Amor... — Ele estendeu a mão e acariciou o meu rosto.

Eu não sabia se o Andrew estava jogando comigo, mas vê-lo se referir a mim daquela forma me abalou completamente.

— Ty é o meu filho, Olivia. Mais cedo ou mais tarde as pessoas vão saber quem ele é.

— Não vai ser só uma festa para poder exibi-lo?

— Tá, bom... Talvez um pouquinho, mas ele é tão lindo!

— Sem imprensa e sem fotos dele em jornal.

— Combinado! — Ele acariciou o meu rosto e me puxou para mais um beijo no momento em que chegamos à parte de baixo da roda gigante.



Andrew

Capítulo quarenta e quatro

— O que estamos fazendo em uma joalheria, filho? —
questionou a minha mãe ao entrarmos em uma loja.

Não havia falado nada para ela, apenas que precisava que saísse comigo, entretanto ela já não estava mais conseguindo conter a curiosidade.

— Preciso de uma opinião feminina.

— Para quê?

— Um anel de noivado. — Apontei para o expositor quando paramos diante dele.

— Nossa! — Minha mãe colocou a mão sobre a boca, surpresa com a minha revelação. — Tem certeza?

— Achei que fosse ser a primeira a me apoiar.

— Eu apoio, é claro, mas casamento é uma decisão muito séria e um passo importante demais para ser tomado por impulso.

— A Olivia e o Tyler são a minha família mãe. Casar com ela é o certo, não?

— Sim. — Minha mãe abriu um largo sorriso e afagou o meu rosto ao me encarar. — Estou muito orgulhosa de você. Finalmente se tornou um homem.

— Tá, mãe, não exagera. — Desvencilhei-me dela. — Me ajuda a escolher o anel.

— Quando pretende fazer o pedido? — Colocou a mão na cintura, ressaltada pela calça branca.

— Vou pensar no momento mais adequado.

— Faça algo romântico.

— Mãe!

— Estou tentando ajudá-lo.

— Preciso de ajuda com o anel. Deixa que do resto eu cuido.

— Controlador exatamente como o seu pai! Espero que o Tyler seja um pouco mais flexível.

— Do jeito que ele é parecido comigo...

— Coitada da Olivia. — Minha mãe riu e eu acabei rindo junto.

— Em que posso ajudá-los? — Uma vendedora se aproximou de nós, esfregando as mãos umas nas outras, atraindo a nossa

atenção.

— Estamos procurando um anel especial — falou a minha mãe com gentileza.

— Um bem grande.

— Filho, não precisa ser exagerado.

— Ela vai ser uma Campbell, mãe. — Virei-me para a vendedora. — Quero um diamante bem grande.

— Pode deixar, senhor. — Ela nos indicou a vitrine.

Eu e a minha mãe chegamos mais perto enquanto a mulher pegava alguns modelos.



Olivia

Capítulo quarenta e cinco

Minhas mãos estavam tremendo quando deixei a faixa testadora cair sobre a pia do banheiro. Mordi os lábios ao olhar para o resultado pela milionésima vez.

Grávida...

Fazia um ano desde que eu havia dado à luz, e lá estava eu esperando outro bebê. Deveria ter considerado a minha fertilidade perto do Andrew e tomado um pouco mais de cuidado com preservativos ao transar.

Próxima dele, era como se todo o meu bom senso fosse para o espaço.

— Olivia.

Ouvi alguém batendo na porta, então peguei o meu teste de gravidez e o joguei na lixeira rapidamente para que ninguém o visse.

— Oi?

— Está tudo bem? — A voz da Sacha ecoou do outro lado. — Tem um tempão que você está aí, ficamos preocupados.

— Sim. — Lavei as mãos e saí do banheiro um tanto desconcertada.

— Precisa de mais algum tempo? — Ela cruzou os braços atrás do corpo com medo de ter me pressionado demais.

— Não. — Sorri. — Eu só estava...

— Okay! — Ela me interrompeu e rimos juntas. — Não precisa dar explicações.

— Obrigada. — Coloquei uma mecha do meu cabelo atrás da orelha. — Como está tudo lá na cozinha?

— A nova cozinheira que você contratou manda muito bem.

— Isso é ótimo!

— Tenho certeza de que será muito boa para o restaurante.

— Sim, temos vários funcionários competentes. — Pisquei para ela.

— Obrigada... Olivia?

— Oi? — Parei no meio do caminho ao me virar para voltar a fitá-la.

Sacha olhou para o chão e esfregou as mãos uma na outra antes de voltar a me encarar.

— Sei que não é uma pergunta que eu deveria fazer, mas você tem alguma notícia do Colin?

— Não.

— Ah! — Abriu um sorriso amarelo.

— Desde que ele parou de trabalhar aqui, eu não tive mais nenhuma informação.

— Obrigada por responder.

— Por nada! Vamos trabalhar que temos muito o que fazer hoje, principalmente porque o restaurante não vai abrir amanhã.

— Tenho certeza de que a festa vai ser incrível.

— Estou um pouco receosa. — Admiti, ainda que não soubesse se devesse confessar algo tão íntimo a uma funcionária.

— Mas por quê? Vai ser uma festa oferecida pelo cara mais rico da cidade. Ainda surto só de pensar que o Andrew Campbell é o pai do Tyler.

— A começar por isso. — Fiz uma careta e ela riu.

— Acho que com o tempo você se acostuma.

— Quem sabe...

— Tenho certeza de que sim, mas não é só isso, é?

— Ainda tenho um pouco de receio em relação a muitas coisas, principalmente a exposição do meu filho.

— Acho que às vezes tudo o que você precisa é ter um pouco de fé.

— Tem razão...

Sacha piscou para mim e sorriu. Indiquei o caminho da cozinha e voltamos para lá juntas.

Precisava deixar o meu temor de lado e ter um pouco mais de confiança em relação ao Andrew. Ele realmente parecia comprometido comigo e com o Tyler, e ainda tínhamos outro filho juntos.

Coloquei a mão discretamente sobre a barriga e pensei na nova vida que estava crescendo em mim.



Andrew

Capítulo quarenta e seis

Ajeitei a gravata do meu smoking quando parei o carro diante do restaurante da Olivia. Estava muito ansioso por aquele dia e havia contado os minutos para que ele chegasse. Já fazia um tempo que eu sabia da existência do Tyler, e meu filho havia mudado completamente a minha vida. Por mais incrível que parecesse, para melhor.

Toquei o meu bolso e senti a caixa de veludo que estava guardando o anel para pedir a Olivia em casamento. Considerando o homem que eu era quando a vi pela primeira vez, certamente jamais pensaria em fazer um pedido como aquele, entretanto o mundo dava mais voltas do que eu poderia prever.

Aproximei-me da porta de entrada da casa e dei duas batidas.

Não levou muito tempo para que ela abrisse. Eu estava com uma mão no bolso e a outra levantei para tocar o rosto da Olivia e puxá-la para um beijo.

— Boa noite — falei com a minha boca na dela.

— Oi! — Sorriu sem jeito.

— Você está maravilhosa.

— Obrigada.

Afastei-me para observá-la mais uma vez e segurei a sua mão para que desse uma volta. Olivia estava usando um vestido longo dourado que combinava bem com a cor da sua pele e do seu cabelo castanho, que estava parcialmente preso na lateral. A maquiagem era discreta e ressaltava ainda mais a beleza dos seus olhos.

— Sou um homem de sorte.

— Por quê? — Franziu o cenho sem compreender o que eu estava falando.

— Porque você é minha.

— Bobo! — Empurrou o meu ombro com um risinho sem jeito.

— Estou falando a verdade.

— Entra! — Puxou a minha mão, arrastando-me para o interior da sala e fechando a porta.

— O que foi?

— É melhor não ficarmos nos beijando na rua.

— Já fizemos coisa pior. — Pisquei para ela e as bochechas da Olivia ficaram completamente coradas.

— Você é terrível!

— Como se a culpa fosse só minha.

— E não é? — Torceu os lábios.

— Claro que não!

— Até parece. — Deu de costas, girando o corpo, mas eu fui mais rápido, segurei o seu pulso e a trouxe para mim.

— Você é irresistível! — Mordisquei sua orelha, fazendo com que estremecesse nos meus braços.

— Assim vai acabar estragando a minha maquiagem antes da festa.

— Prometo me comportar.

— Eu duvido. — Encarou-me séria, segurando os meus ombros e mantendo o seu olhar fixo no meu por um longo instante.

— Estou falando em relação a maquiagem.

— Andrew!

— Que foi?! — Fiz-me de desentendido com as mãos ainda nela.

— Temos a festa de um ano do nosso filho para comparecer.

— Ainda bem que eu não sou britânico e não preciso me preocupar muito com pontualidade.

— Somos os anfitriões, temos que estar logo no salão.

— A minha mãe pode tomar conta dos convidados até nós chegarmos.

— Tenho que pegar a minha bolsa e o Tyler para irmos. — Conseguiu se esquivar de mim e avançar para o corredor da casa.

Fui atrás dela e a interceptei quando estava perto da porta do quarto. Peguei o seu braço pelo pulso e a puxei, movendo-a rapidamente e a prensando contra a parede.

— Andrew... — Meu nome saiu abafado pelo suspiro quando aproximei o nariz do seu pescoço, cheirando-a.

Olivia estava incrivelmente perfumada, por mais que eu a achasse incrivelmente excitante mesmo quando estava cheirando a óleo e temperos.

— Temos alguns minutos. — Comecei a puxar a saia do seu vestido para cima enquanto beijava e mordida o seu pescoço.

— Eu não tenho tanta certeza.

— Pode confiar.

— Drew! — Ela mordeu o lábio inferior e fechou os olhos, jogando a cabeça para trás quando a minha mão já estava tocando diretamente a sua coxa.

— Não quer? — Toquei a renda da sua calcinha, pressionando o seu sexo sobre a peça.

— Isso não é justo.

— Justo? — Movi os dedos para cima e para baixo, fazendo-a suspirar.

— Não, nem um pouco.

— Precisa ser justo? — Puxei a lateral da roupa íntima para tocá-la, causando tremores no seu corpo e provocando gemidos.

— Ah! — Ela não conseguiu responder nada inteligível, apenas gemidos de excitação e prazer enquanto eu a provocava com meus dedos sobre o seu clitóris.

— Hein? — Apoiei a minha testa na dela e fiz com que voltasse a me encarar. Suas pupilas estavam dilatadas pela excitação e seus olhos brilhando de vontade.

— Temos alguns minutos... — murmurou, com a sua voz naufragando em meio à excitação e ao desejo.

— Sabia que iria concordar comigo. — Afastei-me apenas para abrir a minha calça.

— Andrew — colocou a mão sobre o meu peito, assumindo um tom sério novamente. — Precisamos conversar.

— Daqui a pouco. — Virei-a de costas e fiz com que espalmasse as mãos na parede.

— Ah... sim! — Olivia soltou um suspiro profundo ao se render completamente a mim.

Subi seu vestido e afastei novamente a calcinha, que havia voltado ao lugar, e a penetrei, puxando-a para mim ao segurar a sua cintura.

Movi a cabeça, tombando-a um pouco para o lado para beijar o seu pescoço e provocar a sua orelha. Ouvei os seus gemidos, e

notei sua mão cravando as unhas na parede, enquanto eu puxava o seu corpo para o meu, ditando os movimentos do nosso sexo.

Ofegava contra sua nuca enquanto o meu tesão crescia mais e mais. *Tão quente... Tão molhada...* Eu escorregava nela com facilidade e me deliciava com a pressão maravilhosa que o seu sexo exercia em mim.

Adorava ouvir o barulho que provocava nela enquanto sentíamos prazer.

— Andrew! — Olivia jogou a cabeça para trás, tombando-a em meu ombro com os olhos revirando nas órbitas.

Mordisquei o seu lábio inferior e a senti estremecer inteira, enquanto a pressão que exercia em mim se tornou mais intensa. As contrações dela em meio ao orgasmo proporcionaram o meu.

Em outro momento eu não teria tirado, mas, considerando que precisávamos estar em uma festa em poucos minutos, escorreguei para fora e me envolvi com a mão para não sujar a ela nem a mim.

— Você é louco!

— Vai dizer que não gosta?

— Gosto. — Ela ficou ainda mais corada. — Mas estamos atrasados.

— Vou me limpar e já vamos. — Fui para o banheiro e a vindo até o armário para pegar outra calcinha . Admito que gostava muito de provocar aqueles efeitos nela e esperava que sempre fosse assim.



Olivia

Capítulo quarenta e sete

O que o Andrew fazia comigo ia além do bom senso, mas me deixava completamente nas nuvens. O prazer era tão intenso que eu ainda precisava de alguns momentos para me recuperar das pernas bambas. Seria mentira se eu dissesse que não estava cada vez mais feliz pelo relacionamento que estávamos tendo.

Ele era um pai incrível para o Tyler, e quando me tocava.... Nossa! Ficava sem fôlego só de pensar.

Não era à toa que eu estava grávida novamente. Toquei a minha barriga depois de me limpar no banheiro e trocar a calcinha. Aquela era uma informação que eu precisava contar para o Andrew, mas ele estava muito mais preocupado em me beijar do que me deixar falar. Talvez fosse melhor esperar que a festa terminasse e estivéssemos juntos num momento mais oportuno no dia seguinte.

— Vamos? — Ele me chamou do corredor com um sorriso no rosto, após ajeitar as roupas que eu havia puxado e amassado.

Fiz que sim, mas parei alguns instantes diante do espelho para retocar o meu batom. Depois peguei um lenço removedor de

maquiagem e entreguei a ele.

— Você está com a boca vermelha.

— Ah, foi por um bom motivo.

— É... — admiti, ainda um tanto envergonhada.

Ao menos daquela vez estávamos na minha casa, e longe de olhos curiosos que poderiam nos ver em algum momento inadequado. Pensando pelo lado positivo, era melhor que houvéssemos transado antes do que durante a festa.

Andrew foi para o quarto do Tyler e eu voltei ao meu para pegar a minha bolsa, quando o ouvi questionar:

— Olivia, onde está o Tyler? — ouvi a voz do Andrew vindo do quarto do nosso filho.

— No berço.

— Não está.

— Como não? — Fui correndo até ele e parei com a mão sobre o seu ombro olhando para o berço, que estava vazio. — Você o tirou daqui? — Meu coração ficou tão apertado que imaginei que explodiria com tamanha pressão.

— Não, amor.

— Não é o momento para brincar comigo, Andrew.

— Acha que eu brincaria com uma coisa dessas? — Virou-se para mim e me deu um olhar sério.

— Tyler! — As minhas pernas começaram a tremer e a minha respiração falhou, mas estava longe de ser por alguma boa causa.

— Calma, Olivia. Não pediu para ninguém tomar conta dele?

— Não! Estávamos só nos dois aqui.

— Tem certeza?

— Claro que eu tenho. — Esfregava as mãos uma na outra e na lateral do vestido em completo desespero.

— Um bebê não pode ter desaparecido assim.

— Não.

— Onde estão os funcionários do restaurante?

— Todos de folga para irem à festa.

— Onde estava o Tyler?

— Aqui! — Gritei, desesperada, começando a chorar. — Deixei o Tyler aqui para abrir a porta para você. Já estava arrumado,

com o terno que deu para ele. Parecia um homenzinho.

— Ele já desce do berço sozinho?

— Não! Ele nem consegue andar direito ainda. Só está engatinhando.

— Olivia...

— Onde está o meu bebê, Andrew? — Olhei de um lado para o outro do quarto. Aquilo parecia um terrível pesadelo. Belisquei-me algumas vezes, na esperança de acordar.

— Ele não pode ter desaparecido assim.

O pai do meu filho também parecia desesperado, mas, ao mesmo tempo, estava se esforçando para fazer com que eu não surtasse.

— Tyler! — Comecei a correr pela minha casa, indo de cômodo em cômodo, olhando debaixo de móveis e dentro de armários.

— Eu vou ligar para a polícia. — Andrew parou ao meu lado.

— Não é possível isso!

Ele me abraçou sem se importar que a minha maquiagem borrada sujasse seu paletó.

— Será que alguém...

— Calma, Olivia — interrompeu-me antes que eu dissesse algo ruim. — Tenho certeza de que ficará tudo bem com o nosso filho.

Ele estava tentando me tranquilizar, mas eu duvidava que ele realmente pudesse afirmar aquilo.

— Xerife? Preciso que venha para cá com os seus melhores homens...

Andrew estava falando ao telefone quando ouvi um choro.

— Tyler...

Esquivei-me do pai do meu filho e fui correndo na direção do som. Atravessei a cozinha do restaurante e vi o Colin com o meu filho nos braços, enquanto ele estava sentado em uma cadeira.

— Ei, garotão, calma...

— Tyler! — Fui correndo até eles e peguei o meu filho o mais rápido possível.

— *Mama*. — Ele soltou uma risada gostosa ao abraçar o meu pescoço.

— Filho! — Abracei-o com mais força enquanto o desespero se esvaía com o calor da pele macia do meu bebê.

— Ma... *mamãe*.

— Sim... É a mamãe. — Eu ainda chorava em meio a um misto insano de sensações. Nada me deixava mais em desespero do que a possibilidade de que algo acontecesse ao meu bebê.

— Desgraçado! — Andrew foi com tudo para cima do Colin e acertou-o em cheio com um soco no rosto.

— Ei, calma! — Colin colocou a mão na face, massageando a área que o Andrew havia atingido.

— O que pensa que ia fazer com o meu filho, sequestrá-lo?

— Não, claro que não! Só vim dar os parabéns. Ainda tenho a chave do restaurante e a Olivia sempre esquece a porta que dá para a casa aberta.

— Não deveria ter entrado na minha casa, muito menos tirado o meu filho do quarto. — Rosnei, ainda agarrada ao meu bebê.

Depois daquele dia certamente não deixaria mais a porta aberta. Não me lembrava de ter passado qualquer sufoco maior do que aquele.

— Achei que o Tyler fosse ficar melhor aqui do que lá, com vocês dois fazendo todo aquele barulho. Seus gemidos são bem agudos, Olivia.

Fiquei sem graça e o Andrew deu outro soco nele.

— Eu vou te denunciar para a polícia! — ameaçou o pai do meu filho. Eu não era a única desesperada ali.

— Não vai precisar.

— Você já foi além do limite com a minha mulher e o meu filho.

— Sua mulher? — Colin arregalou os olhos diante da afirmação do Andrew. Confesso que também me pegou de surpresa.

— Não sabia que vocês dois tinham se casado, mas isso não importa. Eu só vim me despedir, Olivia. — Colin se virou para mim.

— Já achei que tivesse ido embora quando ela te demitiu. — Andrew estava bufando como um cão raivoso, mas depois do susto que eu havia tomado por causa do Tyler, não tirava a sua razão.

— Eu estou indo embora de verdade dessa vez. — Colin abaixou a cabeça em um tom mais penoso. — Recebi uma proposta de trabalho no México, e terei um restaurante só meu, Vou para lá amanhã. Só passei aqui para dar os parabéns ao Tyler pelo um ano de vida e me despedir de vocês.

— Já vai tarde. — Andrew não aliviou a postura.

— Eu me desesperei quando não vi o meu filho no berço.

— Desculpa. — O olhar do Colin realmente parecia arrependido. — Só achei desnecessário ficar lá vendo vocês transando de novo.

— Deveria ter batido na porta.

— Talvez não tenha me livrado dos velhos hábitos.

— Boa sorte no restaurante.

— Obrigado.

— Com certeza o melhor mesmo é que você vá para bem longe daqui — resmungou Andrew.

— Cuida bem deles.

— Pode deixar. — O pai do meu filho estufou o peito.

— Seja feliz, Olivia.

— Obrigada.

— Aqui. — Ele esticou a mão para me entregar a chave.

— Vamos trocar essas fechaduras. — Andrew se virou para mim e Colin deu de ombros, como se não se importasse.

— Feliz aniversário, garotão. — Ele se curvou para dar um beijo na testa do meu filho, que sorriu, afinal o Colin sempre foi um rosto familiar para o Tyler. — O presente dele está em cima da mesa. — Indicou para mim um embrulho.

— Agradeço.

— Vê se some daqui logo! — Andrew ainda parecia prestes a pular no pescoço do Colin.

— Já estou indo. Aqui realmente não é mais um lugar para mim. — Encarou-me como se ignorasse a presença do Andrew.

— Que bom que se tocou.

Colin ignorou a fala do Andrew e acenou para mim antes de caminhar para a saída dos fundos do restaurante, e eu fui atrás.

Abri a porta para que ele fosse embora, já que o Colin havia me devolvido a chave. Ele acenou uma última vez e eu tratei de trancar a porta.

— Já foi tarde. — Bufou o Andrew.

— *Mamãe!* — Tyler voltou a me abraçar e eu fiquei agarradinha a ele por um tempo, feliz por tê-lo por perto e ouvindo-o falar a palavra mamãe.

Andrew acariciou o meu ombro e deixou que eu me recuperasse do susto antes de me lembrar da festa de aniversário do meu filho.



Andrew

Capítulo quarenta e oito

— Onde vocês estavam? — Minha mãe veio correndo desesperada na minha direção quando entramos no enorme salão de festas, que eu havia locado para o aniversário de um ano do meu filho.

— É uma longa história.

— Vovó! — Tyler estendeu os bracinhos para ela e minha mãe o pegou no colo.

— O bom é que vocês chegaram. Já estava começando a ficar louca com as perguntas dos convidados.

— Estamos aqui, mãe. — Tentei tranquilizá-la e achei melhor não falar sobre o que havia acontecido.

Depois do susto que quase arrancara o meu coração do peito, ter o meu filho no alcance da minha visão me aliviava.

— Você está lindo, meu príncipe. — Minha mãe examinou o terno que o Tyler estava usando. Eu havia pedido ao meu alfaiate de confiança para confeccioná-lo nas medidas do meu filho, e havia ficado perfeito.

— Sim, ele está. — Olivia sorriu ao acariciar o rostinho do nosso filho, que riu de volta para ela, mostrando os dentinhos.

Havíamos demorado ainda mais para chegar porque ela precisou retocar a maquiagem, que havia borrado toda por causa das lágrimas de desespero. Aquele episódio foi o suficiente para deixar bem claro para mim que não suportaríamos a ideia de perder o Tyler, nem que fosse por alguns minutos.

Eu não aguentaria perdê-los...

— Papai te ama. — Curvei-me e dei um beijo na testa dele.

— *Ama...* — Tyler repetiu, ainda que fosse novo demais para entender o peso daquelas palavras saindo da minha boca. Eu sempre tive tudo, ou quase tudo, mas só descobri a importância do que realmente importava quando Tyler e Olivia entraram na minha vida.

— Live. — Segurei as mãos dela quando nos afastamos do nosso filho, que estava sob os cuidados da minha mãe e sendo paparicado pelos convidados. Muitos estavam olhando para nós, entretanto não vi melhor momento para dizer aquilo. — Eu amo você.

Ela abriu os lábios, surpresa, mas não falou nada.

— Amo estar com você, amo transar com você...

— Andrew, não diz isso na frente das pessoas. — Ela virou o rosto, completamente envergonhada, mas continuou com as mãos entre as minhas.

— Amo o nosso filho.

— Muito... — Viramos para ele juntos.

— Por isso eu quero te fazer um pedido e usar todos aqui como testemunhas.

Na festa havia muitas pessoas relacionadas a empresa, umas que estavam lá desde a época do meu pai e me visto crescer. Certamente alguns dos presentes, principalmente a minha mãe, me conheciam o suficiente e iriam saber o quanto a Olivia era importante para mim para que eu chegasse a tomar essa decisão.

— Olivia... — Coloquei a mão dentro do bolso, puxei a caixa de veludo e me ajoelhei.

— Andrew. — Os olhos dela lacrimejaram e percebi que poderia fazê-la chorar novamente, mas esperava que daquela vez fosse de alegria.

— Aceita se casar comigo? — Abri a caixa de veludo, mostrando o anel de diamantes para ela.

— Sim... — sussurrou, sem jeito com o olhar de todas as pessoas na nossa direção. — Sim, eu quero.

Peguei o anel e coloquei na mão dela, beijando os seus dedos em seguida.

Fiquei de pé e segurei o seu rosto entre as minhas mãos, fazendo com que me encarasse.

— Eu te amo.

— Também amo você. — Ela sorriu e puxei o seu rosto para mim, beijando-a.

As pessoas começaram a bater palmas, inclusive o nosso filho, que seguiu o fluxo, se divertindo. Ele poderia não entender o significado daquele anel, mas era o meu compromisso de ficar com a mãe dele, para sempre.

— Andrew... — Ela aproximou a boca da minha orelha quando paramos de nos beijar.

— O que foi?

— Eu estou grávida de novo.

— Sério? — Puxei o seu rosto para poder encará-la diretamente.

Olivia apenas balançou a cabeça, fazendo que sim.

— Que notícia maravilhosa! — Curvei-me para beijar a sua barriga e foi o suficiente para que todos soubessem o que ela havia me confidenciado em sussurros.

— Vai ganhar um irmãozinho. — Ovi a minha mãe falar com o meu filho.

— *Mãozino*.

— Isso, um irmãozinho. — Olivia o pegou de volta e eu abracei os dois.

Sempre pude comprar qualquer coisa, mas a Olivia me mostrou que algumas felicidades deveriam ser conquistadas, e as que vinham da relação com as outras pessoas, essas eram as mais importantes.

De todo o meu patrimônio, certamente Olivia, Tyler e o bebê por vir eram as únicas conquistas insubstituíveis.



Olivia

Epílogo

Cinco anos depois...

— Acho que preciso colocar um pouco mais de farinha. — Andrew virou para mim com um ar confuso, enquanto seus dedos se melavam na massa de torta que ele estava tentando fazer no intuito de passar um tempo comigo na cozinha.

Eu imaginava que o poderoso empresário do ramo petrolífero não iria se dar muito bem nessa área. Apesar de estar certa, não deveria menosprezar o seu esforço.

— Um pouco mais de farinha pode ajudar.

— Onde está a farinha? — Ele virou para trás. Estávamos na cozinha da cobertura onde morávamos.

— Acho que ali. — Apontei para os nossos filhos sentados no chão, completamente cobertos de pó branco, e tentando imitar os movimentos do pai.

— Ah, seus pestinhas! — Andrew foi para perto deles e nossos meninos começaram a rir.

— *Tamo* cozinhando *tamém*, papai — falou a Angélique, que era tão determinada quanto o pai.

— Tenho certeza que vão se sair muito bem. — Andrew não se preocupou nem um pouco em sujar a calça ao se sentar com os filhos no meio da farinha. — Logo vão substituir a mamãe no restaurante.

— Quero trabalhar na empresa — disse o Tyler, que parecia mais inclinado em seguir os passos do pai.

— Acho que por enquanto podem fazer um pouco dos dois. Não é, mamãe? — Ele levantou a cabeça e olhou para mim.

— Com certeza.

— Crianças? — Ele chamou a atenção dos nossos filhos e eles tombaram as cabecinhas para prestar atenção no pai. — Vocês não acham que a mamãe está limpa demais?

— Andrew... — Dei alguns passos para trás até me chocar contra o balcão da cozinha.

— Vamos sujar a mamãe! — Ele gritou e os três se levantaram e vieram correndo até mim.

Fui para a sala de estar, mas antes de chegar lá, Andrew envolveu a minha cintura e cada um dos nossos filhos abraçou uma das minhas pernas.

Parei de me preocupar com a farinha nas minhas roupas e suspirei ao sentir a respiração dele na minha nuca.

— Eu amo vocês.

— Também amamos você, mamãe!

Andrew me virou de frente e me beijou, fazendo as crianças soltarem um *eca!*

— Não gostam de beijos? — Virei-me para elas.

Tyler balançou a cabeça fazendo que não, e eu me dispus a correr atrás dele, para enchê-lo de beijinhos, e fiz o mesmo com a Angélique.

A vida certamente nos dava ingredientes e situações adversas, mas eu estava muito contente pelo resultado da minha receita ter sido o mais feliz possível.

Fim

Agradecimentos

Meu agradecimento mais que especial as minhas leitoras e meus leitores, que me motivam a continuar sempre, em particular a todos os participantes do meu grupo do *Whats* “Leitoras da Jessica”: Karina, Vi, Nil, Nay, Adriana, Tamires, Joana, Andy, Fernanda, Cleidiane, Vitória, Nadine, Margarete, Andressa, Lais, Luize, Cristiane, Giorgia, Cristina, Tatiane, Regina, Viviane, Sthefanie, Naiade, Thamires, Antônia, Vânia, Thifane, Blanc, Cida, Nalu, Lauryen, Fátima, Jefferson, Danusa, Lindinalva e todas as outras. Agradeço também aos leitores do Instagram e Facebook por todo o carinho e incentivo constante, em especial à Micheline, amiga, apoiadora e leitora pela qual tenho um carinho todo especial.

Obrigada, Aline e Rosi, por todo seu apoio, assessoria e suporte, cuja ajuda e trabalho duro são cruciais para cada um dos meus trabalhos.

Ana Roen, minha gratidão imensa por todo seu trabalho em cada revisão.

Gratidão a Patrícia, minha editora, e toda a equipe do Grupo Editorial Portal.

Agradeço meu marido, Gabriel, por estar sempre ao meu lado, me dando apoio incondicional.

Gratidão meus mentores e protetores espirituais! Que meu caminho até vocês sempre esteja aberto para que possam me orientar e proteger, para que eu tome as melhores decisões e nunca desista dos meus sonhos.

Sobre a autora

Jéssica Macedo é mineira, de 25 anos, e mora em Belo Horizonte, Minas Gerais. De dentro de seu apartamento, na companhia do marido e de três gatos, ela produz uma série de livros fantasia, romances de época e contemporâneos, e, principalmente, obras da literatura *hot*, um verdadeiro fenômeno editorial entre o público feminino, vendidas em um ritmo intenso nas plataformas digitais.

Iniciou sua experiência no mundo da escrita aos nove anos e tornou-se autora aos 14, com o lançamento do seu primeiro livro “O Vale das Sombras”. Com mais de 70 obras publicadas, é escritora, editora, designer e cineasta. Hoje, Jéssica é o principal nome de um time de 25 autores, a maioria mulheres, que compõem o catálogo do Grupo Editorial Portal, que ela fundou a partir das experiências vividas em outras editoras.

Acompanhe mais informações sobre outros livros da autora nas redes sociais.

Facebook - www.facebook.com/autorajessicamacedo/

Instagram - www.instagram.com/autorajessicamacedo/

Página da autora na Amazon -
<https://amzn.to/2MevtwY>



Outras obras

Pai por contrato: O bebê do bilionário



link => <https://amzn.to/3CfR3dj>

Sinopse:

O CEO da Ore Mineração é conhecido como o rei do minério e por isso detém toda a atenção da cidade. Eduardo Martins era sempre alvo das fofocas devido a vida promíscua que levava, mas um escândalo tornou a sua imagem ainda mais complicada diante de todos, inclusive de associados da empresa.

Para solucionar o problema, seu pai sugeriu que ele posasse como homem de família. Como se casar estava completamente fora dos seus planos, Eduardo decidiu ter um filho, mas para isso ele precisaria escolher uma mãe para o seu bebê.

Thainá levava uma vida difícil, trabalhando como garçanete de um bar e cuidando de um irmão viciado em drogas que morava nas ruas. Em meio a ameaças de traficantes e sem alternativas para conseguir dinheiro para pagá-los, ela aceita a proposta maluca do milionário para ter um filho com ele.

Uma garçanete virgem.

Um namoro falso.

Um contrato envolvendo um bebê.

Eduardo não queria se comprometer. Thainá precisava de ajuda. No entanto, ter um filho poderia ser mais transformador do que qualquer um dos dois poderia prever.

Resgatada Por Um Mafioso (Máfia Lansky Livro 1)



link => <https://amzn.to/2TzuPkC>

Sinopse:

Lucian Lansky, o chefe da máfia italiana nos Estados Unidos, é um homem que tem o que quer e forja o mundo à sua vontade. Entretanto sua vida sofre uma reviravolta quando a sua esposa é assassinada, deixando-o viúvo e com um filho pequeno. Três anos se passaram e a caça às bruxas não o levou ao federal responsável pela morte dela.

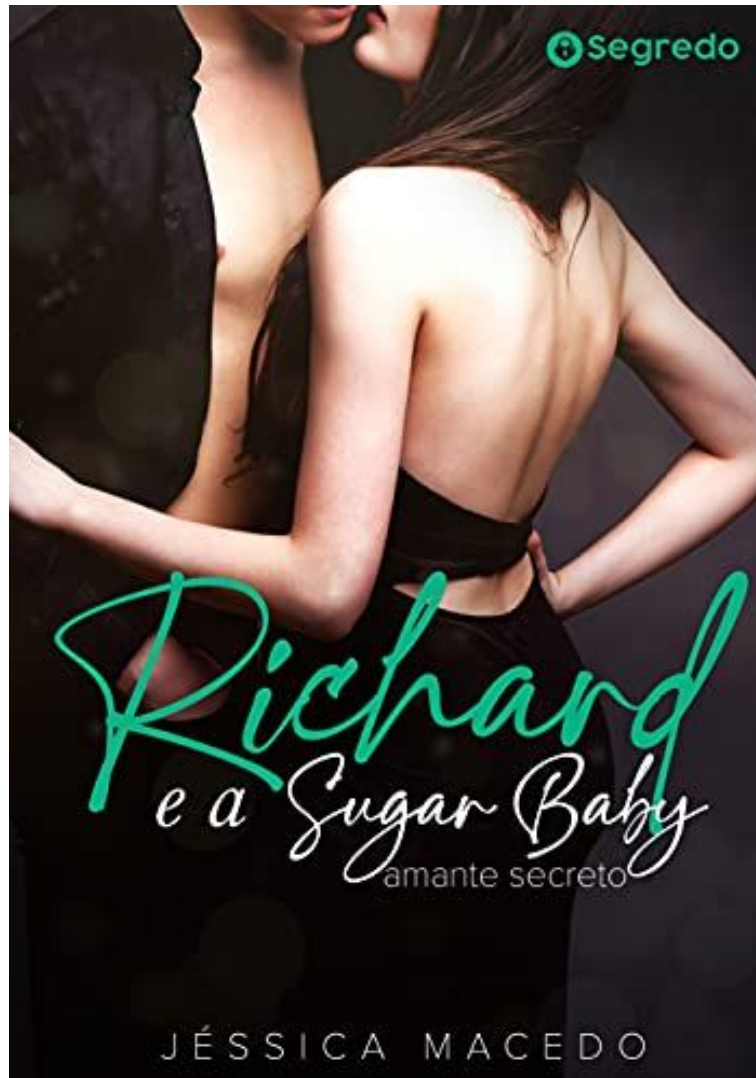
O que o poderoso mafioso não esperava era que, em uma noite, ele conheceria uma mulher que se tornaria seu maior objetivo,

mesmo ela estando ao lado dos seus inimigos.

Fragilizada, Fernanda Silva perdeu tudo com a morte dos pais, inclusive a confiança nela mesma. Minada por quem deveria protegê-la, não tinha ideia do abismo em que estava até Lucian encontrá-la.

Ela não deveria se deixar seduzir. Ele não deveria se aproximar dela, mas o mafioso não resistirá a mulher que poderá ser a sua ruína.

Richard e a Sugar Baby. Amante Secreto



link => <https://amzn.to/3fqM689>

Sinopse:

Richard Lewis tem dinheiro, status e é dono de uma das maiores companhias de tecnologia do Vale do Silício, mas ainda é solteiro. O CEO da Genesis Technology teve uma adolescência complicada. Discriminado pelos seus colegas de classe, se isolou, no entanto,

sua inteligência fez com que construísse um grande império. Mas um convite para uma reunião de ex-alunos o faria reviver momentos ruins. Para compor a imagem de homem bem-sucedido, seu melhor amigo contrata uma garota no site Sugar Baby para acompanhá-lo nessa festa.

Kimberly Adams é uma aluna dedicada e se esforça para ser a filha perfeita, pois quer orgulhar o pai, que se doou ao máximo para cuidar dela. Determinada a se destacar na faculdade, ela quer se ver longe de problemas, mas uma noite de loucura, proposta por sua melhor amiga, pode mudar sua vida toda. Desafiada, Kimberly aceita se inscrever em um site para se passar por sugar baby. Ela acreditava que seria apenas uma noite na companhia de um homem mais velho, sem qualquer intimidade, mas apenas um beijo será o suficiente para que ele fique em sua mente.

Eles não deveriam voltar a se ver, entretanto o que não esperavam era que na manhã seguinte entrariam na mesma sala de aula, Richard como professor, um hobby que cultiva há alguns anos, e ela, a aluna.

Eles são proibidos um para o outro, mas o amor não se importa com obstáculos...

Casados por Dever



link => <https://amzn.to/3nUJlhZ>

Sinopse:

Há cinco anos, Jefferson Miller abandonou a sua família e a empresa para viajar pelo mundo a bordo de um barco, em busca do próprio destino. Depois de tanto tempo distante, ele retornou a São Francisco para o enterro do seu irmão mais velho, aquele a quem

era mais apegado. Porém não esperava que, além da multinacional do ramo esportivo, Jonathan também deixasse uma esposa no testamento.

Para assumir a presidência da Athena, se tornar o CEO e trazer estabilidade para os negócios diante do mercado, ele precisou cumprir o último pedido do irmão: casar por meio de um contrato com sua viúva, uma mulher dez anos mais jovem que ele e que só conheceu no funeral.

Clare tinha o emprego dos sonhos trabalhando como secretária do melhor amigo, à frente de uma das maiores companhias esportivas do mundo, contudo um terrível acidente mudaria sua vida para sempre. Jonathan jurou protegê-la e então decidiu casar-se com ela, mas era um arranjo de fachada, que também o ajudaria a esconder sua orientação sexual.

Virgem e viúva, não esperava viver um grande amor ao se ver enredada em um segundo casamento de contrato, mas o que Clare e Jefferson não imaginavam é que poderiam encontrar o seu porto seguro nos braços um do outro.

Virgem Prometida (Máfia Bellucci Livro 1)



link => <https://amzn.to/2OiuaRR>

Sinopse:

Marco Bellucci é o grande chefe da máfia italiana. Antes de assumir seu posto, ele foi criado com regras rígidas de sangue e honra. Ele era um líder que governava com pulso de ferro e sabia que não existia nada mais importante do que a família. Sua vida sempre foi em função da máfia e ele sabia que cada decisão tinha que ser feita pensando nos seus, inclusive o matrimônio.

Em pleno século 21, casamentos ainda eram contratos, mulheres não tinham voz e eram tratadas como peça de barganha que favoreciam homens da máfia. Laís tinha apenas onze anos quando ficou noiva em um acordo que traria proteção à sua família em Portugal e beneficiaria os italianos. Era apenas uma menina quando se tornou posse do chefe. Levada à Itália, foi colocada em um convento até que completasse vinte e um anos e pudesse se casar com um homem quinze anos mais velho e líder de uma das maiores organizações criminosas do mundo.

A virgem prometida só conhecia o que falavam do seu futuro marido, a pior face do cruel criminoso e, a caminho do casamento, ela tomou a arriscada decisão de fugir, para descobrir que a vida fora do convento não era nada do que ela imaginava.

Ao ser deixado no altar por uma jovem ingênua que não tinha ideia do que está fazendo, Marco tinha duas escolhas: continuar a aliança e encontrá-la ou começar uma guerra.

Sedução por Vingança



link => <https://amzn.to/38kNG82>

Sinopse:

Philip Carter é o poderoso CEO da Carter Atlantics, uma empresa multibilionária com atuação no mundo todo. Rico, poderoso, frio e solitário, ele tem tudo aos seus pés, mas nem sempre foi assim... Órfão, precisou conquistar tudo por seus próprios méritos e não deixar que nada nem ninguém ficasse no seu caminho.

Vitória vive em um dos bairros mais pobres de Nova York, perdeu a mãe muito jovem, a irmã mais nova foi tirada do seu convívio, além de ser obrigada a aturar o pai alcoólatra, que a fez crescer

acreditando que a culpa de todas as tragédias de sua vida era do CEO da Carter Atlantics.

Com o objetivo de se vingar de Philip Carter, ela vai se tornar sua secretária e usar todas as suas armas de sedução para descobrir o ponto fraco daquele homem que ela acreditava ser o culpado de todas as mazelas da sua vida.

Philip não queria se envolver com a secretária onze anos mais nova, mas a convivência, o desejo, as insinuações e toda a atração tornarão impossível conter seus instintos. O que começa com um desejo por vingança pode mostrar a dois corações feridos o que realmente é o amor.

Minha por Contrato



link => <https://amzn.to/3kFRDXT>

Sinopse:

Casar era algo que eu nunca tinha imaginado fazer. A vida de solteiro me proporcionava muitos benefícios e eu usufruía muito bem de todos eles.

Nasci numa família influente, dona de uma companhia aérea, e sempre tive tudo, mas a política me deu poder. Porém, sempre fui um homem muito ambicioso.

Eu queria mais, almejava a presidência do país.

Acreditava ser a melhor escolha, não apenas pelo meu ego, mas pelos meus feitos políticos. Entretanto, muitos membros do partido

pareciam discordar da minha candidatura.

Não era o homem perfeito aos seus olhos, mesmo com todo o dinheiro e influência. Eles preferiam outro candidato, alguém que prezasse pelos valores tradicionais, um homem comprometido com a família.

Eu precisava ser casado.

Mas o dinheiro poderia solucionar tudo, sem que eu tivesse que mudar meu estilo de vida. Um casamento por contrato era o que eu precisava.

Penélope é doze anos mais jovem do que eu, ingênua, pobre e facilmente moldável. Ao meu lado, ela seria a decoração perfeita. Nunca teve nada e iria se comportar para manter o mundo que oferecia a ela.

Eu controlaria tudo, como sempre controlei. Mas não poderia prever que ela seria capaz de se infiltrar nas barreiras do meu coração.

O CEO Viúvo e a Babá Virgem



link => <https://amzn.to/3kFRDXT>

Sinopse:

Um viúvo envolto em sombras, uma jovem babá cheia de luz e um bebê que precisava de amor e cuidado.

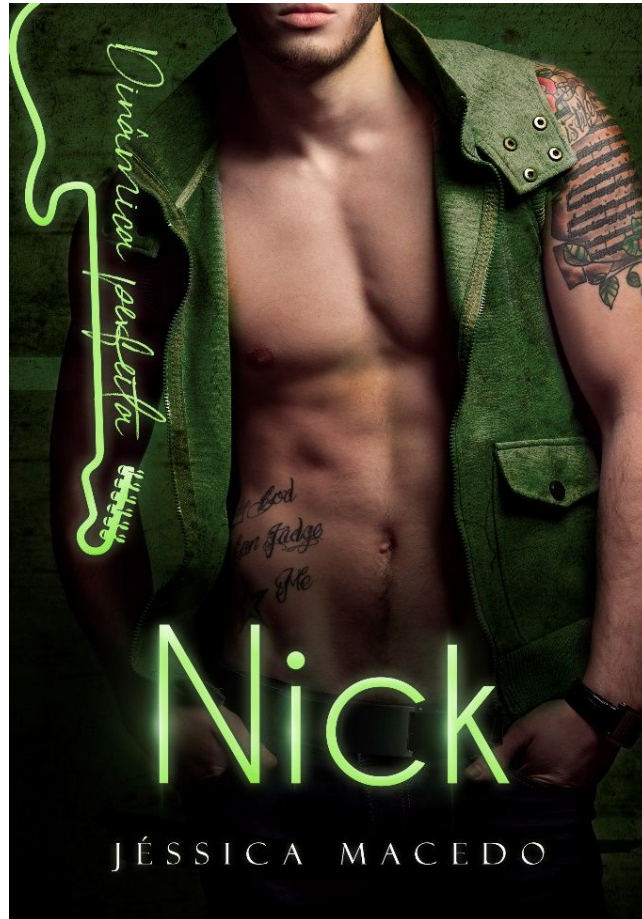
O CEO da Alliance Cars, Bernard Smith, já perdeu demais. Ele se enclausurou na sua própria dor e afastou a todos. Viúvo, ele se dedicou a tudo o que mais importava na vida: seu filho. Assombrado pelo passado, ele não estava disposto a seguir em frente e a única pessoa que mantém por perto é a governanta, que cuidou dele

desde menino. Porém, após um AVC, seu único apoio não pôde mais ajudá-lo a cuidar do filho.

A jovem estudante, Júlia Oliveira, estava determinada a fazer o intercâmbio dos sonhos na Inglaterra. Para isso, ela encontrou o emprego como babá em uma mansão, com um dono recluso e um bebê fofo.

Ela não tinha vivido grandes romances, ainda era virgem, mas Bernard, apesar de quinze anos mais velho, é o homem mais bonito que já tinha visto e chamava muito a sua atenção. Embora a atração entre os dois seja inegável, um final feliz pode ser um grande desafio para ambos, pois Bernard não acredita que merece uma segunda chance...

Nick (Dinâmica Perfeita)



link => <https://amzn.to/3dbzDT0>

Sinopse:

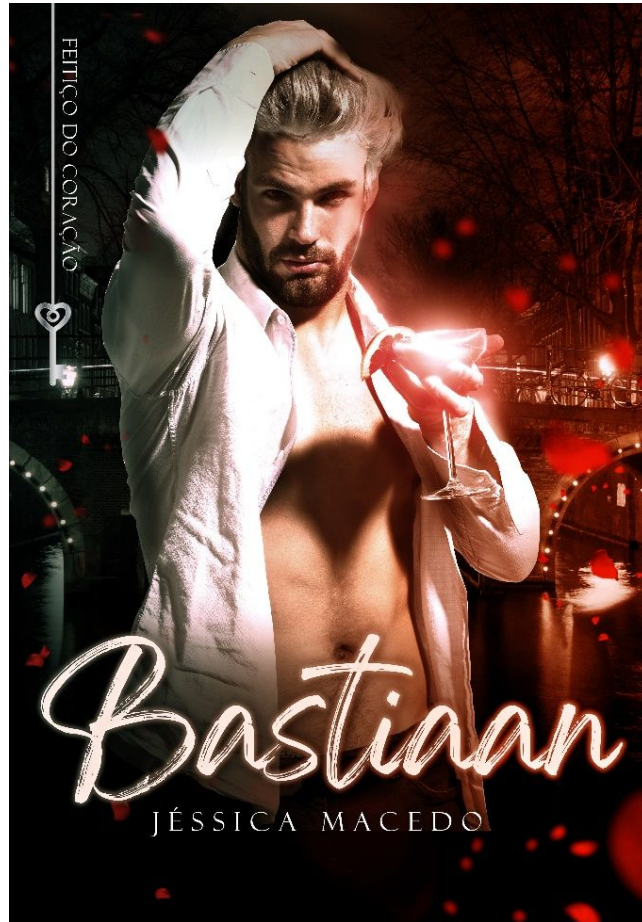
Nick Rodrigues sempre foi o garoto problema, a ovelha negra. Contrariando tudo o que os seus pais queriam, ele se tornou o guitarrista da banda Dinâmica Perfeita. Porém, o roqueiro badboy, ao lado dos dois melhores amigos, encontrou o estrelato, fez fama pelo mundo e conquistou tudo o que sempre quis, ou quase tudo...

A sintonia da banda está prestes a ser bagunçada, porque ele deseja exatamente o que não deveria cobiçar: a irmã do melhor

amigo, a caçula que o vocalista defenderia a qualquer preço, inclusive com o fim da banda.

Gabriela sempre foi certinha demais e, ao contrário do irmão, é tudo aquilo que os pais esperavam dela. Dedicada, amável, responsável e virgem, ela não queria atrapalhar o maior sonho do irmão, mas será muito mais difícil não ser atraída pelo caos em forma de roqueiro do que ela imaginava.

Bastiaan (Feitiço do Coração)



link => <https://amzn.to/350AJOR>

Sinopse:

Grosseiro, solitário, insensível e cruel Bastiaan Wass escolheu as trevas e servia bem esse lado da magia. O bruxo do clã do sangue é dono de uma boate em Amsterdam, que atrai pessoas do mundo todo pelos drinks que serve, verdadeiras poções, sua vertente mágica favorita.

Bastiaan nunca se envolveu com nada nem com ninguém, diz coisas estúpidas e cruéis, sem se importar com quem machuca. Ele jamais se aliaria à rainha da luz cuja autoridade não reconhece, por isso terá seus poderes retirados até que aprenda a ser bom, a amar.

Contudo, ele já havia trancado seu coração e destruído a chave. Blindara-se contra tais sentimentos e prometera, junto com seus amigos Áthila e Thorent, jamais se apaixonar.

A magia era tudo o que o definia, e sem ela Bastiaan se vê perdido. Mas estaria ele disposto a pagar o preço para tê-la de volta?

Agatha tinha uma vida pacata, com pais super protetores e um irmão mais novo. Porém, uma viagem a Amsterdam mudará tudo.

Perseguidores, que desconhece, irão separá-la de sua família e ela encontrará abrigo em uma boate cujo dono é temido por todos. Lá, irá descobrir que o mundo é muito mais do que ela imaginava e sua vida mudará para sempre.

A Filha Virgem do Meu Melhor Amigo



link => <https://amzn.to/3k1hYj6>

Sinopse:

Gutemberg Toledo, Guto, sempre se destacou pelo talento com os números, e transformou um mercadinho familiar em uma rede de supermercados espalhada por todo o país. Astuto, determinado, e um empresário incrível, ele conquistou tudo, menos o que mais ansiava: uma família. Ao se divorciar, esse sonho parecia estar mais distante do que nunca.

Sem laços familiares fortes, tudo o que ele tem de mais importante é a amizade de décadas com o sócio. O que ele não esperava era que

a filha do seu melhor amigo, dezoito anos mais jovem, nutrisse sentimentos por ele, um amor proibido.

Guto vai lutar com todas as forças para não ceder à tentação. Dentre todas as mulheres do mundo, Rosi deveria ser intocável; não era permitida para ele. Porém, às vezes é difícil escapar de uma rasteira do desejo.

Eternamente Minha



link => <https://amzn.to/3aGD7wv>

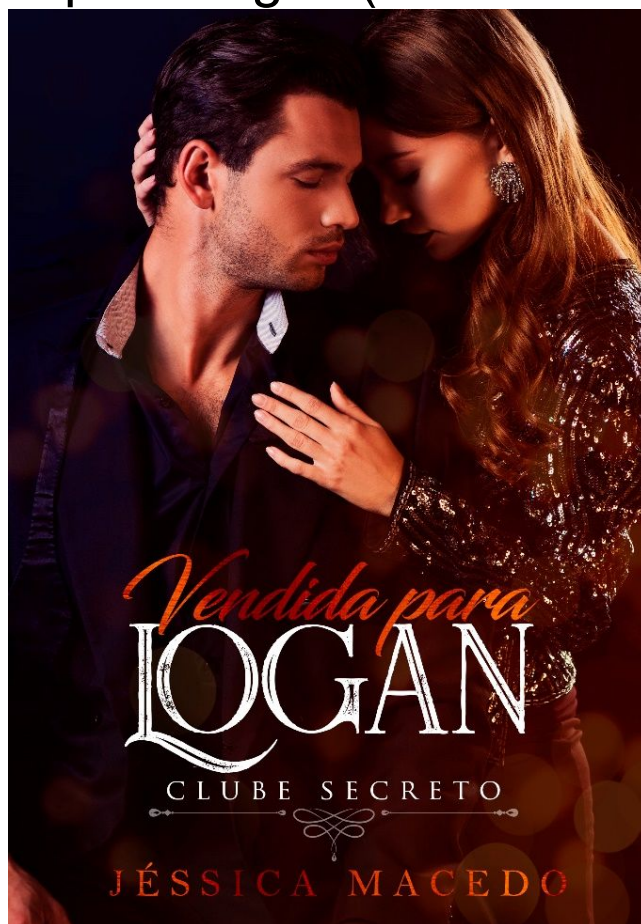
Sinopse:

Vitor Doneli era um playboy e o herdeiro de um império, mas ele decidiu desafiar o pai e traçar o próprio caminho, antes que o destino pesasse sobre ele e fosse obrigado a se tornar o CEO da empresa da família. Cursando Direito em uma faculdade pública, cercado de amigos e mulheres de vários níveis sociais abaixo do dele, terá a sua realidade de cafajeste virada de cabeça para baixo quando uma caloura atravessar o seu caminho.

Cíntia deixou sua casa, sua família e seu namorado e foi estudar em uma cidade grande. Determinada a se tornar uma advogada, ela não queria um relacionamento, mas o destino estava prestes a surpreendê-la. Cíntia tentou e lutou com todas as forças para não se aproximar, não se apaixonar... Vitor era o completo oposto de tudo o que desejava. Um jovem mimado e rico, que a provocou, enlouqueceu e roubou seu coração.

Uma gravidez inesperada apenas intensificou o amor entre eles. Eram o destino um do outro, ou acreditavam nisso. Porém, o coração deles será partido, promessas serão quebradas, e todo o amor que viveram se tornará uma triste lembrança do passado na qual se negarão a desistir...

Vendida para Logan (Clube Secreto)



link => <https://amzn.to/3fxXl6J>

Sinopse:

Logan Mackenzie é o herdeiro de um império secular que rege com maestria. No entanto, por trás do excêntrico e recluso homem de negócios, que vive em um isolado castelo no interior da Escócia, há muitos segredos e desejos obscuros. Ele não se rende a uma única mulher, tem várias, e com elas explora a sexualidade ao máximo.

Um convite inesperado o levará ao exclusivo Clube Secreto, um lugar onde todos os pecados podem ser comprados. O que não imaginava era que se depararia com um leilão de mulheres. Logan nunca foi uma alma caridosa, mas até os mais egoístas vivem um

momento de altruísmo. Ele decide salvar uma delas, e por tê-la comprado tem direito a tudo, inclusive a libertá-la.

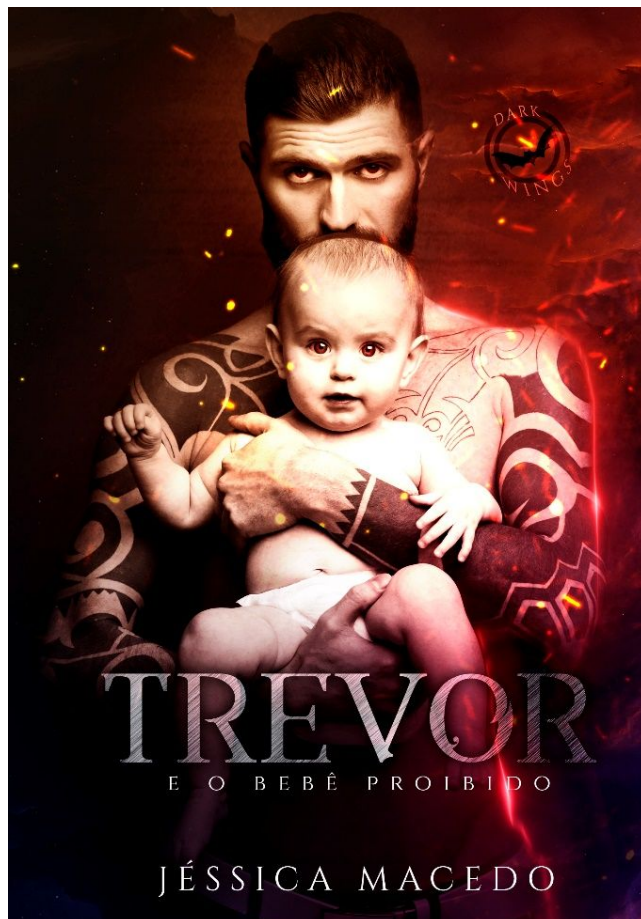
Camila já havia experimentado o medo nas suas piores formas. Lançada a um terrível destino, não esperava acordar no jato particular de um milionário a caminho do nada.

Ele já havia feito a sua cota de boa ação, só esperava que ela fosse embora, mas o que se fazer quando Camila se recusa, pois não há para onde ir? O lar que ela tinha havia se transformado em pesadelo e aquele que imaginou que cuidaria dela, roubou sua inocência e a vendeu para o tráfico humano.

Logan não queria protegê-la, não estava disposto a baixar seus muros por mulher nenhuma. Porém, enquanto ele a afasta, Camila descobre o lado mais obscuro daquele homem frio, mas também vai perceber que existe uma chama que pode salvar ambos.

ATENÇÃO! Essa história contém cenas impróprias para menores de dezoito anos. Contém gatilhos, palavras de baixo calão e conduta inadequada de personagens.

Trevor e o Bebê Proibido (Dark Wings Livro 1)



link => <https://amzn.to/2YPhhAw>

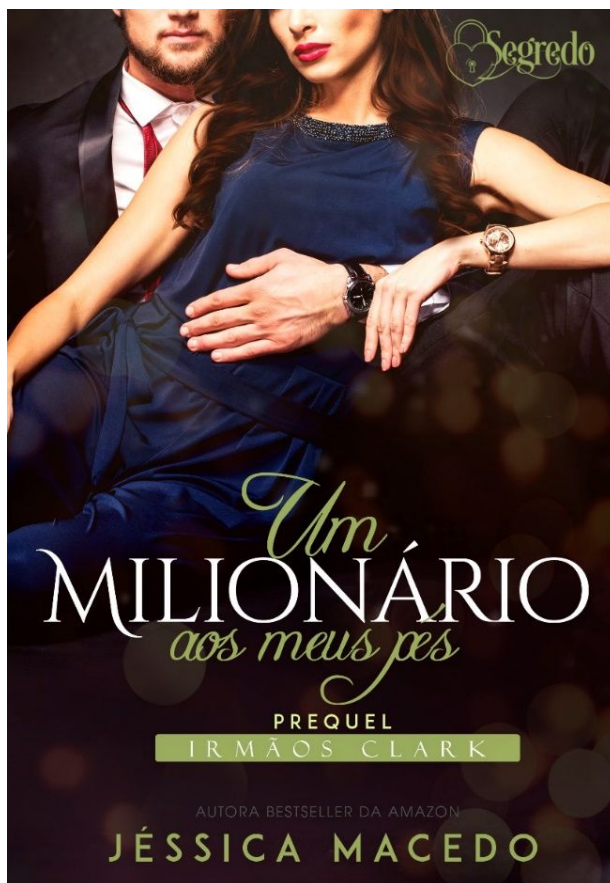
Sinopse:

Diana era o motivo de orgulho para os seus pais adotivos. Esforçada, estudiosa, cursava medicina, com um futuro muito promissor, mas um convite para visitar o Inferno vai mudar tudo. O Inferno era apenas um bar pertencente a um moto clube, ao menos era a imagem que passava a quem não o frequentava. Porém, ele era uma porta para o submundo, um lugar de renegados, como Trevor. Um dos irmãos que lidera o Dark Wings é a própria escuridão, nascido das trevas e para as trevas, que acabará no caminho de Diana, mudando a vida da jovem para sempre.

Uma virgem inocente que foi seduzida pelas trevas...

Uma noite nos braços do mal na sua forma mais sedutora, vai gerar uma criança incomum e temida, além trazer à tona um passado que Diana desconhecia, e pessoas dispostas a tudo para ferir seu bebê.

Um Milionário aos Meus Pés (Irmãos Clark Livro 0)



link => <https://amzn.to/2WcewsR>

Sinopse:

Harrison Clark abriu uma concessionária de carros de luxo em Miami. Se tornou milionário, figurando na lista dos homens mais ricos do Estados Unidos. O CEO da Golden Motors possui mais do que carros de luxo ao seu dispor, tem mulheres e sexo quando assim deseja. Porém, a única coisa que realmente amava, era o irmão gêmeo arrancado dele em um terrível acidente.

Laura Vieira perdeu os pais quando ainda era muito jovem e foi morar com a avó, que acabou sendo tirada dela também. Sozinha, ela se viu impulsionada a seguir seus sonhos e partiu para a aventura mais insana e perigosa da sua vida: ir morar nos Estados Unidos. No entanto, entrar ilegalmente é muito mais perigoso do que ela imaginava e, para recomeçar, Laura viveu momentos de verdadeiro terror nas mãos de coitotes.

Chegando em Miami, na companhia de uma amiga que fez durante a travessia, Laura vai trabalhar em uma mansão como faxineira, e o destino fará com que ela cruze com o milionário sedutor. Porém, Harrison vai descobrir que ela não é tão fácil de conquistar quanto as demais mulheres com quem se envolveu. Antes de poder tirar a virgindade dela, vai ter que entregar o seu coração.

Quando a brasileira, ilegal nos Estados Unidos, começa a viver um conto de fadas, tudo pode acabar num piscar de olhos, pois nem todos torciam a favor da sua felicidade.

Uma Virgem para o CEO (Irmãos Clark Livro 1)



link => <https://amzn.to/2vYccvj>

Sinopse:

Dean Clark nasceu em meio ao luxo e o glamour de Miami. Transformou a concessionária de carros importados que herdou do pai em um verdadeiro império. Ele é um CEO milionário que tem o que quer, quando quer, principalmente sexo. Sua vida é uma eterna festa, mas sua mãe está determinada a torná-lo um homem melhor.

Angel Menezes é uma moça pacata e sonhadora que vive com a mãe em um bairro de imigrantes. Trabalhando como auxiliar em um hospital, sonha em conseguir pagar, um dia, a faculdade de

medicina. As coisas na vida dela nunca foram fáceis. Seu pai morreu quando ela ainda não tinha vindo ao mundo, e a mãe, uma imigrante venezuelana, teve que criá-la sozinha. Porém, sempre puderam contar com uma amiga brasileira da mãe, que teve um destino diferente ao se casar com um milionário.

Laura mudou de vida, mas nunca deixou para trás a amiga e faz de tudo para ajudar a ela e a filha. Acredita que Angel, uma moça simples, virgem, e onze anos mais jovem, é a melhor escolha para o seu filho arrogante e cafajeste, entretanto, tudo o que está prestes a fazer é colocar uma ovelhinha ingênua na toca de um lobo.

Dean vai enxergar Angel como um desafio, ele quer mais uma mulher em sua cama e provar que ela não é virgem. No jogo para seduzi-la, ganhará um coração apaixonado que não está pronto para cuidar...

Será que o cafajeste dentro dele se redimirá ou ele só destruirá mais uma mulher?

Jéssica Macedo possui vários outros títulos na Amazon, confira!

[Clique aqui](#)